

# Almanaque de SANTOS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos

ANO 1 - Nº 1



Ministério da Cultura



ISSN 2179-6629



00001



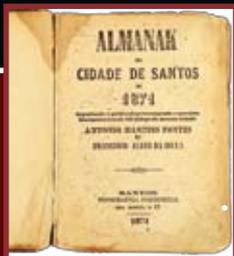
R\$ 12,00

9 772179 662006



## Enfim, água pura!

Há 140 anos Santos se preparava para receber a pura água dos mananciais da Serra do Mar



**Almanaques**  
Uma história de aventura e conhecimento



**Urubupunga**  
Oásis tropical na orla urbana



**Remo**  
Glória e decadência do primeiro esporte santista

# Palavra do Editor

Peço licença ao leitor, neste número inaugural da revista Almanaque de Santos, para escrever como um autêntico apaixonado, como tantos outros conterrâneos, por esta terra repleta de lutas e glórias. Ao longo da vida, acostumei-me a escutar de não-santistas o quanto somos soberbos em relação à nossa “pátria”. Que, quando falamos de nossa terra, em especial de sua história, de suas conquistas, costumamos nos expressar com orgulho exagerado, adotando uma

postura extremada de bairrismo, sugerindo até que nós, santistas, de nascimento ou adoção, sejamos os mais bairristas de todos os brasileiros. Bom, quanto a este pré-julgamento, eu pondero: Independente das razões, qual paixão não é intensa? Qual admiração não é fundada? Qual orgulho não é legítimo?

Ora, afinal Santos é uma terra privilegiada no cenário brasileiro. Que cidade, não capital, ocupou e ainda possui tanto espaço na história do País?

Se comparássemos nosso papel histórico diante da contribuição oferecida pela maioria das capitais, teríamos uma folha curricular, ou portfólio, mais gabaritado (sem exagero!).

Nosso passado é pleno de situações que nos posicionam de forma indelével na trajetória de desenvolvimento do Brasil. Basta olharmos para trás. Surgimos como núcleo de povoação pouco tempo depois de fundada a primeira vila colonizadora do País, nossa querida

vizinha São Vicente. E, rapidamente, até pela localização mais privilegiada no “corpo” da ilha onde nos formamos, alcançamos status de maior relevância. Logo, abrigamos um porto que colocou Santos no Mapa Mundi a partir do século XVI. Testemunhamos, desde então, o crescimento do Brasil, bem como todos os seus maiores momentos. Fomos o berço de grandes personagens, homens que contribuíram, sobremaneira, para a evolução nacional e até mesmo da humanidade, como o padre Bartholomeu de Gusmão, conhecido mundialmente como o primeiro cientista das Américas; o seu irmão, Alexandre de Gusmão, o primeiro diplomata brasileiro, responsável direto pelo tratado que permitiu ao Brasil ostentar suas dimensões continentais; e, é claro, os irmãos Andradas, em especial José Bonifácio, o Patriarca da Independência, um dos maiores intelectuais da vida nacional. E tantos e tantos outros.

Fomos vanguardistas em quase tudo o que ocorreu ao longo da história do País: na colonização, na exploração do interior, na Independência, na abolição da escravidão, na República, na imigração, no comércio do café, na luta trabalhista, no esporte, na cultura, e por aí vai. Há tanto o que falar, que é justamente esse o maior motivo para a existência da revista Almanaque de Santos.

Nos últimos anos tenho observado o quanto a maior parte dos santistas desconhece sua própria história. Diante disso, indaguei-me: Por que? Pouca divulgação dos grandes fatos do passado? Pouco espaço na mídia? Nada disso!



**Sergio Willians**  
editor e criador deste  
Almanaque

Os jornais da cidade, principalmente A Tribuna, têm investido em reportagens de caráter histórico. O mesmo ocorre na internet, com destaque ao excelente trabalho capitaneado pelo jornalista Carlos Pimentel, com o seu Novo Milênio. Nas emissoras de TV locais, vez em quando há uma ou outra matéria que explora o passado de nossa região.

Exposta essa constatação, pergunto: Por qual motivo a maior parte dos santistas ainda se encontra alheia à própria história?

Não há respostas absolutas para tal questionamento, apenas deduções. Entre elas, a de que precisamos investir em outros tipos de mídia e formas de abordagem.

Vejamos: a mídia jornal tem uma proposta diária (em alguns casos, semanal), possui vários focos temáticos (esporte, política, economia, entre outros) e usa um tipo de papel pouco atrativo para quem gosta de guardar, colecionar, colar, etc. Além do mais, por conta da periodicidade dinâmica, o leitor pode deixar de ter contato com a reportagem histórica devido a vários fatores: falta de tempo, por estar viajando, por não ter comprado o jornal justamente no dia em que saiu a reportagem, etc. Se o leitor não der a devida importância para o texto, o jornal fatalmente irá para o lixo no final da tarde, pois tem um prazo de validade muito curto.

E quanto à internet? Bom, mesmo sendo um campo vasto para o acúmulo de informações, o meio eletrônico, neste caso, tem uma funcionalidade parecida com a de uma biblioteca pública, ou seja, só exhibe aquilo que lhe pedem. Outro revés é o hábito de leitura em tela, pouco apreciado. E, por final, a dependência de equipamentos, fontes de energia e conexões estáveis. Além do que, apesar de já possuímos tec-

nologia, são poucos os que se sentem à vontade em ler textos digitais no banheiro, no ônibus, no banco da praça ou qualquer outro lugar que não seja à frente do computador.

E a TV? Bem, essa depende de se estar no lugar certo na hora certa. E que não seja no banheiro, bem no momento da exibição da reportagem histórica.

O que quero dizer com tudo isso? Que esta revista agrega ao rol de mídias que divulgam a história da cidade, contemplando os santistas onde as outras não conseguem em sua plenitude. Oferecemos um papel de melhor qualidade, que pode ser guardado, colecionado, para a posteridade; temos a mobilidade que permite ao leitor absorver o conhecimento na hora e lugar que quiser; temos disponibilidade de espaço e podemos oferecer um visual agradável, moderno, que atende aos gostos mais refinados e um foco definido, história e atualidade, no âmbito da geografia e da evolução santista, missões intrínsecas do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, que vem reassumindo seu papel difusor, através deste e outros projetos.

Espero, de coração, que apreciem este número de estreia do Almanaque de Santos.

Para finalizar, quero agradecer à Sabesp por apostar neste projeto de difusão, que pretende levar aos santistas o conhecimento mais amplo de sua história e realidade. E aos visitantes, o que é nossa "pátria", com bastante humildade e orgulho. Agradecer também o Governo Federal que, por intermédio do Ministério da Cultura, vem apoiando importantes programas de difusão cultural pelo Brasil afora. Aqui estamos fazendo nossa parte, em prol do engrandecimento intelectual de nossa sociedade. Um forte abraço a todos!

# Almanaque de SANTOS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos

**EDITOR E DIRETOR DO PROJETO**  
Sergio Willians

**SUBEDITORA**  
Viviane Pereira

**COORDENADOR DE ARTE GRÁFICA**  
Eduardo Fernandes

**COORDENADOR DE PESQUISA**  
Waldir Rueda Martins

**COLABORADORES EM ILUSTRAÇÕES**  
Da Costa, Dmitri Podlujny

**JORNALISTAS COLABORADORES**  
Ronaldo Vaio, Paula Quagliato

**OUTROS COLABORADORES**  
Sergio Furtado (fotografias aéreas)

**IMAGENS HISTÓRICAS NESTA EDIÇÃO**  
Fundação Arquivo e Memória de Santos - FAMS  
Acervos Laire José Giraud, José Carlos Silveiras, Waldir Rueda, IHGS, Eduardo Coelho.

**IMAGENS CONCEITO**  
Shutterstock

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**  
Sergio Willians

**AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**  
Aos funcionários da Hemeroteca Municipal de Santos e aos funcionários da Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio

**AUTOR CORPORATIVO**  
Instituto Histórico e Geográfico de Santos  
Avenida Conselheiro Nébias, 689  
Boqueirão - Santos - SP - CEP 11045-003  
Tel (13) 3222-5484 - editor@ihgs.com.br  
www.ihgs.com.br



Ministério  
da Cultura



# Palavra do Instituto Histórico e Geográfico de Santos

Caro leitor

É com imensa satisfação que apresentamos o primeiro número do Almanaque de Santos - a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Preenchendo uma lacuna de mais de quatro décadas, visto que a última revista do IHGS foi publicada no longínquo ano de 1966, quando era presidente o Dr. Edgar Ferraz Navarro, a nova publicação atende a dois objetivos da atual administração. Primeiramente, o IHGS passa a disponibilizar mais um instrumento de informação, onde serão encontrados artigos de primeira qualidade e com conteúdo repleto de curiosidades sobre a história de Santos e região. Desta forma, os aficionados em história, ciências e conhecimentos gerais estarão ainda mais próximos do Instituto, seja pela revista, pelo site ou participando das palestras e eventos realizados periodicamente em nossa sede. Por outro lado, o Instituto Histórico e Geográfico de Santos dá mais um passo para consolidar as mudanças tão necessárias para sua revitalização e modernização, adequando-se aos novos tempos sem, contudo, perder sua essência.

Uma dessas mudanças, a alteração do Estatuto Social por exigência legal, adequando-o ao Código Civil, regularizou a situação do IHGS, possibilitando, assim, a realização de convênios e parcerias, como a que viabilizou a publicação do Almanaque de Santos pela Sabesp, por meio dos benefícios concedidos pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet.

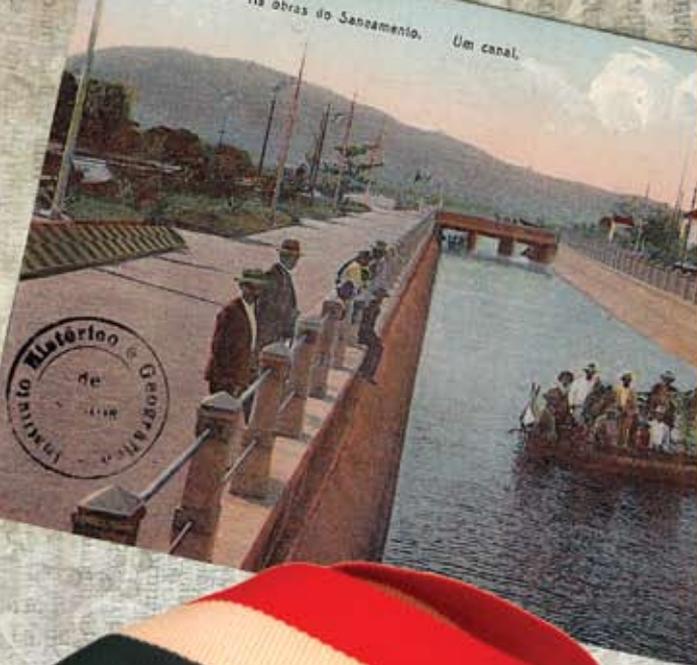
Ao completar seu 73º aniversário, o Instituto Histórico e Geográfico de Santos mostra para a Sociedade de toda a Baixada Santista que o tempo só lhe faz bem. Renovado, está cada vez mais presente no cotidiano da região, promovendo eventos, comemorando datas e resgatando fatos que marcaram a nossa história.

Acreditamos que a nova revista será uma referência para quem quiser aprender ou relembrar fatos interessantes. Seu texto leve, recheado de imagens raras e interessantes são um diferencial para as publicações do gênero, o que certamente faz da leitura um prazer, estimulando, principalmente, as novas gerações a este hábito.

Por fim, agradecemos à Sabesp, por acreditar neste projeto e apoiá-lo integralmente, reconhecendo sua importância para a Sociedade que poderá usufruir de um produto qualificado e para o IHGS que cumprirá mais um pouco da sua missão de produzir e divulgar material de interesse para a preservação da memória regional.

Boa leitura a todos.

**Paulo Gonzalez Monteiro**  
**Presidente do IHGS**





O Instituto Histórico e Geográfico de Santos é uma entidade de caráter cultural, educativo e científico, sem finalidade lucrativa, criada em 19 de janeiro de 1938 com o propósito de assegurar a preservação da memória da cidade, bem como auxiliar e estimular a produção de pesquisas e trabalhos que tenham o objetivo de perpetuar a rica história santista, além de discutir aspectos da sociedade e os inerentes à geografia e suas ciências correlatas, como a cartografia, hidrografia, geologia, astronomia, demografia, entre diversos outros. Esta revista é um marco na trajetória do IHGS, consolidando-o como um dos institutos do gênero de maior força e respeito no Brasil.



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTOS**  
Fundado em 19 de janeiro de 1938

**Diretoria triênio 2011-2013**

**Presidente:** Paulo Gonzalez Monteiro - **Vice Presidente:** Adelson Portella Fernandes

**Secretário:** Mauro Lúcio Alonso Carneiro - **Segundo Secretário:** Carolina Ramos

**Tesoureiro-Geral:** Mario Azevedo Alexandre - **Segundo Tesoureiro:** Marília Gallotti Bonavides de Souza

**Diretor de Patrimônio:** Maria Aparecida Franco Pereira - **Segundo Diretor de Patrimônio:** Tânia Pratas Guimarães Rios

**Diretor de Comunicação:** Raul Christiano de Oliveira Sanchez - **Segundo Diretor de Comunicação:** Aldo João Alberto

# Índice

08

## É o que não pode ser que não é

O Palácio José Bonifácio, atual sede da Prefeitura de Santos, todos conhecem. Mas você sabia que ele poderia ser bem diferente? E até ter outro endereço? Conheça as caras que não vingaram da sede do executivo santista



14

## A História dos Almanques

Desde 1871 os santistas se divertem e aprendem com as miscelâneas divulgadas neste tipo de publicação, cujo conceito existe desde a época dos faraós



30

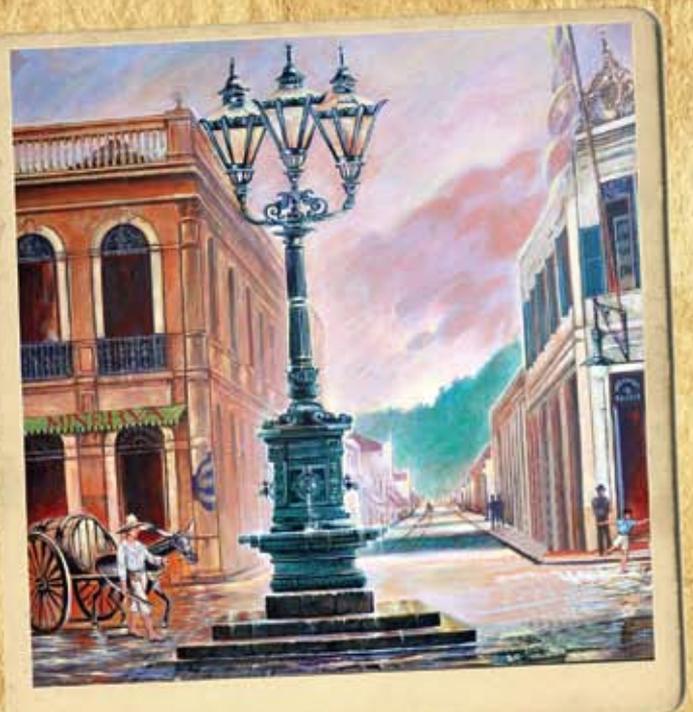
## As igrejas perdidas de Santos

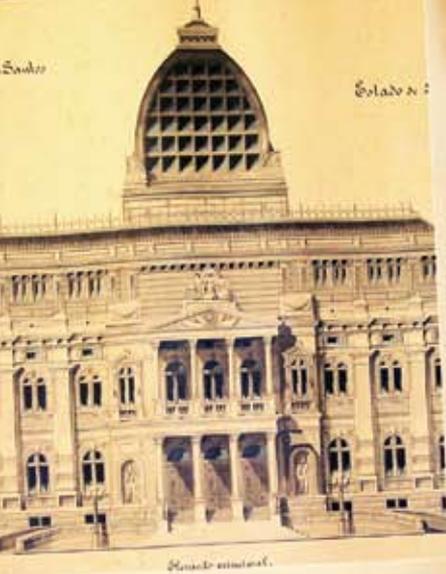
Elas não resistiram ao tempo, ao progresso, ao descaso e outros fatores diretamente relacionados aos santistas do passado. Ao menos restaram suas histórias, que ajudam a compreender a cidade de Santos em vários momentos

46

## Enfim, água pura!

Há 140 anos, Santos estava concluindo o moderno sistema de captação e distribuição da água de Pilões, dando início à Era da canalização residencial. Antes das casas, porém, foram os chafarizes os primeiros a verter o precioso líquido da Serra do Mar





**58**

### **Urubuqueçaba - O Heróico Oásis Tropical na Orla Urbana**

Intacto desde os tempos da colonização, a ilha resistiu aos planos mais mirabolantes que a cidade já viu

**74**

### **Remo: Glória e Decadência do Primeiro Esporte Santista**

Do pioneirismo ao fundo do poço, o remo de Santos tem uma trajetória marcada por verdadeiras epopéias



**90**

### **Associação Comercial de Santos**

Uma das mais antigas e influentes do Brasil, a ACS até já governou o município (por 15 dias, em dezembro de 1891). Com 140 anos completados, a entidade ainda mostra seu poder político e econômico, reunido as maiores forças comerciais santistas

# É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO É

A sede da municipalidade santista é também um dos principais cartões postais da cidade. O majestoso Palácio José Bonifácio reina imponente, desde 1939, na sempre ativa - e alta - Praça Mauá, coração e centro nervoso de Santos. E, mesmo passados mais de 60 anos, o mesmo prédio que abriga a Prefeitura e parte da Câmara Municipal, incluindo a sala de sessões, mantém sua magia e ainda impressiona santistas e visitantes, tanto pela sua arquitetura como por sua história. Realmente é difícil ignorar a beleza desse monumento, mesmo àqueles que já se acostumaram com sua presença.

Mas você sabia que, por duas vezes, a cara da Prefeitura santista poderia ser diferente? Que o endereço era para ser outro, que não a Praça Mauá? Ou que ao invés das estátuas de Hermes e Minerva, poderíamos ter esculturas de Braz Cubas e Martim Afonso de Souza dando as boas-vindas aos visitantes? Ou então enormes colunas gregas com águias imperiais impondo respeito?

Está achando brincadeira? Não é, não! Antes de bater o martelo

num projeto definitivo, os santistas discutiram por várias vezes como e em que local construir a sede da administração municipal. A ideia era se livrar, de uma vez por todas, do incômodo aluguel de um dos blocos dos casarões do Largo Marquês de Monte Alegre (em frente à Estação de Trem do Valongo), utilizado como sede da Prefeitura e da Câmara Municipal desde 1895.

A primeira tentativa de viabilizar o Paço, assim, aconteceu no ano de 1903, quando a então Intendência Municipal abriu edital público para a recepção de projetos arquitetônicos visando a construção de uma edificação na área frontal ao Conjunto do Carmo, na atual Praça Barão do Rio Branco. Dez projetos foram apresentados, mas só dois foram escolhidos: O do engenheiro alemão Maximiliano Emílio Hehl, o mesmo que projetaria mais tarde a Catedral de Santos e o de seu contemporâneo germânico Oscar Kleinschmidt, que impressionou a comissão julgadora pela suntuosidade da sua proposta. Ambos projetos, porém, acabaram não sendo colocados em

prática e o sonho da mudança teve de ser adiado.

Em 1927, a Prefeitura já tinha a posse da área defronte à Praça Mauá e, assim, havia mudado de ideia quanto ao local de sua futura sede. Neste ano surgiu uma segunda proposta, um pouco mais simples que as apresentadas em 1903. Ainda assim, faltava "grana" para a coisa andar.

Só no ano de 1936 é que surgiu a proposta que, finalmente, sairia do papel para tomar vida e fazer de Santos uma das poucas cidades brasileiras a ostentar um verdadeiro palácio como sede de seu poder executivo.

Bom, essa carinha você já deve conhecer, pois é a que todos podem olhar de perto ao visitar o Paço Municipal, na Praça Mauá.

E quanto às outras? São essas faces alternativas que você vai ver de perto agora, preservadas pelo arquivo da Fundação Arquivo e Memória de Santos - FAMS. São as faces de um passado que não se consumou.

**O projeto do atual Paço Municipal está guardado na Fundação Arquivo e Memória de Santos. Infelizmente, só duas de suas perspectivas artísticas foram preservadas. A lateral (ao lado) e a posterior. A perspectiva da fachada está desaparecida dos arquivos da Prefeitura**



## Projeto 1936

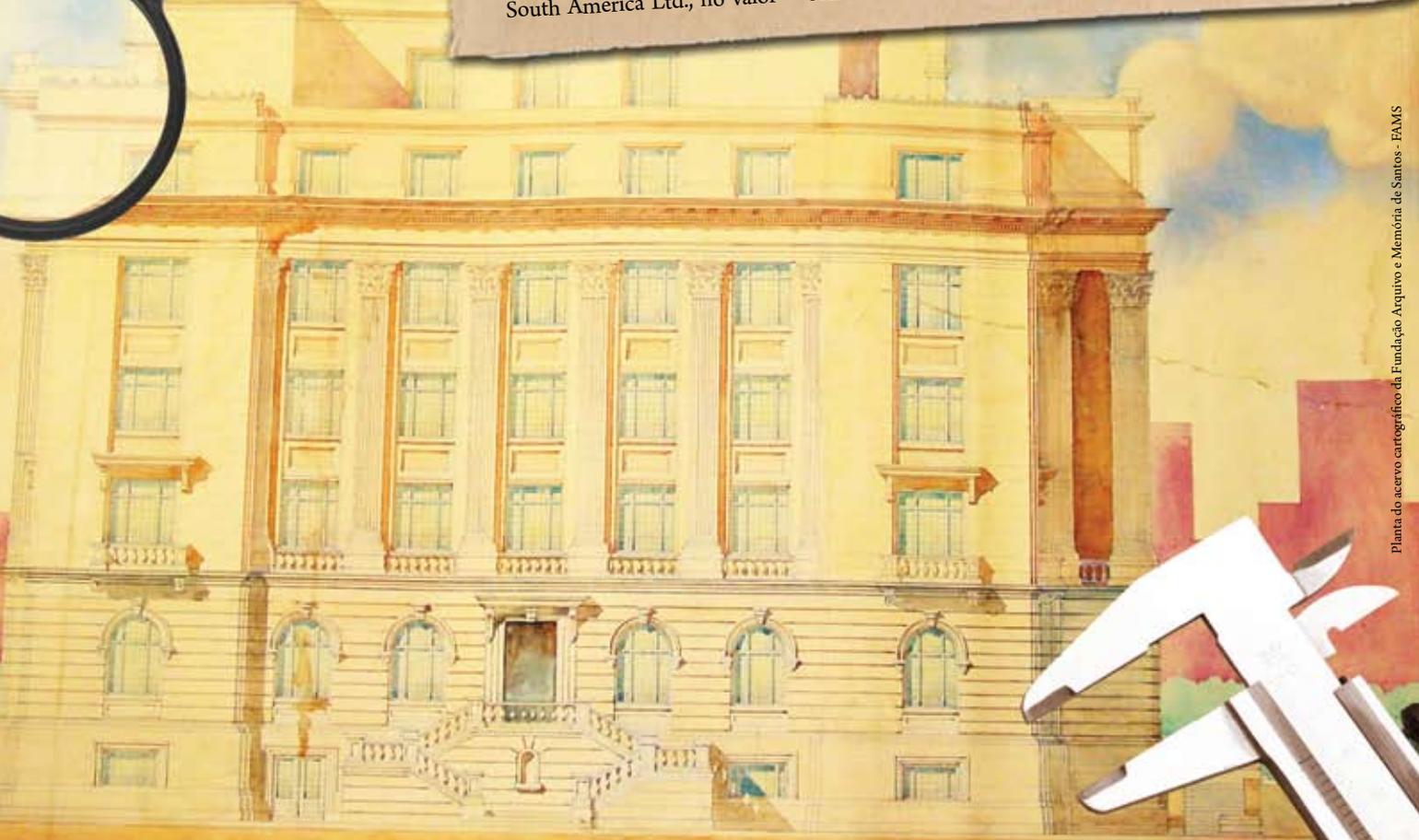
Depois de algumas tentativas fracassadas, somente em 1936 um projeto para o Paço Municipal andou para frente, tendo sido executado nos anos seguintes, até sua inauguração, em 1939. A principal barreira das autoridades santistas, na época, foi obter a verba necessária para a construção do prédio. No final dos anos 20, a municipalidade havia solicitado um empréstimo junto ao Bank of London & South America Ltd., no valor

de 2,26 milhões de libras esterlinas, transação que só veio a ser formalizada em 1936. Daí o impulso para a produção do projeto arquitetônico.

Assim, depois de ter sido pensado por diversos homens, coube ao engenheiro Plínio Botelho do Amaral o privilégio de escrever seu nome na história, como o idealizador do lar do poder executivo santista.

O prédio, batizado como Palácio José Bonifácio

de Andrada e Silva, possui linhas clássicas, de influência da arquitetura francesa. Ricamente construído, tem acabamento em mármore italiano e jacarandá, além de lustres de cristal da Bohêmia e vitrais com símbolos relacionados à Maçonaria. Abriga a imponente Sala de Sessões da Câmara, batizada com o nome da Princesa Isabel. Em sua inauguração, contou com a presença do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas.



PROJECTO DO PAÇO MUNICIPAL DA CIDADE DE SANTOS = TACHADA

Projeto 1903

Projeto 1927

ANTEPROJECTO:  
PAÇO MUNICIPAL  
SANTOS

# Projeto 1903

Ao invés da Praça Mauá, a Praça Barão do Rio Branco. Como vizinhos, o Con-junto do Carmo e o Porto de Santos, que poderia ser visto das janelas posteriores da im-ponente sede da municipalida-de santista, projetada em 1903 pelo engenheiro alemão Oscar Kleinschmidt que, mesmo não tendo sido o vencedor do edital que escolheria o projeto defi-nitivo naquele ano, impressio-nou a comissão julgadora pela suntuosidade da sua proposta. O vencedor fora o também ale-mão Maximiliano Emílio Hehl,

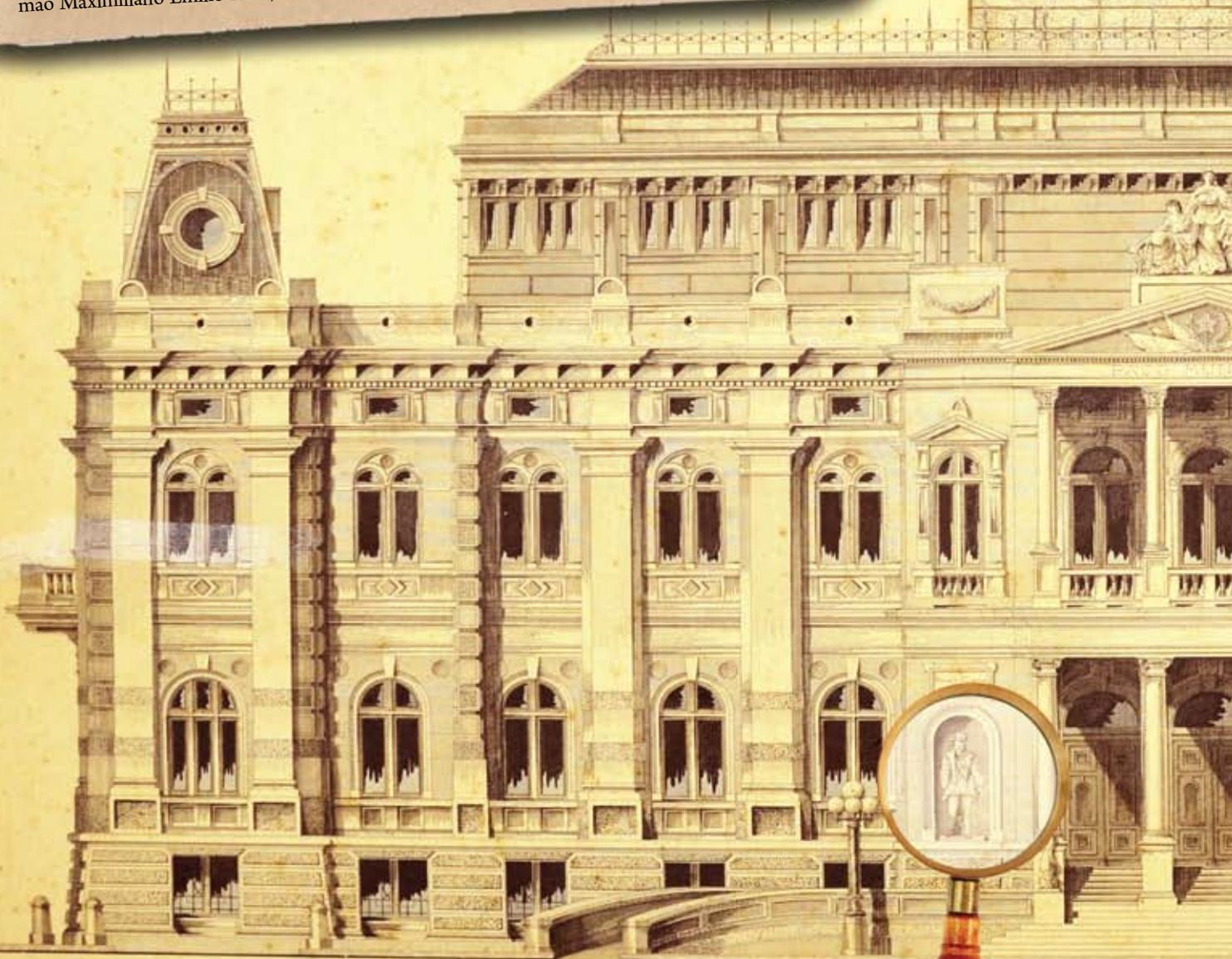
o mesmo que projetaria mais tarde a Catedral de Santos.

Tivesse saído este pla-no do papel, Santos teria, ao invés de um palácio construído à la Luis XV, de arquitetura forte-mente influenciada pela escola francesa, algo mais gótico, qua-se uma cópia da prefeitura de Hamburgo, terra do dono desta proposta.

Há diversos pontos curiosos no projeto, como o fato do edifício ser maior do que o atual Palácio José Bonifácio e por ostentar, na entrada, escul-turas de duas figuras históricas:

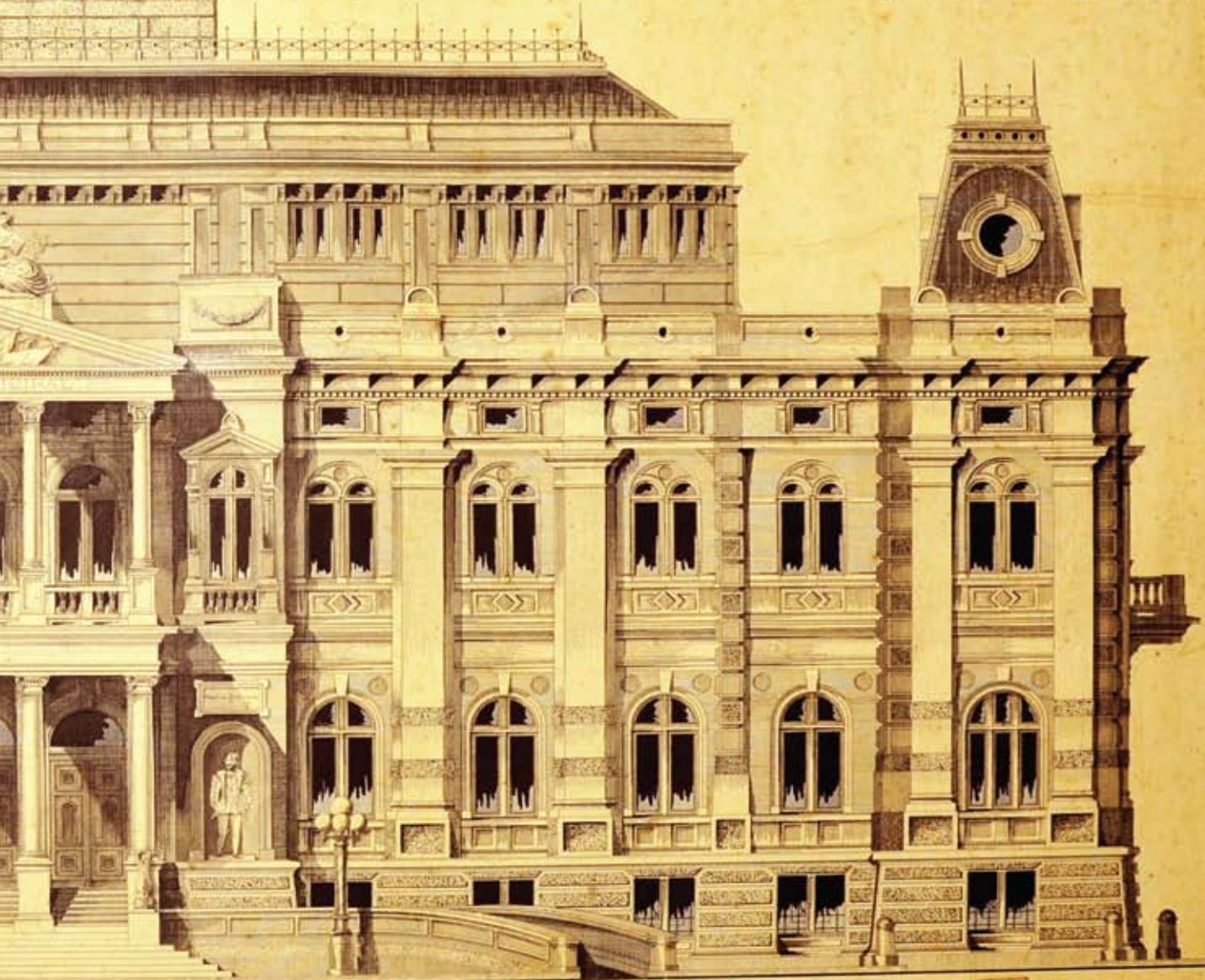
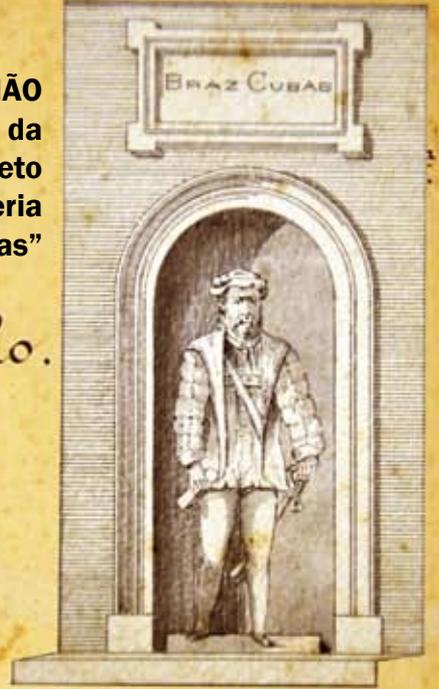
Martim Afonso de Souza e Braz Cubas. Por conta disso, seria, talvez, o prédio batizado como Palácio Braz Cubas? Ou Mar-tim Afonso?

Independente das conjecturas, o fato de as autori-dades da época terem mudado de ideia quanto ao local para a construção acabou sepultando o projeto, considerado inviável para a nova área. A Prefeitura decidira desapropriar, em 1907, uma quadra inteira ao lado da Praça Mauá, o antigo Largo da Coroação, por entender que ali era o lugar mais apropriado.



**BRAZ CUBAS, O GUARDIÃO**  
Ao lado de Martim Afonso de Souza, o fundador da  
Vila de Santos era um dos homenageados pelo projeto  
de Kleinschmidt. Talvez até mesmo o Paço poderia  
receber o nome “Braz Cubas”

*Estado de São Paulo.*



Principal.



*Recebido em 18 de Junho de 1888  
Pelo Sr. Dr. Manoel de Barros  
Diretor do Museu de História Natural  
de Santos*

*PALACIO MUNICIPAL  
SANTOS*



## Projeto 1927

O processo de desapropriação da quadra frontal ao Palácio dos Correios demorou, mas já estava consolidado na segunda metade dos anos 20.

Com isso, só faltava produzir um projeto para a área, que foi concluído em novembro de 1927, encomendado junto ao arquiteto e urbanista tcheco Josef Pitlik, o mesmo que desenhou o Museu de Arte do Espírito Santo.

Com o projeto em

mãos, a Prefeitura pôde fazer um cálculo de custos para a execução da obra, orçada em Quatro Mil Contos de Réis. Obviamente, Santos não dispunha dos recursos e, assim, foi tentar obtê-los por empréstimo, junto a um banco inglês, por indicação dos ingleses da The City of Santos Improvements, maior empresa da cidade na época.

O empréstimo, porém, não saiu de imediato, como chegaram a acreditar os santistas e, assim, o proje-

to acabou engavetado.

Tivesse sido aplicado este projeto, teríamos um Paço menor do que o atual. Por outro lado, este prédio valorizaria mais as áreas abertas, com terraços laterais e um frontal, além de uma entrada com cobertura junto à rampa; colunas gregas com águias imperiais e ausência de escadarias nas laterais. Pela perspectiva artística, dá-se a ideia de sua altura não ultrapassar a do prédio dos Correios.



# A HISTÓRIA DOS ALMANAQUES





Almanak, almenachus, almenaque, almanaque. Independentemente da origem etimológica do termo (grego, latim, saxão ou árabe), este enigmático e divertido gênero de publicação conquistou gerações seculares de leitores e, em tempos de Google e Wikipédia, mantém viva e forte a sua essência, cumprindo o papel a que se propôs desde os primórdios da impressão gráfica: partilhar experiências e conhecimento, onde documentos históricos dividem espaço com causos; literatura com dados astronômicos; conselhos morais com informações sobre festas religiosas, datas comemorativas, provérbios e anedotas. Por décadas e décadas os almanaques conquistaram corações e mentes, sobretudo em Santos, onde assumiram o papel de mensageiros de fatos históricos, científicos, comerciais, literários e turísticos, desde 1871. Hoje, ou seja, 140 anos após o surgimento do primeiro almanaque originalmente santista, o gênero se renova, assumindo outras formas, mas sem perder a missão original: a difusão de conhecimento.

Texto e Pesquisa: Sergio Willians e Danilo Ribeiro Galucci

# A GÊNESE

Calendário encontrado na tumba do Faraó Ramsés IV indica as datas iniciais das estações chuvosas no Egito



Nos primórdios da civilização, conhecer as fases da lua e o período correto das estações do ano era privilégio de poucos. Estas pessoas detinham uma informação que não tinha preço, fundamental para a escolha do melhor período para o plantio e colheita de diversas culturas. Ao longo dos tempos, observando a natureza e as estrelas, esses sujeitos de mente singular começaram a immortalizar essas informações e transmiti-las na forma de calendário. Logo, o objeto tornou-se imprescindível para diferentes civilizações. As primeiras evidências desta transmissão de informações são notadas no antigo Egito. No túmulo do faraó Ramsés IV, por exemplo, foi encontrado um calendário cronológico entalhado. Segundo alguns historiadores, no Oriente antigo, astrólogos costumavam presentear os soberanos com calendários no início de cada ano. Com o passar do tempo, o calendário ganhou nova roupagem. Páginas foram acrescidas, com ilustrações e imagens de signos. Ao longo dos séculos, recebeu diversos nomes: reportório, folhinha, endimião, camião, lunário, prognóstico, sarrabal. Daí para o surgimento de um formato universal, capaz de conquistar qualquer um até hoje, foi

uma questão de tempo. Até que, um dia, surgiu o Almanaque.

Com a invenção da tipografia por Gutemberg, na primeira metade do século 15, ampliou-se a difusão de livros entre a população. O almanaque, então, aproveitou o embalo. Segundo o renomado historiador francês Jacques Le Goff (1924-?), a primeira publicação europeia do gênero surgiu na Alemanha. Foi o *Praklic* (trad. Felicidades Para o Anno Novo), impresso em 1454. Ainda que em forma embrionária, o livrinho de apenas cinco páginas foi amplamente disputado.

O interesse se refletiu também na produção e os autores se multiplicaram. Um deles em especial, procuradíssimo, fez sucesso até entre reis e rainhas. O sujeito dominava astrologia, astronomia, falava francês, latim, grego e hebraico, sabia tudo de medicina, alquimia e teologia, e certamente mais um pouco. Seu nome, Nostradamus, sujeito responsável por um concorrido almanaque anual que circulou pela Europa durante uma década, entre 1550 e 1560. Nele, junto com sua vasta erudição, desfilava seus intrigantes e singulares “poderes”. Além do presente e do passado, o tal almanaque trazia previsões do futuro.



Nostradamus foi autor dos almanaques mais disputados por reis e rainhas no Século XVI: Verdadeiro “bestseller” da Idade Média

**PROGNOSTICATION  
nouvelle, & prediction portenteuse, pour Lan  
M. D. L V.**

Compoee par maistre Michel Nostradamus,  
docteur en medicine, de Salon de Craux en Provence, nommee par Ammianus Marcellinus  
**SALVVIVM.**

*Dicau Heroico presuli D. IOSEPHO des Panisfer,  
Cavalisenssi preposito.*



A Lyon, par Iean Brotot.

# NO BRASIL

Foram por mãos lusitanas que os almanaques chegaram às terras tupiniquins. Como as indústrias eram proibidas - entre elas, a tipografia -, não podiam ser confeccionados por aqui. Os únicos escritos lidos em praça pública eram ordens régias, sob o rufar de tambores milicianos. Assim, só chegavam almanaques importados ou clandestinos - e não muitos. O *Almanaque do Rio de Janeiro*, de 1792, e o *Almanack das Musas, oferecido ao Génio Portuguez*, de 1793, eram alguns deles, e até hoje podem ser consultados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Mas, mesmo diante da escassez, o formato não negou vigor. Pouco a pouco, tornaram-se mania popular, no campo ou na cidade.

A partir da criação da Imprensa Régia, em 1808, muitos jornais, folhas e panfletos passaram a ser produzidos, entre esses os almanaques. Em 1812 finalmente fora impresso o primeiro almanaque genuinamente brasileiro de que se tem notícia, o *Almanaque da Bahia*.

O século XIX marcou uma grande explosão de almanaques no Brasil. Brotaram como cogumelos. Cabe destacar a importância de Pierre Plancher e os irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, que publicaram, respectivamente, o *Almanak Imperial do Comércio e das Corporações Cíveis e Militares do Império do Brasil* (1829) e o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro* (1843), ainda na primeira metade do século XIX. A existência de tais impressos foi registrada também por viajantes estrangeiros em seus diários, caso do inglês Thomas Ewbank, homem de poses e ligado às ciências, que chegou ao Brasil em 1846 e aqui permaneceu por pouco mais de seis meses. Em suas anotações, o viajante ressaltou a importância dos almanaques na orientação, tanto dos que visitavam o império, quanto daqueles que nele residiam: “6 de fevereiro, se para os estrangeiros, o almanaque é um manual necessário, para os brasileiros é indispensável, a fim de capacitá-los a acompanhar o curso dos dias santos.”

Em 1844 saiu a primeira edição

do *Almanak Laemmert*. Seus fundadores, os irmãos Eduard e Heirinch, se estabeleceram no Brasil depois de rodarem pela Europa aprendendo tipografia e tarefas editoriais. Apostaram na divulgação da literatura nacional. Em 1839 haviam lançado a *Folhinha* (um antecessor do almanaque), manipulada única e exclusivamente por Eduard sob o inusitado pseudônimo de Páfúncio Sempício Pechincha. Com a fama, ousaram novamente, lançando o *Almanack Laemmert*, um dos mais completos anuários comerciais do Rio de Janeiro. O sucesso foi tão grande que o Itamaraty passou a comprar parte da tiragem e distribuí-la às embaixadas, no exterior, a fim de divulgar o Brasil pelo mundo.

Os almanaques fizeram mais que guiar seus leitores e listar os santos do dia. Traziam também informações sobre tarifas de serviços variados, horários e passagens de trens etc. No século XIX, foram comuns almanaques regionais como o *Almanach Administrativo, Civil e Industrial de Minas Gerais* (1864), o *Almanach Administrativo Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco* (1872), o *Almanak Mercantil e Industrial da Província do Ceará* (1873) e o *Almanak Popular do Rio de Janeiro e Imperial Cidade de Niterói* (1878). Apesar dos almanaques apresentarem conteúdos equivalentes, a incorporação de novos elementos, ou ainda a razão pela qual foram produzidos, possibilitou uma diversificação a ponto de se propor uma tipologia dos que foram publicados durante os séculos XIX e XX. Além dos almanaques regionais, passaram-se a publicar almanaques literários, de farmácia, jornalísticos etc.

Mesmo na sociedade machista como era, havia periódicos femininos, como o *Almanaque das Fluminenses*. No conto *Como se Inventaram os Almanagues*, Machado de Assis observa: “Todas tinham almanaques. Nem só elas, mas também as matronas, e os velhos e os rapazes, juizes, sacerdotes, comerciantes, governadores, fâmulos; era moda trazer o almanaque na algibeira.”

## ALMANAK DAS MUSAS, OFFERECIDO AO GENIO PORTUGUEZ. PARTE I.



LISBOA:  
Na Officina de FILIPPE JOZE DE FRANÇA,  
ANNO M. DCC. XCIII.  
Com licença da Real Mesa da Censura Geral, e  
de o Exame, e Censura dos Livros.

## ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL

DO RIO DE JANEIRO

PARA O ANNO BISSEXTO DE

1844

PRIMEIRO ANNO



RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E A' VENDA EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA, 77

1843

Enquanto o *Almanak das Musas* (1793) era um dos primeiros a circular no Brasil Colônia, via contrabando, o *Almanak dos irmãos Laemmert* era o queridinho na Capital Imperial no Século XIX

# A MISCELÂNIA

## A cada lançamento, três concorrentes no forno

Na São Paulo oitocentista, cerca de 113 diferentes títulos foram impressos, a maioria anual. As iniciativas se desdobravam: um almanaque impresso em 1857 na tipografia de Joaquim Roberto de Azevedo Marques fez com que seu empregado, José Maria Lisboa, organizasse primeiro o Almanaque de Campinas, depois o Almanaque do Amparo e a seguir o Almanaque Litterario de São Paulo.

Cuidadosamente estilizadas, as propagandas continham informações detalhadas sobre o estabelecimento, ocupando, muitas vezes, uma página inteira só com letras, sem imagens. E com aquela linguagem rebuscada que enche os olhos. Palavras como Pharmacia, Gymnasio, elle, Mogyana e Commercio remetem-nos a uma ortografia já substituída, embora saudosa.

## Literatura e farmácia para sanar corpo e mente

No Brasil, um dos gêneros mais difundidos foram os almanques de laboratórios farmacêuticos que, no início do século XX, chegaram a ser um meio de repassar para a população noções de educação sanitária e normas morais. Ao longo das décadas, alguns deles registraram a marca de três milhões de exemplares em circulação pelo País.

Os almanques distribuídos em farmácias, patrocinados por empresas

de medicamentos, foram, seguramente, os primeiros a ser lembrados pelos que escarafuncham na memória - ou mesmo nos livros - recordações de almanques. Naquele tempo, havia os que acreditavam que enquanto o remédio tratava as mazelas, a leitura propiciava diversão e riso, fórmulas eficientes para antecipar a cura. O Pharol da Medicina, surgido em 1887 com tiragem inicial de 100 mil exemplares, foi o pioneiro, seguido pelo Almanaque Iza, Almanaque Bristol, Capivarol, Bayer, Gessy e Sadol - famoso por exibir mulheres seminuas nas capas.

Em 1920 surgia o mais importante deles: o Almanaque do Biotônico Fontoura, com a primeira edição inteiramente elaborada e ilustrada por Monteiro Lobato. Com mais de 165 milhões de exemplares distribuídos ao longo de quase 70 anos, ficou célebre por trazer aos leitores o Jeca Tatu, personagem que se tornou símbolo do homem do campo brasileiro. Num país com altos índices de analfabetismo, desafiava as estatísticas. Com tiragem elevada e distribuição gratuita, abrangia as mais distantes regiões do Brasil com dicas de higiene e saúde. Uma verdadeira enciclopédia popular.

A ampliação em massa do mercado editorial ao longo do século 20 impôs obstáculos à sobrevivência dos almanques. Aos poucos, eles tinham de se modificar. Ganhavam cores, novos formatos, novos temas.

Entre os humorísticos, sem dúvida o mais exitoso - referência para qualquer um que se aventurasse a fazer graça no País - foi o Almanaque, do Barão de Itararé, que circulou entre 1949 e 1955.

## FORTALECENDO CORPO E MENTE

Editado e ilustrado por Monteiro Lobato, o Almanaque do Biotônico Fontoura teve a sua primeira publicação em 1920, numa tiragem de cinquenta mil exemplares.

A sua tiragem foi crescendo a ponto de entre as décadas de 1930 a 1970 terem sido distribuídos entre dois e meio a três milhões de almanques. No ano de 1982 sua tiragem foi de cem milhões de exemplares



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO

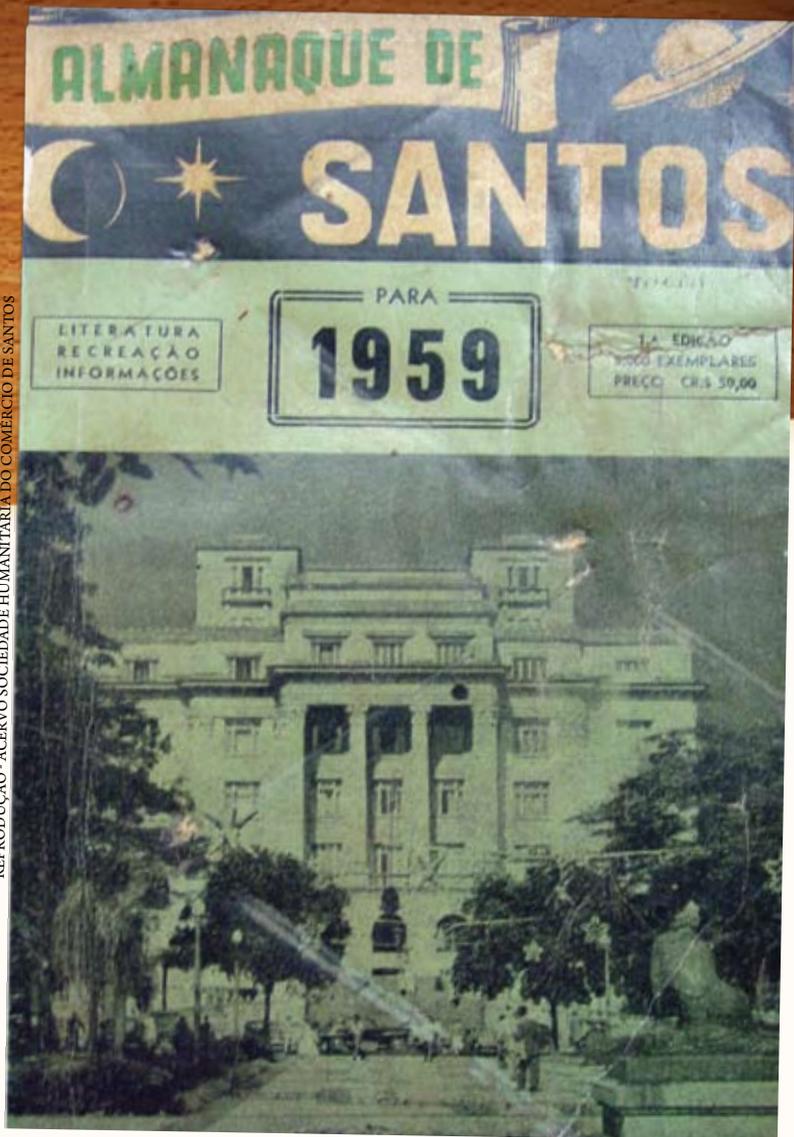
# OS ALMANAQUES DE SANTOS

Santos sempre foi uma localidade culturalmente pujante, obviamente por conta de sua localização estratégica e, principalmente, em função do porto, por onde desembarcavam as maiores novidades vindas de todos os cantos do globo. Indubitavelmente um campo aberto para a difusão de conhecimento por meio dos valorosos almanaques, que aqui nasceram, em 1871, sob iniciativa de dois "escripturários" da alfândega, os senhores Antônio Martins Fontes e Francisco Alves da Silva. Coube a estes valorosos pioneiros a tarefa de inserir em terras santistas o que o Brasil já vinha celebrando como grande difusor de informações. Nascia, assim, o primogênito: o Almanaque da Cidade de Santos.

Não demorou muito e outras publicações congêneres sobrevieram ao primeiro almanaque. Umas de caráter estritamente comercial, outras que funcionavam mais como indicadores profissionais, mas a maior parte respeitando a clássica formação de almanaque, promovendo uma alquimia editorial com uma miscelânea de textos literários, históricos, geográficos e de lazer, que nos brindam até hoje com relatos curiosíssimos do passado santista.

Passados 140 anos do pontapé inicial, verificamos que, infelizmente, dos velhos almanaques, poucos - ou melhor, quase nenhum - sobreviveram para contar sua história. A maioria esmagadora se perdeu, ou indo para o lixo, ou sendo queimada ou vendida para arquivos particulares.

REPRODUÇÃO - ACERVO SOCIEDADE HUMANITÁRIA DO COMÉRCIO DE SANTOS



Para se ter uma ideia, não há informações oficiais da existência de ao menos um exemplar original do almanaque pioneiro. Dos publicados no final do século XIX, dois sobreviveram na biblioteca da Sociedade Humanitária. Os da primeira metade do século XX, idem, sendo encontrados em raros arquivos particulares. Os maiores sobreviventes são os mais recentes, das décadas de 60 e 70.

Veja nas páginas seguintes algumas curiosidades dos antigos almanaques santistas e entenda o porquê deles terem sido tão importantes na difusão da história da cidade.

# O PIONEIRO

## 1871 - Almanaque da Cidade de Santos

### Salvo da fogueira, mas não da “mão grande”

O primeiro almanaque da história santista, como já dissemos, foi produzido em 1871 por dois “escripturários” da Alfândega de Santos. Apesar da obra ter despertado um relativo interesse, os pioneiros acabaram lançando apenas uma edição, e de poucos exemplares. Assim, com o passar dos anos, os livretinhos foram se perdendo, até que não sobrou um para contar a história. Ou melhor, sobrou um, que, por muito pouco, não virou cinzas. A história, contada por alguns estudiosos do passado santista, é de que o fato teria ocorrido na década de 40, período em que a Alfândega costumava promover sessões de queimas de papéis velhos, utilizando-se de enormes fogueiras.

Diz a “lenda” que Júlio Pereira Caldas, pai do historiador santista já falecido, Jaime Caldas, um apaixonado pela história da cidade, ao testemunhar o ritual de queima da Alfândega,

onde trabalhava, viu o famoso almanaque na pilha dos “condenados”. Tratou de resgatá-lo mais do que depressa e, mais tarde, presenteou-o ao amigo Costa e Silva Sobrinho, historiador de renome na cidade e, na época, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos. O destino do almanaque pioneiro foi justamente a entidade presidida por Costa e Silva Sobrinho, onde ficou à disposição da cidade pelo menos até o final dos anos 60.

Esta constatação é baseada no relatório do jornalista Olao Rodrigues que, em 1968, pesquisava dados para seu livro sobre a história da Imprensa em Santos. Sobre o primeiro almanaque, Olao registraria em sua obra: “Havia um exemplar na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, “desaparecido” por inteligente consulente”.

Hoje não há notícias sobre a existência de nenhum exemplar original. O que se tem, notoriamente, são reproduções xerográficas nas mãos de alguns historiadores e colecionadores da cidade. O pioneiro se salvou do fogo, mas acabou queimado por mão gata.

ALMANAK  
DA  
CIDADE DE SANTOS  
DE  
1871

Organizado e publicado pelos segundo e terceiro  
Escripturarios da Alfandega da mesma Cidade

ANTONIO MARTINS FONTES  
E  
FRANCISCO ALVES DA SILVA

SANTOS  
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL

RUA DIREITA N. 27

1871

# UM SHOW DE CURIOSIDADES

## 1887 - Indicador Santista

### Primeiro a lamentação, depois o show

Tá certo que deveria ser uma “barra” produzir um almanaque sem ter à disposição a maravilhosa parafernália oferecida pela internet - Google, Wikipedia, dicionários online, bibliotecas virtuais, sites de todos os tipos, bancos de imagens, etc. Mas ficar de “chororô”, como ficaram

os responsáveis pelo Indicador Santista, no final do Século XIX, é “dose”.

O engraçado é que os redatores foram bastante criativos na sequência do livro e realmente, conforme prometeram, deixaram para as “futuras gerações” (ou seja, nós) relatos de como as coisas eram em 1887. Reunimos aqui alguns deles, para você viajar no tempo e se divertir com os “grandes fatos” daquele ano santista. Atenção, o texto está transcrito como o original. Já o título, as fotos e as ilustrações são por nossa conta!

APARECE pela quarta vez o Indicador Santista, infeliz trabalho, que tantos aborrecimentos nos tem custado, pelas dificuldades que sempre nos enfrentam.

Quando, ha quatro annos, ensaiamos a sua publicação—única que no seu genero Santes temos possuido—não tivemos em vista conquistar louros, nem auferir lucros pecuniarios: outro foi o fim: dotar esta importante cidade com um livro que, acompanhando muito de perto o seu sempre crescente desenvolvimento, servisse para dar ás gerações futuras uma idéa ligeira do presente.

Appellamos então para o favor publico—e o publico, se não todo, como era de esperar pela incontestavel utilidade desta publicação, ao menos uma boa parte delle não nos regateou a sua coadjuvação. Animados com o bom exito do nosso primeiro enaio, tentamos o segundo, o terceiro e agora o quarto.

REPRODUÇÃO - SHCS

## Famosa atriz internacional deixa cavalheiros da cidade babando e sem carteira

Em trem especial da capital, chegou a esta cidade, ao meio dia, a companhia dramática da qual faz parte Sarah Bernhardt, a mair notabilidade artistica da época. A gare da estrada de ferro achava-se repleta de cavalheiros que foram esperar a distincta actriz. Subiram ao ar muitos foguetes. À noite, no theatro Guarany foi representado a *Dama das Camélias*, fazendo Sarah Bernhardt o papel de protagonista. A concurrencia de espectadores foi regular - e as palmas e bravos a que aquella celebridade fez jus, appareceram

WIKIMEDIA



em quantidade diminutíssima. Os camarotes custaram 70\$000, as cadeiras e varandas 15\$000 e as galerias 4\$000 - Os gatunos aproveitam-se da estada de Sarah Bernhardt para fazer algumas das suas *espertezas*: no theatro alguns cavalheiros ficaram sem as suas carteiras.

## Ladrões infernizam a vida do padre e do sacristão da Igreja Matriz

Os larapios, na egreja Matriz, em quanto o padre José dos Santos, reza uma missa, furtam da sachristia o guarda-chuva d'aquele sacerdote e o chapéo da cabeça do sachristão!

DIAS DEPOIS.....

Os feis-gatunos que frequentam a igreja Matriz, não contentes com o chapéo do sachristão e o guarda-chuva do padre José dos Santos, furtam também o rosário de Nossa Senhora, cujo valor é superior a 300\$000. O negocio anda ali tão fino que até uma offerta de baptisado feita ao sacristão desapareceu, ficando este a chuchar no dedo.

## Abolindo a escravatura antes da Princesa Isabel

Para comemorar a gloriosa data da benemérita lei do Rio Branco, a Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro entrega, em reunião especial, carta de liberdade a Afra, escravizada de José Manoel de Vasconcellos. Pela quantia de 300\$000 é também libertada a preta Benedicta, de Carlos Martins dos Santos. A sociedade dirigiu telegramas congratulatórios aos srs. senadores Dantas e Taunay e um officio ao conde de S. Salvador de Matosinho.

ARQUIVO NACIONAL



## Sai da frente!

O bonde de passageiros que seguia às 10 horas para a Barra, na Rua Sete de Setembro quase esmaga um homem ébrio que dormia sobre a linha.



# UTILIDADE PÚBLICA E ESTATÍSTICAS

## 1884 - Almanach Administrativo, Comercial e Industrial

### Almanaque paulistano com raio x santista

Em 1884, pintava por aqui o Almanach Administrativo Comercial e Industrial de São Paulo, organizado por Francisco Inácio Xavier de Assis Moura, edição de Jorge Seckler e Cia., lançado na capital, mas com grande parte da matéria vinculada a Santos. Este livro é o precursor dos guias comerciais, como as famosas páginas ama-

relas das futuras listas telefônicas. Nele, é possível verificar quantos profissionais e estabelecimentos de comércio existiam em Santos, devidamente divididos por áreas distintas. Assim, em 1884, Santos contava com 6 advogados, 5 solicitadores, 13 médicos, 10 mestres-de-obras, 2 carpinteiros, 2 armadores, 9 alfaiates, 7 barbeiros, 3 caldeireiros, 6 ferramenteiros, 7 professores de música, 1 fotógrafo, 3 modistas, 23 lojas de fazendas, 3 açougues, 9 lojas de armarinhos, 60 casas comissárias de café, 6 bilhares, 6 casas de calçados, 3 fábricas de cervejas, 65 armazéns de secos e molhados, 5 lojas de roupas feitas, 7 lojas de artigos de escritório, 11 hotéis e hospedarias.

## 1890 - Almanaque Santista

### Charadas e utilidades no mesmo espaço

Organizado por Sizino Patusca, Benedito Guimarães e Alfredo Pinto, tinha seções de charadas, logogrifos e enigmas, literatura e informações úteis, publicava os nomes e endereços de armazéns de secos e molhados, alfaiates, barbearias, consulados, bancos e clubes sociais do município.

### VAI ENCARAR?

Almanaque de 1884 dizia que em Santos havia mais barbeiros do que advogados

### ONDE FICA A CASA DE BANHOS?

Tá certo que a cidade era pequenina, mas um mapinha quebrava o maior galho na hora de indicar um estabelecimento comercial

## 1894 - Guia Geral do Comércio

### Guia com mapa da cidade

Se o Almanach Administrativo de 1884 inaugurou a sessão de indicadores profissionais, o Guia Geral do Comércio, editado por Augusto da Cruz Maia, foi o precursor da inserção de mapas, o que ocorreu na edição de 1895. O encarte fez tanto sucesso na cidade que até chegou a ficar exposto na vitrine da conhecida Casa Labatut. Dentro do Guia, informações úteis e interessantes sobre o comércio em geral.



DIA A DIA			
Primeiro mez Tem 31 dias	JANEIRO 1903		Dias santos 1, 6
	D - a 6 E - a 13	G - a 20 H - a 28	Feriado Anual:
13. Terça-feira — Sto Hilario, S. Leoncio, S. Gumercindo, Sta Veronica		15. Quinta-feira — Sto Hilario, S. Benito, Sta Maxima, S. Anuro.	
O sol	A lua	O sol	A lua
Nasc. . . . . 5.26 Oc. . . . . 6.52	Nasc. . . . . 6.53 T Oc. . . . . 5.17 M	Nasc. . . . . 5.27 Oc. . . . . 6.52	Nasc. . . . . 8.36 T Oc. . . . . 7.28 M
AGENDA		AGENDA	
Fazem annos hoje:		Fazem annos hoje:	



**SALVO PELO GONGO, OU MELHOR, PELO SANTO DIÁRIO!**  
Anuário do jornal Diário de Santos ajudou muito marido esquecido a lembrar o aniversário de casamento

**1902 - Anuário do Diário de Santos**

**Um superanuário, um hiperalmanaque**  
O jornal Diário de Santos, que teve existência de cerca de 46 anos, editou em 1902 anuário sobre a cidade, dando informações úteis sobre a Municipalidade, Alfândega e Recebedoria de Rendas, seções de Arte e Literatura, tabelas postais e cambiais, horários de trens e outras coisas mais. Foi uma publicação muito bem concebida. E olha que os caras anunciaram que o livro era “um modesto brinde para o leitor”. O negócio foi tão bem bolado, que o tal anuário/almanaque servia até de agenda, com direito a campos para anotação de aniversários.

**1903 - Almanaque Comercial de Santos**

**Vende-se de tudo**

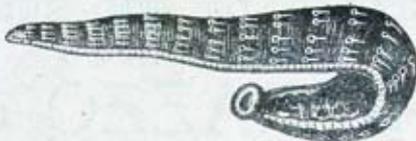
Em fevereiro de 1903 surgia o Almanaque Comercial de Santos. Repositório de informações sobre o comércio santista e de outros temas de interesse geral, como fórmulas para registro de firmas na Junta Comercial, taxas da Companhia Docas sobre armazenagem, atracação de vapores, capatazias e outras, além de tabelas cambiais, épocas de pagamentos de impostos e demais matérias úteis. Também trazia dezenas de anúncios das mais variadas atividades comerciais da cidade. Uma das mais interessantes era sobre a venda de sanguessugas, “bichas” aplicadas para extrair o “excesso” de sangue ou o sangue “envenenado”, indicadas para a cura de diversas doenças, assim como a sangria. Eram importadas da Europa, procedendo de Portugal, França, Itália e Hamburgo.

**1899 - Almanaque Santista**

**Um almanaque para 70 mil habitantes**

Sisino Patusca, Benedito Guimarães e Alfredo Pinto lançaram o *Almanaque Santista Para 1899*. Na primeira parte havia a constituição funcional do Fórum, polícia, tabeliões, consulados, bancos, centros, sociedades, clubes e grupos, nomes e endereços de negociantes varejistas, profissionais liberais, fábricas e hospedarias; na segunda parte, matéria sobre literatura, charadas e enigmas pitorescos, e na terceira e última parte, uma série de informações úteis.

**BICHAS HAMBURGUEZAS**

Unico  de  
deposito confiança

**Não se applicam nem se vendem bichas servidas**

Unica casa recommendada por todos os distinctos medicos que clinicam nesta cidade  
Fornecedora da Santa Casa de Misericordia e Beneficencia Portuguesa  
**Attende a chamados a qualquer hora do dia ou da noite**  
Applicação de bichas, ventosas e o mais concernente ao seu mister  
Attende-se a qualquer pedido do interior, garantindo-se prompta remessa e a preços sem  
competencia

Alfia-se, limpa-se e galvaniza-se todas as ferramentas finas, para medicos, dentistas e outros misteres

**SALÃO BOM JARDIM** de Manoel Diniz Alves Garcia  
Rua S. Bento, 38 \* esquina S. Leopoldo (Vasco da Gama)  
Residencia — Avenida D. Anna Costa 46-A

**SAI PRA LÁ BICHA FEIA!**  
Sabe quem vendia as sanguessugas para o povão? Os salões de barbeiros!



# OS ÚLTIMOS ANTES DA PAUSA

## 1910 - Almanaque de Santos e São Vicente

### Um almanaque para 70 mil habitantes

Organizado e dirigido por Luiz Noferi, que o lançou em 1910, o Almanaque de Santos e São Vicente condensava, em seu quarto ano, matérias informativas sobre o porto, o comércio e repartições públicas, administração municipal, escolas, cultos e ainda dava destaque ao movimento do café,

além de publicar calendário e outras informações úteis. Entre os anúncios, aos preços de 50\$000 por página; 30\$000 por 1/2 página e 15\$000 por 1/3 de página, havia os de “A Leoneza”, na Rua Braz Cubas, 77, dirigida por Agostinho Florez; e de “Ao Preço Fixo”, então estabelecido na Praça da República, 14, dirigido por L. A. Corrêa da Cunha, e E. Johnston e Cia. cuja agência era na Rua de Santo Antônio, 62, e caixa postal 78, apenas para citar essas casas que ainda operam nos dias atuais.

Em seu trabalho, Luiz Noferi,

que era guarda-livros e estabelecido na Rua Braz Cubas, 9, caixa postal 75, também publicava uma espécie de roteiro sobre comércio, indústria, repartições, porto, cultos e tabela de câmbio, redução de pesos e medidas para o sistema métrico e horários de trens; na parte histórica, havia a afirmativa de que Santos fora fundada a 25 de setembro de 1536 por Braz Cubas e que a população do município, na época do lançamento do livro, era calculada em 70.000 habitantes, sendo prefeito o cel. Carlos Augusto de Vasconcelos Tavares.

## 1912 - Indicador Santense

### Casamentos e funerais

O Indicador Santense surgiu em 1912 com a proposta de ser o maior anuário da cidade de Santos, divulgando informações úteis do município. De propriedade da agência “Bureau Central”, cujo redator chefe era Laercio Trindade, tinha escritório na Praça da República, 16, defronte à Alfândega, e era impresso na Typographia da Casa Rembrandt, na Rua XV de Novembro, 80. Além de informações sobre o comércio santista, o indicador trazia tabelas que continham horários das partidas dos trens rumo à capital pela São Paulo Railway (nesta época ainda a única forma de subir a Serra) e as saídas de todas as linhas de bondes da

cidade (dos puxados a burros e dos novíssimos bondes elétricos, inaugurados em 1909). A parte mais interessante do anuário, entretanto, eram suas páginas coloridas (rosa, verde, azul), que continham anúncios de respeitadas casas comerciais, como a Casa Coimbra, empresa funerária das mais conhecidas. No anúncio reproduzido ao lado, a empresa oferecia aos santistas seus fabulosos serviços de decoração e carros para casamentos e funerais, assim como também para eventos diversos. Veja só este trecho:

“Não desejamos desgraças para ninguém, mas quem precisar deste gênero de serviço (*caixões, carro fúnebre e decorações para velórios*) o fará em nossa casa por pouco dinheiro com commodities e decência”.

Eu, hein! Sai pra lá, urucubaca!

**ANUNCIO COR DE ROSA, MAS CONTEÚDO SOMBRIO**  
Para garantir, um trevinho de 4 folhas



SHUTTERSTOCK

REPRODUÇÃO - ACERVO SOCIEDADE HUMANITARIA DO COMÉRCIO DE SANTOS

**Casa Coimbra**  
EMPRESA FUNERARIA  
MATRIZ  
RUA GENERAL CAMARA - TELEPHONE 439  
Empresia de Carros e Automoveis  
COCHEIRA E GARAGE  
33, RUA ITORORO - TELEPHONE 204

Da forma que esta Empresa se acha organizada e montada, não tem absolutamente competidora.  
Tendo adquirido a empresa de carros, que integramente lhe deu um grande impulso, tornou-se em Santos a primeira casa no genero. Além disso tem augmentado consideravelmente o seu numero de animas de luxo de carros, fazendo passar por grandes reformas e completas ornatações.  
Não cessamos em oferecer vantagens ao publico santista e por isso resolvemos dar gratis a publicação de cadaveres em carros funebres a todos aquelles que em nossos estabelecimentos fizeram aquisição de caixões funebres. E isto o mais que se pode fazer e nós o fazemos com maxima satisfação. Não desejamos desgraças para ninguém, mas quem precisar deste genero de serviço o fará em nossa casa por pouco dinheiro com commodities e decencia.  
Carros de todas as generos para casamentos, baptisados, passagens, etc. Chamado a qualquer hora da noite.

TODOS Á CASA COIMBRA  
**Benjamin Germano de Araujo Coimbra**  
Santos - 71, Rua General Camara, 71 - Santos  
33, Rua Itororo, 33



**CLÁSSICO ATÉ NO RÓTULO**  
 Charme do Almanaque de 59 era sua chamada de capa, aqui refeita por nossa equipe de artistas

## 1959 - Almanaque de Santos

### Até Cruzadinhas

Após grande período de estígio em almanaques, talvez devido às guerras e revoluções que sacudiram o Brasil e o mundo, afetando economias e cidades, Santos via ressurgir, nos anos 50, publicações que se propunham a difundir informações dentro das características que fizeram sucesso em terras santistas. O mais importante deles foi o Almanaque de Santos, editado por Tiago Veloso.

Sua concepção atendia aos anseios daqueles que já sentiam saudades dos antigos almanaques, trazendo curiosidades locais e mundiais, além de calendários santos, fases da lua, poesias, contos, anedotas e até cruzadinhas, uma coisa totalmente esquisita e nova, que pouco tinha a ver com esse tipo de livro. Bom, naquele tempo não havia revistinhas de palavras cruzadas, então as cruzadinhas do Almanaque provavelmente fizeram bastante sucesso.

Entre as maiores curiosidades do Almanaque de Santos de 1959 estavam as receitas culinárias de uma certa Valdice Mendonça. Um de seus quitutes tinha o nome de

“Mata-Fome” e era nada mais do que um bolo de fubá de mais de 1 kg. Realmente devia matar a fome até de leão!

Entre as notícias destacadas estavam a que anunciava o centenário da Evolução das Espécies, obra de Charles Darwin que mudou a forma do homem compreender a vida humana e dos animais.

### 1957 - Guia Santista

Foi também nos anos 50 que surgiu a primeira experiência em publicações voltadas ao turismo: o “Guia Santista” (1957), editado por Neif Kfoury e Alfredo Muniz Jr., com a colaboração daquele que seria o rei dos almanaques um década depois: Olao Rodrigues.



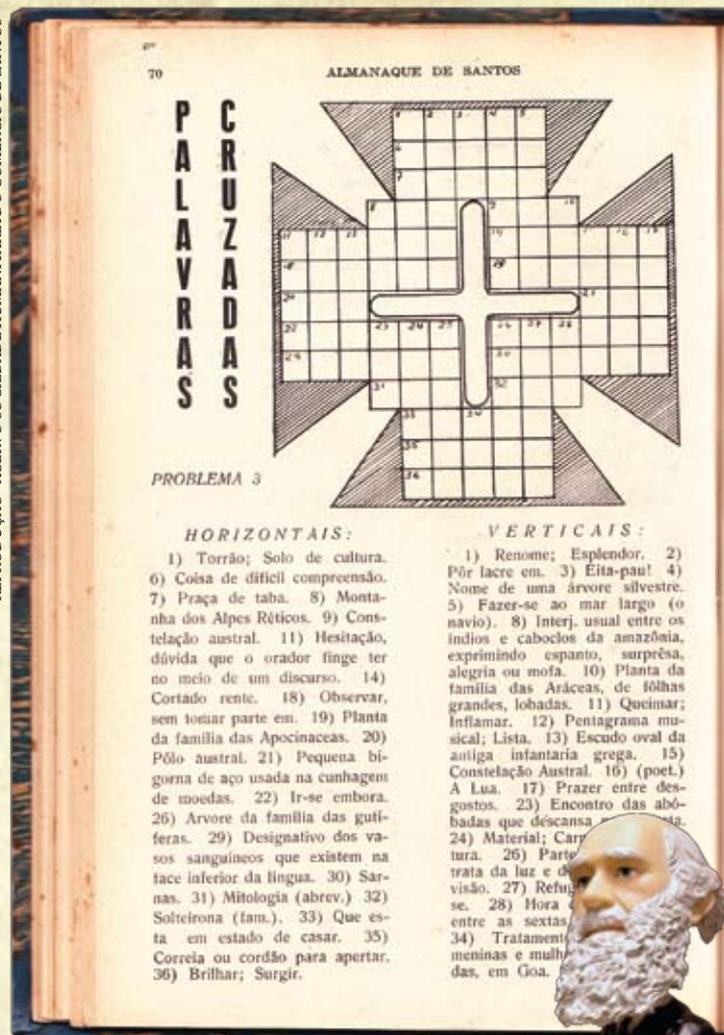
REPRODUÇÃO - SHCS

REPRODUÇÃO - ACERVO SO CIDADANIA DO COMÉRCIO DE SANTOS

**GUIA SANTISTA**  
 Pioneiro em publicação voltada ao turismo



Almanaque de 1959 trouxe como diferencial algumas sessões de palavras cruzadas



#### HORIZONTAIS:

- 1) Torróio; Solo de cultura.
- 6) Coisa de difícil compreensão.
- 7) Praça de taba.
- 8) Montanha dos Alpes Réticos.
- 9) Constelação austral.
- 11) Hesitação, dúvida que o orador finge ter no meio de um discurso.
- 14) Cortado rente.
- 18) Observar, sem tomar parte em.
- 19) Planta da família das Apocinaceas.
- 20) Pólo austral.
- 21) Pequena bigorna de aço usada na cunhagem de moedas.
- 22) Ir-se embora.
- 26) Arvore da família das gutíferas.
- 29) Designativo dos vasos sanguíneos que existem na face inferior da língua.
- 30) Sarnas.
- 31) Mitologia (abrev.)
- 32) Solteirona (fam.).
- 33) Que está em estado de casar.
- 35) Correla ou cordão para apertar.
- 36) Brilhar; Surgir.

#### VERTICAIS:

- 1) Renome; Esplendor.
- 2) Pôr laere em.
- 3) Eita-pau!
- 4) Nome de uma árvore silvestre.
- 5) Fazer-se ao mar largo (o navio).
- 8) Interj. usual entre os índios e caboclos da amazônia, exprimindo espanto, surpresa, alegria ou mofo.
- 10) Planta da família das Aráceas, de folhas grandes, lobadas.
- 11) Queimar; Inflamar.
- 12) Pentagrama musical; Lista.
- 13) Escudo oval da antiga infantaria grega.
- 15) Constelação Austral.
- 16) (poet.) A Lua.
- 17) Prazer entre desgostos.
- 23) Encontro das abobadas que descansa a cabeça.
- 24) Material; Carta.
- 26) Parte que trata da luz e da visão.
- 27) Refugio.
- 28) Hora entre as sextas.
- 34) Tratamento meninas e mulheres, em Goa.

**AGRADECEMOS A LEMBRANÇA**  
 Tiago Veloso foi atento ao celebrar os 100 anos do lançamento do livro “A Origem das Espécies” (1859), do naturalista britânico, Charles Darwin, que mudou a forma de pensamento da evolução humana



# OS ALMANAQUES DO OLAO 1969-1977

**1969-1972 - Almanaque de Santos**  
**1973-1976 - Almanaque da Baixada Santista**

## O rei dos almanaques

Em 1969 surgia o primeiro Almanaque de Santos da série produzida pelo jornalista Oloa Rodrigues, editada pela empresa Roteiros Turísticos de Santos, sob a direção de Pedro Bandeira Júnior. Oloa, que era o redator-chefe da publicação, se dedicou como ninguém ao projeto, tanto que seu nome ficou indelevelmente ligado aos almanaques que o sobrevieram, até 1976, já com o nome de Almanaque da Baixada Santista. Na carta de abertura do primeiro almanaque, em 69, a expectativa por oferecer à cidade de Santos “um trabalho completo, mas ressumando um esforço e energia, que colocamos a serviço do Município, dentro dos limitados recursos do que valemos e somos capazes”. De fato, o primeiro almanaque dessa turma foi feito na raça e na fé, mas os que vieram nos anos seguintes já tinham praticamente todo o caminho andado.

A maior novidade introduzida pelo Almanaque de Santos, de 1969, foi o fato de publicar fotos coloridas, notadamente de cunho turístico, mostrando a vertente da empresa que o bancou. As praias e seus jardins, os principais monumentos, prédios públicos, igrejas, áreas de lazer e festividades foram clicadas e expostas no livro de quase 200 páginas. No ano seguinte, o almanaque criava uma campanha que perdeu por muito tempo na memória santista. Ela tinha como personagem um simpático peixinho de boné e camisa listrada e

cuja frase marcou o início dos anos 70: Visite Santos o ano todo!

Em 1971, os editores repetiram a fórmula que estava dando certo desde a estreia. Oloa e sua equipe eram cada vez mais bem sucedidos na empreitada do almanaque e pareciam dispostos a não parar mais. A contratação de espaços publicitários, fonte de renda que mantinha o trabalho, só aumentava. No entanto, na edição de 1972 ocorreu algo que quebrou a qualidade da publicação. As páginas com fotos coloridas foram subtraídas. Por outro lado, este Almanaque de Santos de 1972 foi o primeiro a publicar uma fotografia aérea na capa, mostrando o cais do porto de Santos, tendo a Ilha Barnabé em primeiro plano.

Em 1973 veio a novidade que mudou tudo. A empresa Roteiros Turísticos de Santos extinguiu a marca Almanaque de Santos e passou a publicar o Almanaque da Baixada Santista. A principal justificativa foi a necessidade de atender à demanda comercial dos outros municípios da região, que manifestavam interesse em anunciar no almanaque, porém desde que não fosse apenas de “Santos”. A mudança, entretanto, só ficou no rótulo, porque o conteúdo era todo santista. Oloa e sua equipe não prepararam nada acerca dos municípios vizinhos, mas para todos os efeitos o almanaque era “metropolitano”.

Não se sabe se esse foi o motivo para que o almanaque do ano seguinte, 1974, fosse um fracasso comercial. Desde

**CAIU NA REDE  
É PEIXE!**  
Os  
Almanaques  
de Santos  
promoveram  
uma  
campanha  
de incentivo  
ao turismo  
que ficou na  
história da  
cidade

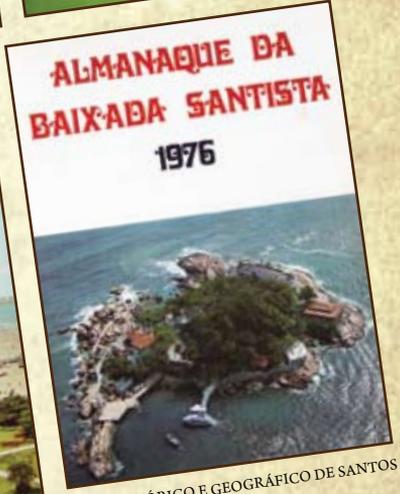
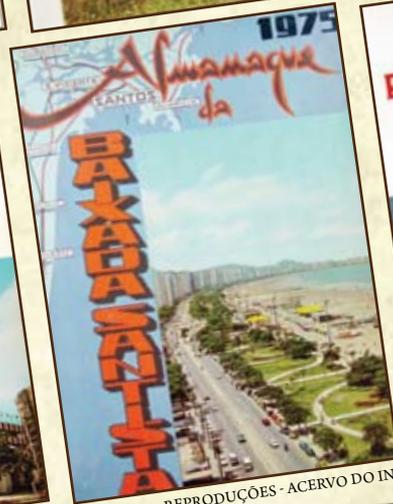
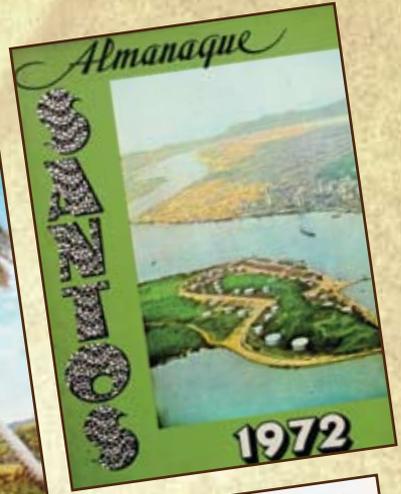
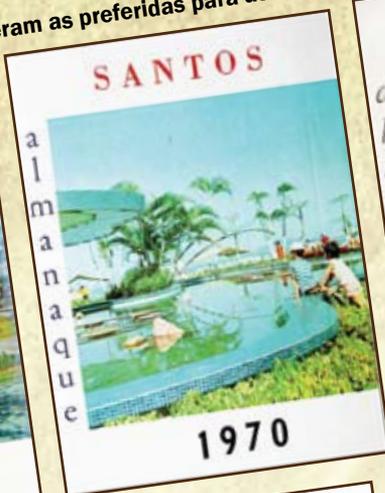
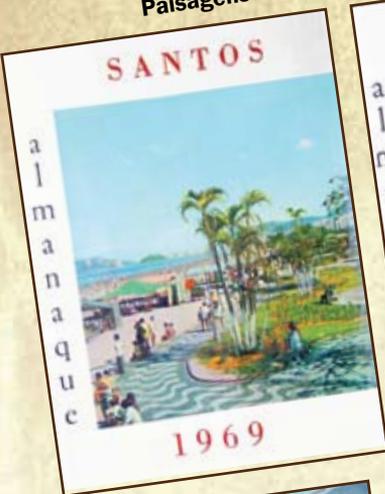


1969, os livros de Oloa e Pedro Bandeira Júnior mantinham uma média de 230 páginas por edição, sendo que a maior foi a de 71, com 304 páginas. Naquele ano de 74, o Almanaque da Baixada Santista saía às bancas e livrarias com pouco mais de 110 páginas. Outra situação que pode se atribuir à diminuição da publicação era o fato de que as reportagens, ou textos, se repetirem em todas as edições. Assim, quem já tivesse comprado um ano, certamente não iria adquirir o do ano seguinte, já sabendo que praticamente nada havia mudado.

Os almanaques de Oloa só circularam por mais dois anos, em 1975 e 1976, também com diminutas tiragens e quantidade de folhas. As páginas coloridas internas nunca mais voltaram, desde que desapareceram. A única novidade nestes dois últimos números foi a publicação de uma reprodução do mapa de Santos de 1878, de Jules Martins, feita pelo ilustrador Lauro Ribeiro da Silva, o Ribs, fiel parceiro do redator-chefe.

Os oito anos mantidos por Oloa Rodrigues à frente dos Almanaque de Santos e da Baixada Santista o tornaram uma referência no assunto, um verdadeiro Rei dos Almanaque.

TODAS AS CAPAS  
Paisagens na orla eram as preferidas para as capas



REPRODUÇÕES - ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTOS

É MEU!  
Olao não era o dono do Almanaque, mas se dedicou tanto a ele que não houve quem disassociasse seu nome ao do projeto, que até hoje é referência de busca em pesquisa sobre curiosidades de Santos

CHEIO DE MARCAS  
Os Almanques de Olao foram os primeiros a trazer fotos coloridas e imagens aéreas, além de ser o título, em almanques, que mais tempo perdurou no mercado santista

18 ALMANAQUE DE SANTOS

José Alves dos Santos, dono de armazém de socos e molhados, estava com os trabalhadores, como quase toda a população, e quando, em passeata de protesto, os grvistas passavam diante do estabelecimento, gritava às a toas pulmões: "Não comprem chapa, rapazes! Na minha casa ainda há feijão para vocês comerem durante muito tempo. Não paguem o imposto! Não paguem no trabalho!"

— "Viva-a-a-a!"

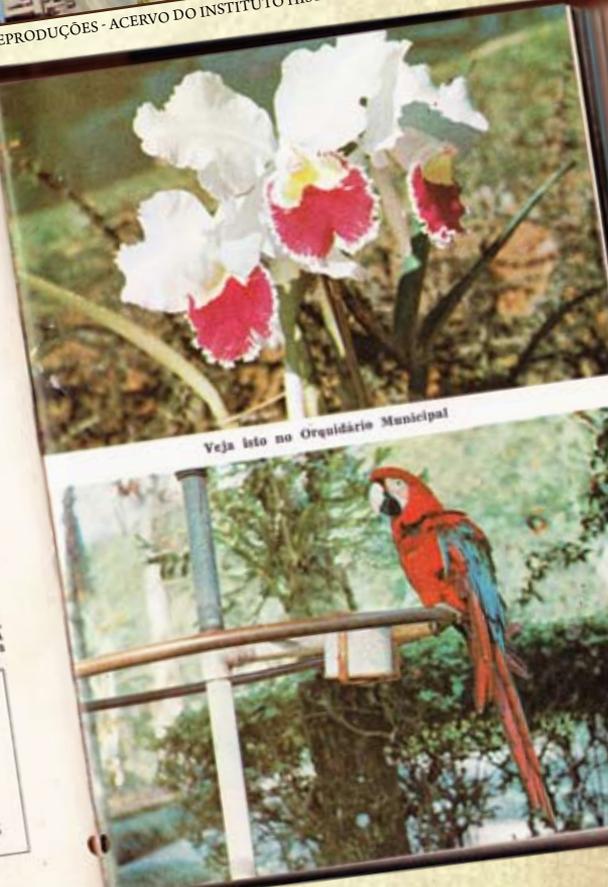
Depois de 2 dias, a Câmara ordenou, abtinindo o imposto, prosseguiu então o serviço de embarques de café, o que levou os carregadores a novas manifestações. Aqueles que os ajudaram, zocando, ao negociant: José Alves.

No carnaval do ano seguinte, os Meteoros incluíram em seu prêmio uma crítica ao caso da chapa, muito bem bolada e com muita repercussão.

**UM INCENDIO**

No século passado, Santos ainda não dispunha de serviço de combate ao fogo. Quando um prédio era tomado das chamas, quem as atacava era o povo, por meio de água levada em latas, baldes e outros recipientes. Por essa razão, era quase impossível evitar um incêndio, mesmo porque água era difícil de modo que a loja se abastava do sacho do vizinho, como aconteceu com a loja de fazendas denominada curaçamente Ao Queima, na Rua Direita, que ardeu completamente, por pouco as chamas não se comunicaram ao edifício contíguo da Farmácia Santista, dirigida pelo popular farmacêutico Quinzinho. Nas proximidades alhava nava a sociedade Loz Bavares, ruferamente iluminada pelo reflexo das chamas que lvoavam de Ao Queima. Gente decidida alhava ao chamariz da Banca para apañhar água, em baldes, enquanto carpenteiros, a machados, tratavam de circunscrever o fogo, a fim de que os prédios vizinhos, amesquados, não fossem também envolvidos, assegurando golpes na cunheta para desligar uma casa da outra. A única bomba qu' havia na Cidade, de propriedade da Câmara, mal funcionava, pois as mangueiras, furadas em varios pontos, apichavam água inutilmente. A rua estava alagada. Era madrugada. Houve pânico. A vizinhança, em

**LAVANDERIA NOSSA SENHORA DO CARMO**  
— A SUA LAVANDERIA —  
Lavam-se e passam-se com perfeito termo, vestidos, cortinas, tapetes, etc.  
Fernando Coelho Filho  
TELEFONE: 4-7912  
Atendimento em: santistas e com muito orgulho aos turistas  
Rua Piratininga n. 152-A - Ponta da Praia - Santos



# O FIM DE UMA ERA

## 1976/1978 - Indicador Turístico de Santos

### Feito no Mimeógrafo

A partir do final da década de 70, a potencialidade turística de Santos estava nas alturas. Prova maior era o boom imobiliário que se via na cidade. Mais interessados em informações sobre restaurantes, cinemas, bares, casas de show e pontos de lazer do que pelo passado santista e outros conhecimentos que podiam ser encontrados em enciclopédias ou revistas diversas, os leitores passaram a adquirir apenas as publicações que os atendessem. Assim, os almanaques deram lugar para pequenos livretos como o Indicador Turístico de Santos, produzido pelos mesmos profissionais que faziam os Almanques de 1969 a 1976, ou seja, Olo e Pedro Bandeira Júnior. Mas, aparentemente, a grana estava curta, já que, visivelmente, se notava a terrível qualidade gráfica dos pequenos guias de bolso. Pareciam ter sido rodados em mimeógrafo,

máquina rudimentar de cópias. O Indicador procurou manter alguma coisa sobre a história santista, mas muito pouco diante do que se difundia no passado.

### 1978 - Anuário de A Tribuna

Olo Rodrigues ainda publicaria mais um de seus almanaques clássicos, em 1978. Porém, desta vez como um anuário do jornal A Tribuna. No entanto, a publicação não decolou, principalmente porque repetia a mesma fórmula de textos dos projetos anteriores.

### ASDFG

Indicador Turístico foi feito na raça, em máquina de escrever básica



REPRODUÇÃO - SHCS

OS  
nótese histórica

do de Santos, mas a honra  
Braz Cubas, fidalgo d'el  
lva de Martim Afonso de

as conseguiu, por doação  
dor de São Vicente (então  
ubatuba e Ilha Pequena  
sócios Pascoal Fernandes  
es de Santos — trato de  
ro de Santa Catarina e  
Fó.

az Cubas convenceu as  
para al o porto de São  
ande (Ponia da Praia).  
com o Porto de Santos,  
de Cabral e de Martim  
bularmente, esse nome  
uaçu e Porto de São.

do com os marinhe  
lhos, fundou, com auxílio dos  
misericórdia, para administrá-lo.

o progresso do Porto de Santos superou o da Vila de  
ente e, a 19 de junho de 1545, Braz Cubas, investido no  
e capitão-mor, concedeu o foral da Vila para Santos, ato  
rovado, por Tomé de Souza, governador-geral do Brasil,  
em visita à Capitania em 1552.

fastada territorialmente dos ciclos do açúcar e do ouro,  
teve desenvolvimento moroso nos séculos 17 e 18, para  
ir-se no ciclo do café, a partir de meados do século 19,  
da à categoria de Cidade, "por ter sido a pátria de José  
o, o Patriarca da Independência", (26 de janeiro de 1839).  
intenso tráfego, nessa época, entre Santos e a Capital da  
a (e depois, do Estado) pela Estrada da Maioridade, exi-  
grandes empreendimentos: o assentamento da ferrovia  
eses, entre Santos e Jundiá (1887), e a construção do  
porto, pelos brasileiros Gafreé e Guinle, obra iniciada

9



REPRODUÇÃO - SHCS

A SAIDEIRA  
Olo ainda publicaria mais uma vez seus interessantes textos, desta vez em parceria com o jornal A Tribuna, encerrando nele a era dos almanaques de curiosidades

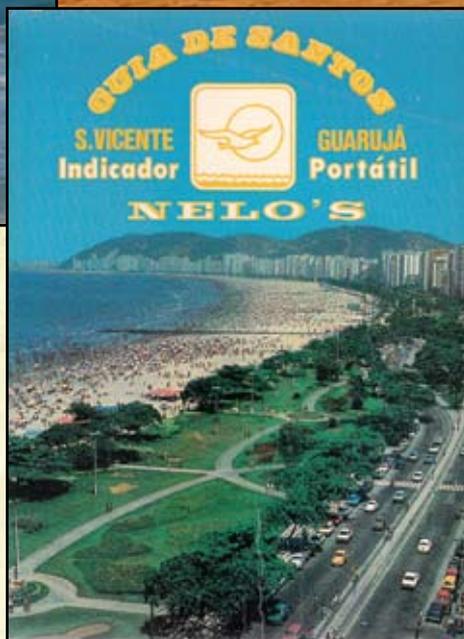


SHUTTERSTOCK



#### TEM TELEFONE?

Guia de Santos, dos anos 80, que ficou conhecido como “Guia Nelo´s” trazia muitos telefones úteis e do comércio, além de garotas bonitas nas capas



#### Desde 1980 Guia de Santos

Os guias que surgiram a partir dos anos 80 não se preocuparam mais em fornecer informações sobre o passado santista (pelo menos de forma completa e correta) e tampouco publicar poesias, contos, anedotas, curiosidades, etc e tal. O negócio passou a ser a prestação de serviços, oferecendo aos seus leitores basicamente informações sobre itinerários de ônibus, endereços e classificação de hotéis, relação de drogarias, clínicas médicas e hospitais, onde encontrar bons restaurantes e muitos anúncios. Tornaram-se praticamente um guia telefônico. O mais famoso e ainda existente é o Guia de Santos, publicado

pela Nelo´s (Hoje Editora Solen). Foi o único que resistiu ao tempo e ao advento da internet. Bem montado graficamente, peca somente na qualidade das poucas informações históricas que traz. Uma tradição do Guia de Santos são as beldades que estampam a cada ano suas capas.



**MACACÃO DE FÓRMULA 1**  
Capa do Guia de Santos, como este da edição 2010, a 20ª de sua história, é carregada de anúncios. Única forma de sobreviver diante da forte concorrência da internet

## LISTA DOS PRINCIPAIS

- 1871 - Almanaque da Cidade de Santos
- 1884 - Almanaque Administrativo
- 1887 - Indicador Santista
- 1890 - Almanaque Santista
- 1894/1895 - Guia Geral do Comércio
- 1896 - Almanaque Histórico-Literário
- 1899 - Almanaque Santista
- 1900 - Álbum Comercial de São Paulo e Santos
- 1902 - Anuário do Diário de Santos
- 1903 - Almanaque Comercial de Santos
- 1910 - Almanaque de Santos e São Vicente
- 1912 - Indicador Santense
- 1959 - Almanaque de Santos
- 1969 - Tranquilidade
- 1961 a 1963 - Almanaque de Santos
- 1969 a 1971 - Almanaque de Santos
- 1972 a 1976 - Almanaque da Baixada Santista
- 1976 a 1978 - Indicador Turístico de Santos
- 1980 a 2011 - Guia de Santos



# AS IGREJAS PERDIDAS DE SANTOS



**D**a história da humanidade, dentre as edificações que mais resistem ao tempo estão as de uso militar (fortalezas, fortins, quartéis) e as de conotação religiosa (igrejas, capelas, templos, cemitérios). Em Santos e região não é diferente, tanto que os patrimônios mais antigos são justamente os que foram, no passado, utilizados para algumas dessas finalidades (Fortaleza da Barra Grande, Igreja do Valongo, Mosteiro de São Bento, Casa do Trem Bélico, entre outros).

Porém, muitos desses espaços não resistiram ao progresso, ou a desastres naturais, e desapareceram da vida dos santistas. Nesta reportagem você vai conhecer as principais perdas da história de Santos no que se refere a igrejas e capelas que, de alguma forma, foram muito importantes no dia a dia da formação desta terra e sua gente e que hoje só vivem no imaginário dos livros e de quem ama a história santista.

# Igreja Jesus, Maria e José

## HISTÓRIA

A capela de Jesus, Maria e José, também conhecida ao longo da história como Capela do Terço, Capela do Carvalho e Capela de Nossa Senhora da Conceição, foi erguida no final do século XVIII (cerca de 1790) a mando do coronel José Antônio Vieira de Carvalho, junto ao ribeirão de São Jerônimo, no local conhecido como Rua da Praia. A igreja chegou a servir a Irmandade da Misericórdia por algum tempo. Em 1826, o botânico e desenhista inglês William Burchell, em passagem por Santos, se encantou com o aspecto bucólico do edifício e o retratou em uma de suas obras. Nela, observa-se sua fachada em perspectiva feita a partir de um pontilhão que ficava ao lado do ribeirão de São Jerônimo.



QUADRO DO ACERVO DA FUNDAÇÃO PINACOTECA BENEDITO CALIXTO

## O QUE ACONTECEU

Na virada do século XIX para o XX, por conta das obras de construção do Porto de Santos, a capela, que já estava em péssimo estado de conservação, foi condenada, assim como várias outras edificações do Valongo e cercanias. A Intendência Municipal, em decreto, decidiu por sua demolição em 1902, sendo seu terreno adquirido, dois anos depois, pela firma Zerrenner, Bullow & Cia.

### QUEM VIU, VIU!

Burchell registrou (no alto), Calixto pintou (acima), Marques Pereira (ao lado) e Militão fotografaram, mas hoje não há mais ninguém que possa dizer ter conhecido ao vivo a imponente capela do século XVIII, que reinava soberana nas margens da praia de Santos, quando esta ficava no lado da velha cidade

## onde ficava?

Quando foi aterrado para a construção do porto organizado e moderno, o trecho onde estava a capela, da borda da praia, passou para dentro e estaria na altura do que é, hoje, a saída da rua Conde D'Eu, defronte ao armazem 2 da Codesp





*onde ficava?*

**Bem na saída do atual Túnel Rubens  
Ferreira Martins, do lado da cadeia velha,  
onde há o início da Avenida São Francisco  
e o contorno para pegar o elevador. No local  
ainda há ruínas da velha igreja**



# Igreja São Francisco de Paula

## HISTÓRIA

Foi no ano de 1760 que a Irmandade da Misericórdia terminou a construção de sua, então, nova igreja junto ao Morro de São Jerônimo (atual Monte Serrat). Consagrada inicialmente ao santo que emprestava o nome ao local, a ermida foi mais tarde dedicada a São Francisco de Paula, o que inspirou, muitos anos depois, o batismo da rua com o mesmo nome (atual Avenida São Francisco). Em 1830, época em que a Irmandade utilizava o Hospital Militar (situado na Alfândega) para tratar os trabalhadores do porto que contraíam doenças infecciosas, decidiu-se que havia a necessidade de manter um local próprio para a promoção das suas atividades benemerentes. Assim, em 1835, o então provedor da Santa Casa, capitão Antonio Martins dos Santos, iniciou a construção do terceiro Hospital da Misericórdia de Santos junto à sua igreja, sendo ele inaugurado em 4 de setembro de 1836.

A igreja passou, então, a ser um importante anexo do hospital, para onde enfermos e seus parentes se dirigiam com a finalidade de orar e pedir graças de curas. Dentro da capela existiam devoções ao Menino Jesus, Santa Isabel com São João Batista Menino, São Zacarias, São José, São João de Deus, Santa Isabel de Portugal, o Crucificado e, obviamente, a São Francisco de Paula, cuja imagem principal, a que ficava no altar, tinha estatura quase natural e, embora vestisse túnica, utilizava roupas de verdade, produzidas por uma alfaiataria local.



ACERVO DA FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS - FAMS

## DE CAPELA À IGREJA

**Criada em 1760, a capelinha foi crescendo conforme a necessidade da Irmandade da Misericórdia. O local acabou consagrado à São Francisco de Paula (santinho ao lado) e servia de alento para milhares de enfermos que eram internados na Santa Casa**



QUADRO DO ACERVO DA FUNDAÇÃO PINACOTECA BENEDITO CALIXTO



## DO CAMPO DA CHÁCARA À CIDADE FERVILHANTE

**Obra de Benedito Calixto, de 1837, retrata em primeiro plano o Rancho dos Tropeiros. Este foi o ano em que o hospital da Misericórdia completava seu primeiro aniversário e imperava tranquilo no sopé dos Morros de São Bento e Monte Serrat. Bem diferente das primeiras décadas do século XX, quando tanto a cidade quanto o complexo hospitalar aumentaram consideravelmente. Na página ao lado, a igreja já na fase decadente, no pós-acidente do Monte Serrat de 1928.**

## O QUE ACONTECEU

No dia 10 de março de 1928, uma tragédia ocorreu em Santos. Abalada por fortes chuvas, parte da encosta do Monte Serrat desabou, soterrando dezenas de casas e várias dependências da Santa Casa de Misericórdia de Santos. A Irmandade resolveu, “forçada por circunstâncias imperiosas, abandonar temporariamente o velho e querido hospital, abrigando em lugar tranqüilo e seguro centenas de enfermos que se encontravam sob aquele teto acolhedor e tradicional.”

Temerosos com a possibilidade de outros deslizamentos, os diretores da Santa Casa decidiram construir um novo hospital, em área afastada dos morros. Depois de inaugurado, em 1945, o novo prédio, no Jabaquara, o então “velho” prédio da Misericórdia, assim como a Igreja, foram condenados à demolição, tarefa que só foi concluída no final dos anos 50.

# Capela da Graça

## HISTÓRIA

A Capela consagrada à Nossa Senhora da Graça foi erguida no ano de 1562, a mando de José Adorno e sua esposa, D. Catharina Monteiro. Adorno fora um dos primeiros colonizadores de Santos, onde mantinha um dos mais ativos engenhos de cana-de-açúcar da região. Algum tempo mais tarde, no início de 1589, quando os padres carmelitas desembarcam na vila santista a fim de estabelecer aqui uma ordem religiosa, foi Adorno quem os acolheu e, com imensa alegria e vontade de ajudar, acabou lhes doando a ermida, por meio de escritura lavrada em 24 de abril daquele mesmo ano, conforme está registrado nos anais da Ordem.

Cita o documento histórico que “na mesma capella o referido padre comissário Frei Pedro Vianna veio fundar o Convento de Religiosos do Carmo”. A doação de José Adorno foi confirmada, entretanto, apenas em 7 de junho de 1603. Os carmelitas, entretanto, só ficaram dez anos “hospedados” na pequena Capela da Graça. Braz Cubas, o fundador de Santos, e grande admirador da Ordem do Carmo, logo cedeu outra área, bem maior, para a construção da Igreja e do Convento do Carmo, no local onde até hoje está em pé. Uma curiosidade desta capela é que ela foi a única a sepultar escravos em Santos.



ACERVO MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO



FOTO MILITÃO AUGUSTO DE AZEVEDO



## O QUE ACONTECEU

A pequena capela sobreviveu na paisagem santista por mais de 340 anos. No início do século XX, com a ebulição causada pela construção do Porto de Santos, as ruas do Centro foram alargadas, como foi o caso da Rua Santo Antônio (atual Rua do Comércio), considerada

uma das principais artérias da cidade - por ser a primeira passagem de quem vinha pela Estação de Trem, e a Rua do Sal (atual Rua José Ricardo). Era nesta esquina que ficava a singela capela, já bem deteriorada em 1903, ano em que desapareceu para sempre da vida dos santistas.

### A ÚNICA FOTOGRAFIA

Esta imagem, feita em 1865, por Militão Augusto de Azevedo, mostra a Capela da Graça já destoando das outras edificações que eram erguidas ao longo da Rua Santo Antonio (atual Rua do Comércio), como a Casa de Frontaria Azulejada - que pode ser vista mais adiante em plena construção

onde ficava?

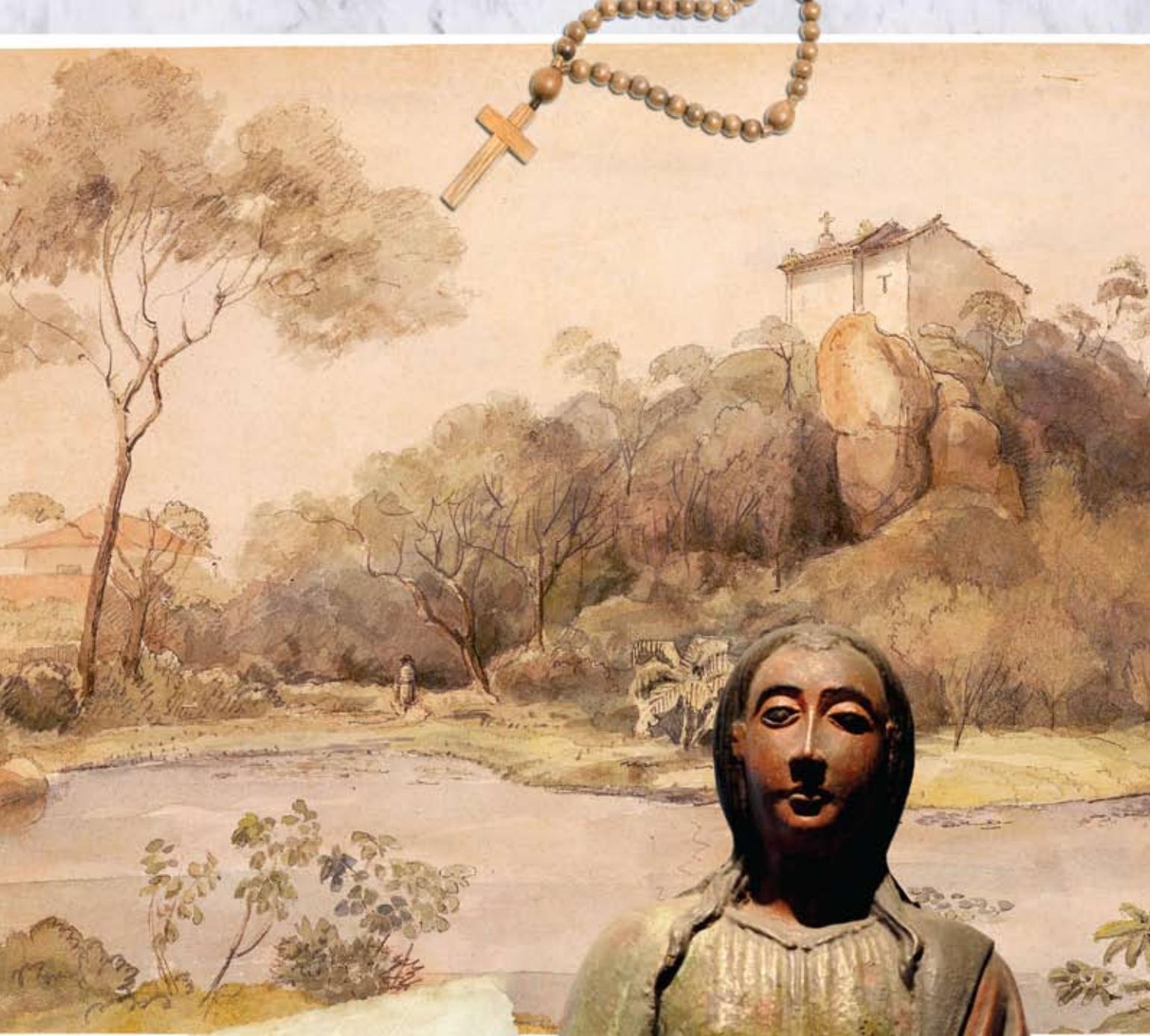
Na esquina da Rua do Comércio com a Rua João Ricardo. No terreno da capela está hoje erguido o prédio da Receita Federal do Brasil



**A PRIMEIRA MORADA DOS PADRES CARMELITAS**

Construída a mando dos Adorno, a Capela de Nossa Senhora da Graça serviu de primeira morada dos padres carmelitas, antes da Ordem estabelecer-se no local onde hoje está a Praça Barão do Rio Branco





onde ficava?

Em cima do pequeno morro que não existe mais. Hoje só restam algumas rochas deste monte, onde está a sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos - FAMS



# Capela de Santa Catarina de Alexandria

ACERVO DO INSTITUTO MOREIRA SALLES

## HISTÓRIA

A Capela de Santa Catarina de Alexandria é, certamente, a que tem a história mais emocionante dentre os templos religiosos que desapareceram da vida santista. Foram duas que existiram. A primeira, erguida por volta de 1540, no sopé do Outeiro de Santa Catarina, é considerada a segunda edificação religiosa da história de Santos, fundada por Luís de Góes e sua mulher, d. Catharina de Andrade e Aguillar. Esta capela foi alvo da destruição promovida pelos piratas de Thomas Cavendish em

1591, sendo saqueada e parcialmente depredada. A imagem da santa que consagrava o lugar foi atirada no mar e incrivelmente encontrada, 72 anos depois, por escravos pescadores do Colégio dos Jesuítas. Eles a levaram ao reitor do colégio, padre Alexandre de Gusmão, que mandou construir nova capela no cume do Outeiro. Esta segunda edificação resistiu ao tempo por dois séculos, e é a que foi retratada por obras de Calixto e William John Burchell.

QUADRO DO ACERVO DA FUNDAÇÃO PINACOTECA BENEDITO CALIXTO



**CALIXTO INVENTOU  
DEMAIS, BURCHELL  
DESENHOU O QUE VIU  
PESSOALMENTE**

**Historiadores contestam no quadro de Calixto (ao lado) a existência da torre com sino, tida como mais uma das “invenções” do pintor. Burchell, quando esteve na Vila de Santos, em 1826, ainda teve tempo de registrar pessoalmente a imagem da pequena capela (página anterior), antes de seu desaparecimento, que já estava por vir. E, nela, não havia nenhuma torre**

## O QUE ACONTECEU

No começo do século XIX começaram a retirar terra e extrair pedras do local para construção de casas e calçamentos. A pequena e já velha capela foi logo demolida. Em 1869 a Câmara Municipal autorizou o desmanche do restante do pequeno morro para que fossem feitas as demarcações de ruas e quadras. Porém, permaneceram no local duas grandes pedras, sobre as quais o médico e abolicionista João Éboli

construiu uma bela casa acastelada (hoje sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos). Um fato marcante é que o local também é considerado o ponto inicial do povoamento santista, já que Braz Cubas, que comprara as terras de Luís de Góes, teria ali fincado os marcos iniciais da Vila de Santos, instalando a Santa Casa de Misericórdia junto à primeira capela (a do sopé do Outeiro).

## QUASE A MESMA HISTÓRIA DA PADROEIRA DO BRASIL

**A imagem de Santa Catarina de Alexandria foi, como Nossa Senhora de Aparecida, encontrada por pescadores escravos, anos depois de ter desaparecido de seu altar original**

# Antiga Matriz

## HISTÓRIA

Construída entre 1742 e 1746, a antiga Matriz foi um exemplo clássico da arte sacra barroca. Estava localizada nas proximidades do local onde o fundador Braz Cubas levantou a primeira igreja da Misericórdia, e onde fora sepultado, quando do seu falecimento, em 10 de março de 1592. A cerimônia de benção da Matriz ocorreu oito anos após o término de sua construção, em 1746, pelas mãos do vigário de Santos à época, padre Faustino Xavier Prado. Por 154 anos, a velha Matriz foi o baluarte da fé católica santista, tendo recebido grandes personalidades da história brasileira que por aqui passaram, como, por exemplo, o príncipe regente D.Pedro I, que lá assistiu missa quando da sua passagem por Santos às vésperas do

Grito da Independência, e seu filho, D.Pedro II, que lá esteve com sua família (inclusive a princesa Isabel) em 1885.

A antiga Matriz, considerada por muitos historiadores como a primeira que Santos teve para esta finalidade (ser a igreja central), tinha ao todo sete altares - o maior sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos -, além de uma capela consagrada ao Santíssimo Sacramento, no altar onde ficava o Sacrário. Contava igualmente com irmandades e confrarias, com obrigações e compromissos, e inclusive uma irmandade dos pretos e outra dos pardos, ambas sem compromissos. Na sua pia batismal grandes nomes santistas foram batizados, como todos os irmãos Andradas.



QUADRO DO ACERVO DA FUNDAÇÃO PINACOTECA BENEDITO CALIXTO

## O QUE ACONTECEU

Nos primeiros anos do século XX, a velha Matriz apresentava estado lastimável de conservação. Muitos atribuíram essa condição ao latente desinteresse dos seus últimos vigários administradores. Independente do ônus da responsabilidade, o prédio barroco realmente estava enfraquecido. A ameaça de desabamentos era iminente. As autoridades santistas ficaram entre a cruz e a espada: demolir ou recuperar? O certo é que, depois de vistoriada por um engenheiro enviado pela Câmara Municipal, em fevereiro de 1906, constatou-se que a Matriz não tinha mais jeito e foi condenada em laudo técnico. Depois de muita

discussão, foi aprovada pela Câmara Municipal de Santos, em 2 de janeiro de 1908, Lei específica de desapropriação do imóvel secular. A demolição iniciou tão logo a referida Lei fora promulgada e sancionada. A matriz veio totalmente abaixo em dezembro daquele mesmo ano. A justificativa maior para sua condenação era a de que a velha Matriz não possuía mais condições para comportar grande número de fiéis durante as cerimônias religiosas. Assim, ficou resolvido que a igreja deveria desaparecer para que a Praça da República pudesse ser ampliada. Um verdadeiro crime contra a memória da cidade.



SHUTTERSTOCK

## O BARROCO QUE NÃO SOBREVIVEU

A demolição da antiga Matriz, em 1908, foi um dos maiores crimes patrimoniais cometidos contra a cidade. Prédio foi o único existente em Santos de influência barroca, palco do batizado de figuras ilustres como os irmãos Andradas e missas presenciadas por diversos personagens históricos, como os imperadores do Brasil



onde ficava?

97 Santos, Alfândega é Igreja Mat

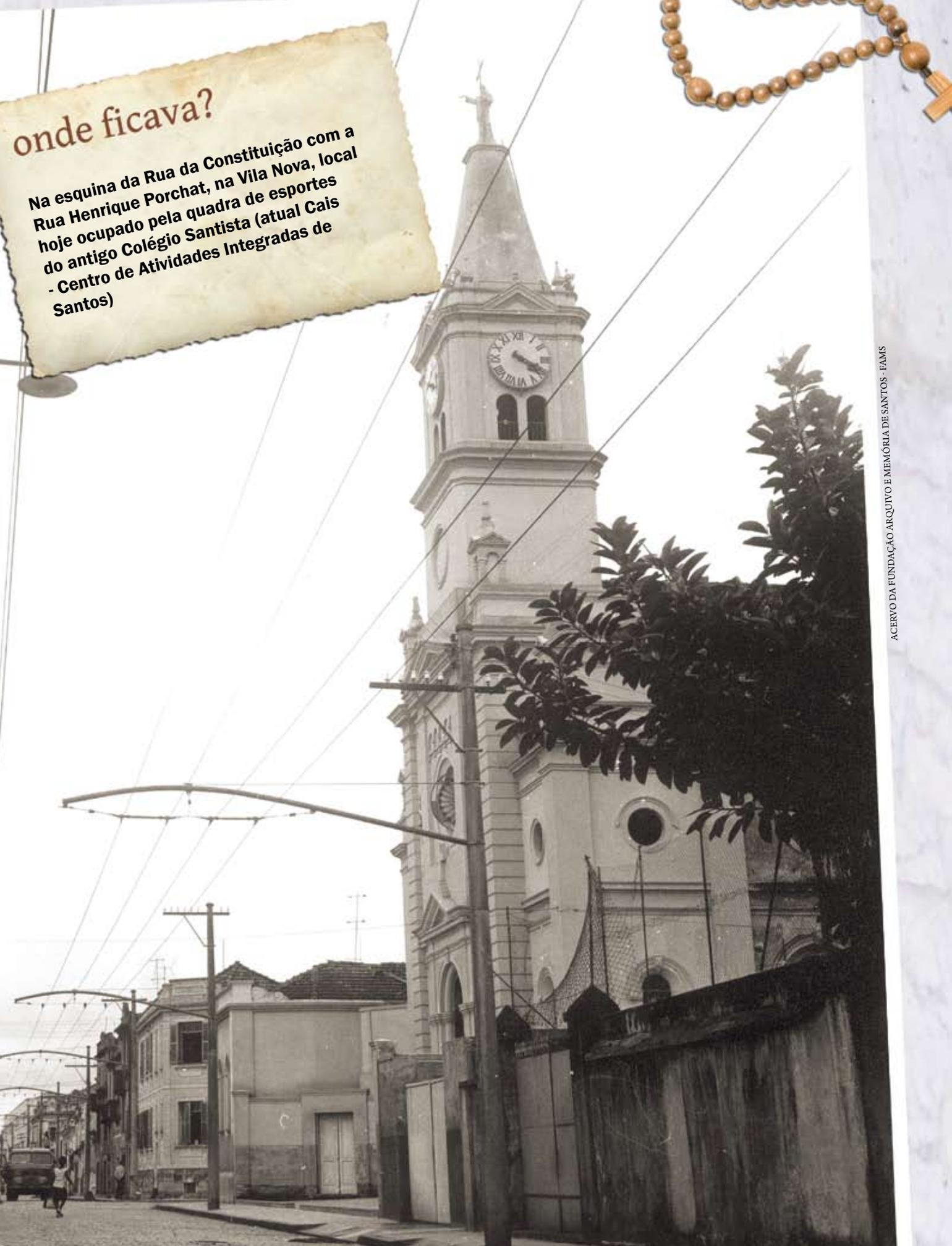
Em frente à Alfândega, na direção da Rua Braz Cubas. A parte de trás da Matriz pegava um pouco do que é hoje a Praça Antonio Telles

ACERVO DA FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS - FAMS



onde ficava?

Na esquina da Rua da Constituição com a Rua Henrique Porchat, na Vila Nova, local hoje ocupado pela quadra de esportes do antigo Colégio Santista (atual Cais - Centro de Atividades Integradas de Santos)



# Igreja do Sagrado Coração de Jesus

## HISTÓRIA

A história desta igreja começa pela fé de Dona Mariana Rosina, devota do Sagrado Coração de Jesus, que, em 1886, tem a ideia de erguer um templo em sua consagração. A religiosa contou com a ajuda do Comendador João Alfaya, a quem se uniu para a criação, em Santos, do Apostolado da Oração. Diz a história que, nesta época, a religião estava em baixa na cidade de Santos, tanto que o padre Taddei, responsável pelo Sagrado Coração de Jesus no Brasil, titubeava por autorizar a criação de um Apostolado na cidade, declarando que Santos era “hereje, porque os carroceiros, quando desembarcava algum sacerdote, davam vaias na rua e o insultavam”. Mas Dona Mariana não desistiu e depois de costurar algumas alianças, conseguiu a tão desejada autorização e ainda ganhou uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, vinda de Paris, França.

A imagem, em tamanho natural e esculpida em madeira, chegou a Santos em 1888. Faltava, agora, a igreja, cuja área escolhida era fora da cidade na

época (na hoje atual esquina da Rua da Constituição com Henrique Porchat). Em 1896, Pe. Taddei benzeu a primeira pedra da Igreja que seria erigida em honra do Sagrado Coração de Jesus, trasladado posteriormente em 3 de julho de 1897. A 5 de novembro daquele ano as obras tiveram início, com a presença de cerca de 300 pessoas, entre elas o jesuíta Pe. André Biagioni e elementos da elite santista. O Santuário Coração de Jesus, como ficou conhecido, foi inaugurado em 25 de outubro de 1902. Em 1905, D. José de Camargo Barros, bispo diocesano de São Paulo, doava a igreja aos jesuítas. Outras remodelações foram feitas no templo, enriquecendo-o. Com características arquitetônicas da época, o Santuário do Sagrado Coração de Jesus era uma das atrações turísticas da cidade. Possuía em seu interior famosas telas e quadros a óleo, algumas assinadas por Benedito Calixto, além de inscrições laqueadas em ouro e a imagem do Sagrado Coração de Jesus trazida de Paris.



REPRODUÇÃO REVISTA DA SEMANA - 1902

Igreja na fase final de construção, em 1902



REPRODUÇÃO

A tragédia do Gasômetro em 1967 destruiu várias edificações na Vila Nova. A igreja, apesar de não ter caído, ficou comprometida

## O QUE ACONTECEU

O Santuário teve suas estruturas seriamente abaladas pela explosão do Gasômetro (Serviços de Eletricidade e Gás), que ficava na Rua Marechal Pego Junior, ocorrida no dia 9 de janeiro de 1967. Depois de uma longa e minuciosa vistoria feita por engenheiros municipais e posteriormente pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, acabou condenado e sua demolição iniciou-se naquele mesmo ano. Foi uma grande perda para os católicos, visto que o Santuário representava um patrimônio religioso e ar-

tístico-cultural, além de ser o símbolo da fé de Dona Mariana, que tanto lutou para que a igreja fosse uma realidade. Os objetos sem utilidade para a igreja foram doados a paróquias mais pobres. Outros foram vendidos e o dinheiro revertido para a ampliação do local onde se encontravam instalados os Padres Passos, Geraldo e Favero. Os castiçais, quadros e antiguidades foram vendidos, assim como o órgão, os vitrais, os sinos (o maior com o peso de 1.500 quilos e o menor com 300) e o mármore que revestia as paredes.

# Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia (2)

## HISTÓRIA

Além de participar da infeliz lista das casas sagradas que desapareceram da vida de Santos, a Igreja da Misericórdia, consagrada à Santa Isabel, também não resistiu ao tempo e ao advento da fotografia, para que pudesse nos brindar com uma vaga lembrança de sua existência. As raras referências sobre ela são vistas em plantas da Vila de Santos, confeccionadas entre os séculos XVII e XVIII; em documentos do arquivo histórico da Irmandade da Misericórdia ou em poucos e fantasiosos quadros de Calixto (*ele pintava baseado em algumas referências documentais*). Há também alguma coisa sobre ela em correspondências encaminhadas de Santos para os governadores gerais do Brasil e São Paulo, a maior parte “suplicando” recursos para a construção ou reforma do prédio, que também abrigou o hospital da Irmandade por bastante tempo. A igreja da Misericórdia, cuja construção se iniciou em 1652, foi erguida num terreno de 60 braças – 132 metros – “no lado poente do campo, pela terra a dentro da Rua Direita para o mato”. Desta feita, logo depois de pronto, o local ficou conhecido como o Campo da Misericórdia

(atual Praça Mauá).

Sua edificação também motivou diversos conflitos com os carmelitas, que acusaram a Irmandade de ter “invadido” áreas que lhes pertenciam, que haviam sido doadas, segundo os padres, pelo próprio criador da Misericórdia, o fundador de Santos, Braz Cubas. A coisa ficou tão feia que a briga se transformou num longo processo e o caso foi parar na capital da Colônia, Salvador da Bahia. No final da história, os religiosos da Ordem do Carmo perderam a causa e tiveram que se calar. Prova disso é que a igreja foi erguida, em boa parte, com recursos doados pelo então Governador Geral do Brasil, D. Jerônimo de Ataíde. *“Hei por bem de lhes conceder de esmolas, em nome de Sua Majestade, 100\$00, para as referidas obras, os quais se despenderão com assistência do provedor da Fazenda, e com mandado em forma que se passará em virtude desta Provisão”*.

Depois da concluída, em 1665, a igreja passou a celebrar todas as missas da irmandade e enterrar seus fiéis.

## O QUE ACONTECEU

No final do século XVIII a população santista aumentava consideravelmente e já contava, no ano de 1800, com 4.126 habitantes. O crescimento demográfico, contudo, não se traduziu em progresso. Ao contrário, só trouxe mais problemas em função das demandas desta população que surgia. Assim, a Irmandade não conseguia angariar recursos para promover as constantes obras de reparos que a igreja pedia. Nos primeiros anos do século XIX, a Igreja da Confraria da Misericórdia se encontrava em péssimas condições, quase em ruínas. Os cultos foram suspensos por medida de segurança. A Mesa Administrativa da Irmandade requereu, então, uma licença ao Bispo Diocesano, pedindo a transferência de suas atividades para a Capela do Terço (Jesus, Maria e José). Todos os sepulta-

mentos de pobres, que eram feitos na Misericórdia, começaram a ser realizados na Igreja Matriz. Estava quase proibido enterrar quaisquer cadáveres na Casa da Misericórdia. Já se cogitava uma medida urgente de higiene. Ao longo dos anos seguintes todos os serviços de atendimento a enfermos foram transferidos para o Hospital Militar do governo, instalado no antigo Colégio São Miguel dos Jesuítas e depois para umas casas obtidas, em doação, do Sr. Antônio José Vianna, na região do Campo da Chácara, que ficava nas proximidades da pequena capela de São Francisco de Paula, onde, em 1836, finalmente, a Irmandade inauguraria seu novo hospital. A Igreja da Misericórdia do Campo foi demolida, não se sabe em que ano, mas sua existência não passou dos anos de 1840.

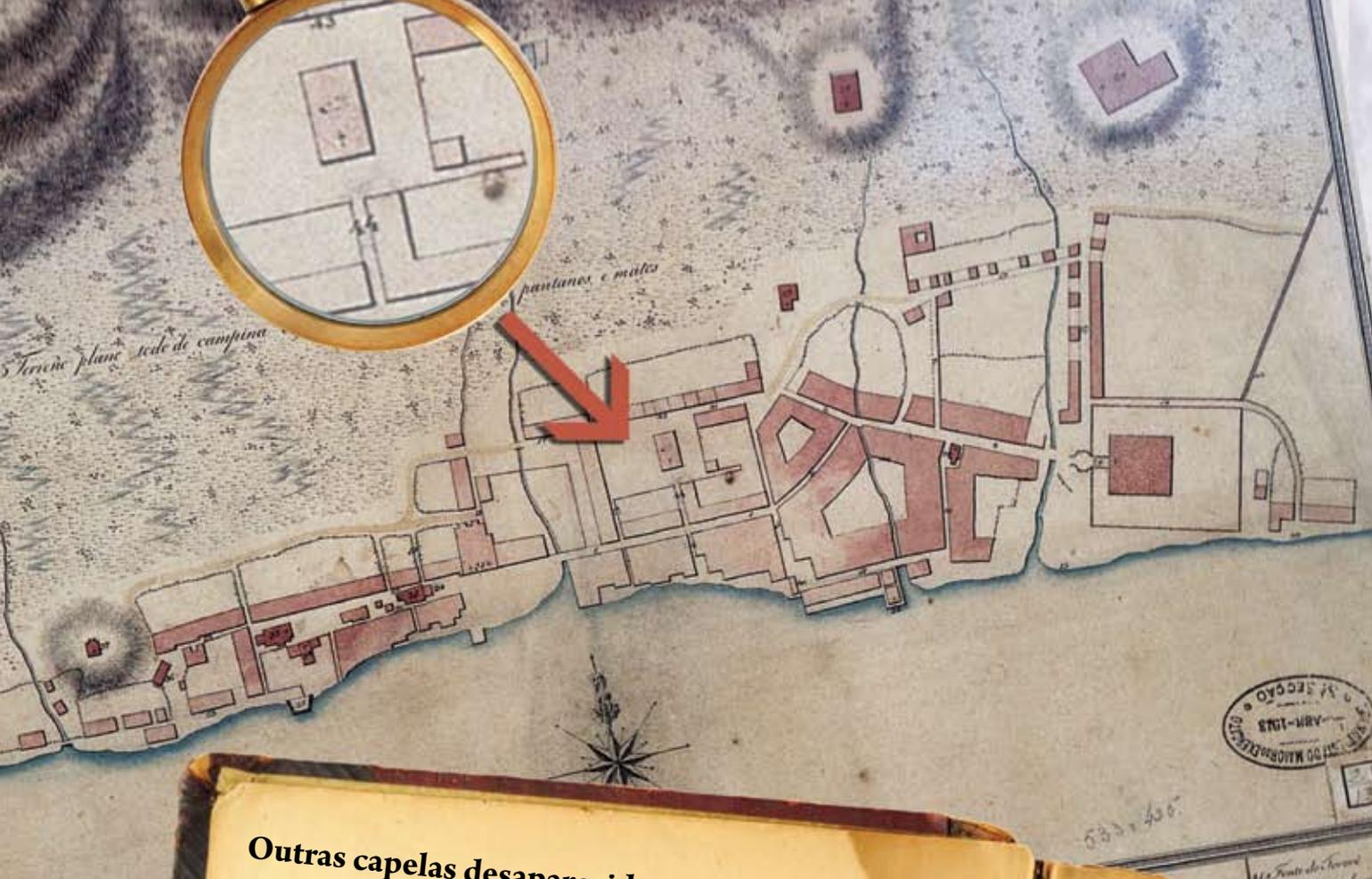
Plano da Villa de Santos no Brasil, 1798 (Arquivo do Exército)

### onde ficava?

Praticamente no centro da atual Praça Mauá. A maior evidência de sua existência ocorreu nos anos 80, quando foram construídos os banheiros públicos da praça. Na ocasião foram encontradas diversas ossadas humanas, comprovando ter existido ali a Misericórdia, já que as pessoas, antes de 1850, eram enterradas dentro das igrejas

MAPA DO ACERVO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

1. Rua direita  
2. Rua de Santo  
3. Rua de Provedor  
4. Rua de Moura  
5. Rua de Affonso  
6. Rua de Donato  
7. Rua de A. G.  
8. Rua de A. G.



## Outras capelas desaparecidas

**Capela da Madre de Deus** - Erguida em 1532 por Pero de Góes, junto ao Engenho de Madre de Deus

**Capela de Santo Antonio** - Erguida em 1545, na sesmaria de Braz Cubas, na atual Área Continental de Santos, próximo ao Rio Jurubatuba

**Capela de Nossa Senhora da Apresentação** - Erguida em 1560 junto ao Engenho de Gonçalo Affonso

**Capela de São Jorge dos Erasmos** - Erguida no século XVI junto ao Engenho dos Erasmos.

**Capela de Nossa Senhora do Desterro** - Erguida no Morro do Desterro (atual Morro de São Bento) no ano de 1568, fundada por mestre Bartholomeu Fernandes Gonçalves (o Ferreiro). No lugar da capela, em 1650, foi fundada a Igreja de S. Bento (Mosteiro)

**Capela de São Miguel** - Erguida em 1570 pelos jesuítas junto ao Rio Cabuçu, na Área Continental

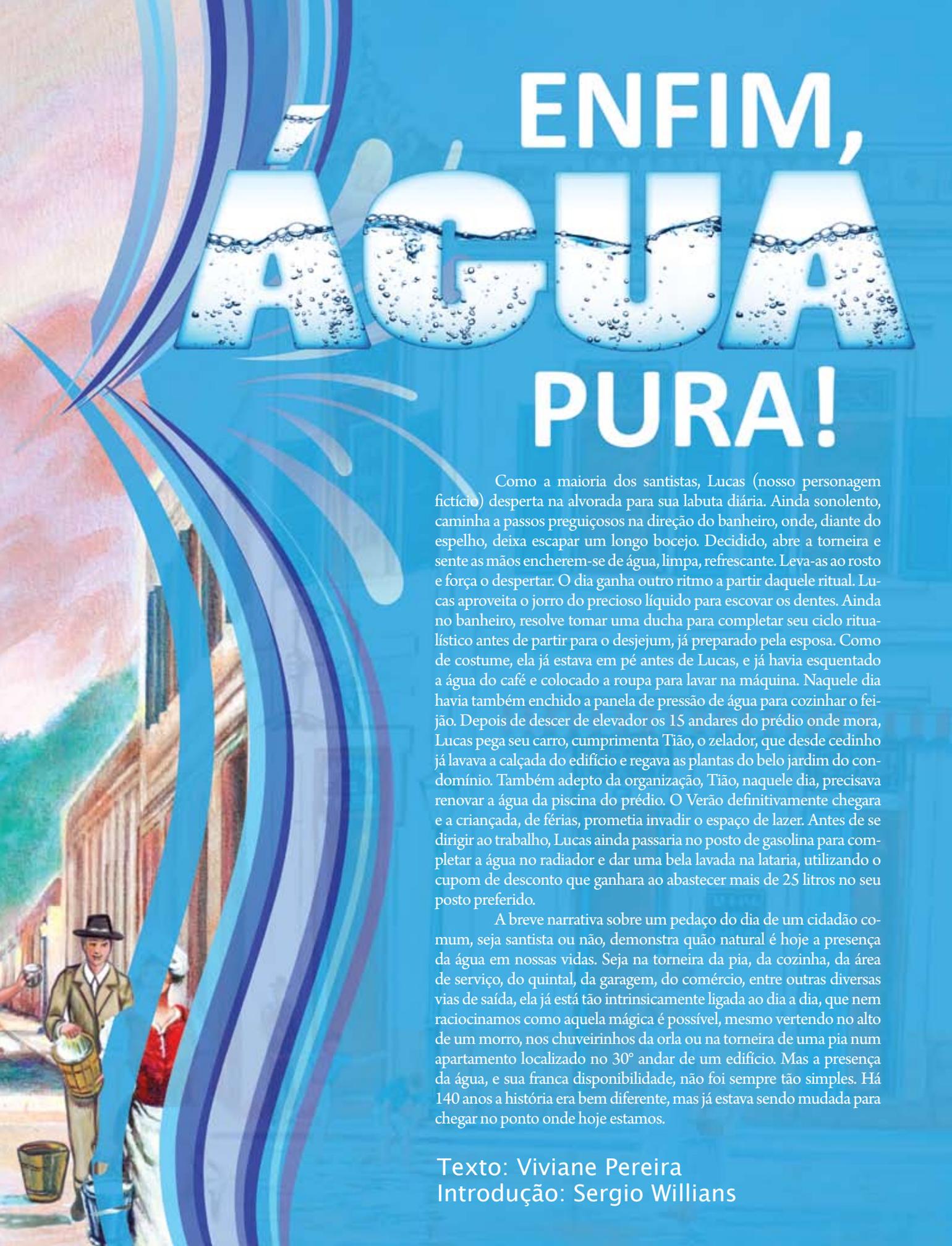
**Igreja do Colégio** - Fundada em 1585 pelos jesuítas, junto ao Colégio da Vila. Passou a exercer funções de Matriz, em substituição à Capela de Santa Catharina, em 1591, depois do saque e depredação promovida pelos piratas de Thomás Cavendish

**Capela de Nossa Senhora do Pilar** - Fundada em 1590 pelos jesuítas, junto ao Engenho do mesmo nome, em Itapanhaú, hoje Bertioiga

**Capela de Nossa Senhora das Neves** - Erguida junto ao Sítio das Neves. Foi destruída pelo fogo em 1884



QUADRO CHAPARRIZ DA MARTIM AFONSO - DIMITRI PODLOUJNY



# ENFIM, ÁGUA PURA!

Como a maioria dos santistas, Lucas (nosso personagem fictício) desperta na alvorada para sua labuta diária. Ainda sonolento, caminha a passos preguiçosos na direção do banheiro, onde, diante do espelho, deixa escapar um longo bocejo. Decidido, abre a torneira e sente as mãos encherem-se de água, limpa, refrescante. Leva-as ao rosto e força o despertar. O dia ganha outro ritmo a partir daquele ritual. Lucas aproveita o jorro do precioso líquido para escovar os dentes. Ainda no banheiro, resolve tomar uma ducha para completar seu ciclo ritualístico antes de partir para o desjejum, já preparado pela esposa. Como de costume, ela já estava em pé antes de Lucas, e já havia esquentado a água do café e colocado a roupa para lavar na máquina. Naquele dia havia também enchido a panela de pressão de água para cozinhar o feijão. Depois de descer de elevador os 15 andares do prédio onde mora, Lucas pega seu carro, cumprimenta Tião, o zelador, que desde cedinho já lavava a calçada do edifício e regava as plantas do belo jardim do condomínio. Também adepto da organização, Tião, naquele dia, precisava renovar a água da piscina do prédio. O Verão definitivamente chegara e a criançada, de férias, prometia invadir o espaço de lazer. Antes de se dirigir ao trabalho, Lucas ainda passaria no posto de gasolina para completar a água no radiador e dar uma bela lavada na lataria, utilizando o cupom de desconto que ganhara ao abastecer mais de 25 litros no seu posto preferido.

A breve narrativa sobre um pedaço do dia de um cidadão comum, seja santista ou não, demonstra quão natural é hoje a presença da água em nossas vidas. Seja na torneira da pia, da cozinha, da área de serviço, do quintal, da garagem, do comércio, entre outras diversas vias de saída, ela já está tão intrinsecamente ligada ao dia a dia, que nem raciocinamos como aquela mágica é possível, mesmo vertendo no alto de um morro, nos chuveirinhos da orla ou na torneira de uma pia num apartamento localizado no 30º andar de um edifício. Mas a presença da água, e sua franca disponibilidade, não foi sempre tão simples. Há 140 anos a história era bem diferente, mas já estava sendo mudada para chegar no ponto onde hoje estamos.

Texto: Viviane Pereira  
Introdução: Sergio Willians



## MÁGICA

**Quando as primeiras torneiras residenciais verteram água, foi como se uma grande mágica tivesse sido realizada. Água em casa, direto da fonte era uma coisa inimaginável até meados do Século XIX, ao contrário de hoje, uma coisa tão normal, que as pessoas mal se dão conta do esforço que é necessário para este milagre acontecer todos os dias.**

**V**ocê abre a torneira e a água escorre em abundância, límpida, clara, cristalina. A impressão que se tem é que desde que o mundo é mundo foi sempre assim. Mas claro que não foi!

O precioso líquido que, dizem, será o petróleo do futuro, percorreu um longo caminho – não só nos encanamentos – no túnel do tempo até ser oferecido como é hoje: no chuveiro, na descarga, nas torneiras da cozinha, do banheiro e da área de serviço. A água aparece em garrafa, em copinho, em galão. Existe água em gel para regar plantas. Tem até água em pó – mais conhecida como água seca.

A versão molhada tem história antiga. Vai longe o tempo em que D. Pedro II esteve em Santos para inaugurar um chafariz no Largo da Coroação, nos idos de 1846.

Antes da intervenção urbana no fornecimento, que criou os chafarizes, a população ia direto às nascentes, especialmente nas encostas do morro, bebendo água da fonte na palma mão. A natureza gentil brotava o líquido puro que escorria por entre o verde.

As sinhás mandavam seus escravos para trazer água fresca. O aguadeiro enchia a pipa e seguia rua afora com sua carroça, oferecendo de casa em casa o líquido que jorrava abundante das fontes santistas. Uma delas, a Fonte do Itororó, virou tradição e entrou para a história.

Para a população mais carente, que nem sempre tinha como ir buscar na fonte, sobrava a água não tão pura tirada dos poços que geralmente eram abertos próximos das fossas que recebiam dejetos do esgoto.

O crescimento urbano passou a afetar a pureza dos rios e ribeirões que atravessavam a cidade. No ano da independência do Brasil, 1822, a vila de Santos era pobre e sofria com a higiene precária, que ajudava a proliferar doenças. Recenseamento feito na época constatou que havia 4.781 habitantes (2.489 homens e 2.292 mulheres; 2.696 livres e 2.085 escravizados).

Na época, fontes como a do Itororó e São Bento mantinham a pureza e sua água era usada não apenas para beber, mas também banhar-se e lavar

roupas. Existia nesse ano o grupo de lavadeiras profissionais, que frequentavam os locais para exercer seu ofício.

Registros de 1839 – ano em que Santos foi elevada à categoria de cidade – comentam o fato dos ribeirões do Carmo, de São Jerônimo e de São Bento receberem todo tipo de lixo. Os corredores naturais de água que cortavam a cidade eram o reduto final dos detritos que os moradores geravam. A sujeira acabava poluindo os lençóis d'água, comprometendo até os poços caseiros.

Em 1868 a cidade sofria com a falta de água. As fontes disponíveis, como a cachoeira do José Menino, não eram suficientes para atender a população. Com o objetivo de solucionar o problema, a Assembleia Provincial autorizou o governo municipal a contratar uma empresa para cuidar do abastecimento de água potável – a iniciativa incluía ainda a iluminação pública a gás, que também era deficiente.

Em fevereiro de 1870 a Câmara fechou contrato com a Companhia de Melhoramentos, assinando com João Frederico Russel, Tomás Cócrane e Eduardo Eweret Benest para cuidar desse serviço. Parte da água seria captada no Rio das Pedras, em Cubatão.

## Entrando pelo cano

Era hora da água santista entrar pelo cano e chegar até as residências. O sistema de poço mostrava-se ineficiente, especialmente levando em conta questões sanitárias. As fontes naturais estavam em parte comprometidas. Os chafarizes, além da falta de praticidade, de exigir idas e vindas com grandes recipientes, já não davam conta das necessidades da população crescente.

No contrato firmado com o governo, os empresários ficaram encarregados de implantar, por sua conta, o sistema completo de abastecimento para as residências, usando encanamento em ferro fundido. Para o fornecimento público seriam utilizadas carroças. Em troca, eles teriam exclusividade na venda de água na cidade por 50 anos.

**Uma pechincha?  
Pelo acordo, cada barril de 20 litros  
custaria 20 réis.**

# ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE

*Em terras santistas o imperador D. Pedro II testemunhou o milagre da transformação da água em vinho (embora a expressão “água que passarinho não bebe” seja usada como sinônimo de cachaça, como aqui a questão é real, permitimos essa licença poética). Ele veio a Santos em 1846 para inaugurar o chafariz do Largo da Coroação, então o maior da cidade. Suas águas vinham da Fonte do Itororó. No dia 18 de setembro uma grande festa foi preparada para receber o monarca, com música e foguetes. Com um copo especial, Pedro II teve uma surpresa quando abriu a torneira do chafariz e viu escorrer vinho. A “transformação” foi uma iniciativa do cidadão português Silva Braga, que quis homenagear o imperador. Reza a história que D. Pedro II teve ainda outra surpresa: um garoto se aproximou e recitou em voz alta uma famosa quadra popular:*

*Atirei um limão n’água  
De tão maduro foi ao fundo  
Todos os peixes gritaram:  
Viva D. Pedro Segundo!*

*Uma curiosidade deste chafariz foi o fato de ter sido construído com dinheiro doado pela Marquesa de Santos, em 1841, repassado para a Câmara Municipal de Santos em 21 de julho.*





### TEM QUE PAGAR

**Acima recibo de conta de água da "City", em 1940. Desde que começaram a instalar os encanamentos nas residências, na década de 1870, os usuários tinham de pagar pelo que consumiam. Caso contrário, CORTA!**

Nessa época, a população somava cerca de 9 mil habitantes, espalhados em mais de mil imóveis.

Como esse era um desafio para longo prazo, a meta mais urgente era fornecer água de qualidade nos chafarizes. Já que os mananciais da cidade estavam comprometidos, o jeito foi buscar água mais acima, na Serra do Mar.

Essa opção mostrou-se bastante acertada logo após o início do processo. Em 15 de julho de 1872 foi inaugurado o serviço de abastecimento de água.

No ano seguinte, Santos viveu a primeira grande epidemia de febre amarela e ter água disponível de boa qualidade colaborou para que a crise não fosse pior do que foi, não só nessa, mas em diversas epidemias

Em 1871 teve início o serviço que iria levar a canalização para as residências. A empresa ficou responsável também pelos chafarizes. Além de cuidar dos que já existiam, novos seriam implantados. Cada um deveria receber 12 mil litros de água por dia.

Parte da água passou a ser captada no Rio das Pedras, em Cubatão. Uma das medidas necessárias era a construção de reservatórios, que precisavam ter altura suficiente para abastecer as casas mais altas.

Seria ilusório acreditar que da noite para o dia as casas teriam água encanada.

que assolaram a cidade depois - como a peste, a tuberculose e tantas outras -, entrando especialmente pelo porto e se espalhando rapidamente devido às péssimas condições sanitárias da região.

A disponibilidade de água nos chafarizes público fez com que grande parte da população privilegiasse esse acesso ao invés de insistir nas antigas fontes - como as nascentes nas encostas dos morros que estavam habitados e poços próximos às fossas - que já não tinham tanta qualidade e estavam mais sujeitas a contaminações.

A diminuição de disenteria e diarreias nesse período refletiu a influência positiva da quantidade de água de melhor qualidade disponível.

Chegando a 10 mil habitantes na área urbana, Santos era, em 1876, a terceira cidade da Província de São Paulo. Apesar do crescimento populacional, tinha infraestrutura bastante limitada, com poucas ruas calçadas, alguns chafarizes, uma linha de bonde desde 1873 e não contava com sistema de esgoto. Essa limitação obrigava grande parte dos santistas a manterem fossas nos quintais ou guardarem em vasos os dejetos que depois seriam jogados na praia ou nos ribeiros. As condições favoreciam a proliferação de doenças.

A água chegava encanada a poucos beneficiados. A grande maioria da população mantinha o sistema antigo, armazenando vasilhas cheias nas casas.

Apesar das melhorias serem poucas, elas eram consideradas importantes pelos habitantes que tinham pelo menos água de boa qualidade e em quantidade suficiente nos chafarizes. Esse foi um avanço obtido com a entrada da empresa no sistema de distribuição, com a captação na serra.

O serviço mudou de mãos em 1881, quando a britânica (que depois se tornaria canadense) The City of Santos Improvements Company (Cia. City) assumiu os trabalhos efetuados nesse setor, com chancela real. A empresa foi autorizada a operar na cidade

pelo decreto imperial 8.807 de 7 de maio daquele ano.

### Conta gotas

A situação de abundância se manteve até 1884, quando a água começou a diminuir nos chafarizes. A escassez foi tanta que a população se viu voltando no tempo, tendo que recorrer às velhas fontes.

Se antes já era difícil ter que percorrer longas distâncias para pegar um tanto de água, imagine depois de provar muitos litros, bem refrescante, de qualidade e muito mais perto de casa. Não tinha como não reclamar. E o povo reclamava das distâncias, da água suja, das longas filas esperando para encher as vasilhas. E depois da irritação de esperar embaixo de sol quente ou chuva, ainda havia o caminho de volta, com o cansaço acumulado e carregando o recipiente cheio...

Nem os ricos foram poupados da escassez: até nas torneiras o líquido passou a faltar. E os mais afortunados, que pagavam alto, pelo câmbio inglês, para ter água literalmente à mão, tiveram que recorrer a outras alternativas se não quisessem esperar um quarto de hora para beber um copinho.

### Cheirinho ruim

Se ter água para beber ficou difícil, imagine para tomar banho, que exige quantidade muito maior. Naqueles idos a higiene do corpo não era assim, digamos, o forte dos moradores da região.

No início a população achou que havia pouca água por causa de problemas técnicos. Mas nada de resolver o problema. Depois a suspeita recaiu sobre os mananciais – será que estavam em período de seca? O tempo ia passando e a água não voltava – e ninguém aparecia para explicar o que estava acontecendo.

O povo foi se irritando de pegar fila para beber água, de não poder tomar banho

e se refrescar em dias de calor. Indignada, a população protestou (veja adiante). Só assim conseguiu a volta do abastecimento regular de água.

### Tempos difíceis

Santos somava mais de 15 mil habitantes em 1886. A infraestrutura não acompanhou o crescimento da cidade: o calçamento era pouco, não havia saneamento e a água era novamente insuficiente. Os poços voltavam a ser usados.

Na questão do abastecimento, era preciso buscar novas alternativas e a City investiu na captação nos córregos mais limpos no Rio Pilões. A água “viajava” 17.200 metros da serra de Cubatão para abastecer a cidade.

A mudança não teve efeito imediato e a situação foi se complicando, até que em 1889 a água era escassa e o uso de poços tornava-se cada vez mais comum, colocando novamente em risco a saúde do povo, pela proximidade com as fossas.

O cenário foi um prato cheio para a epidemia de febre amarela que tomou conta da região. Nesse ano, a City abastecia os chafarizes e atendia com água encanada 1.191 casas particulares – das cerca de 2 mil que existiam na cidade.

A escassez da água levou a racionamento e, em 1891, a população obtinha o líquido, que tanta falta fazia, por tamina\* nos chafarizes públicos.

*\* Tamina - quantidade de água que cada pessoa podia retirar de fontes públicas em época de seca*

Faltava água para beber, para banhar-se e para a higiene, o que agravava as condições sanitárias. Os locais que mais causavam preocupação nas autoridades eram as lavanderias públicas, com tinas espalhadas e pouca água para lavar toda a roupa recebida.



DMITRI PODLOJNY

## NEM MÉDICO, NEM ADVOGADO, NEM ENGENHEIRO

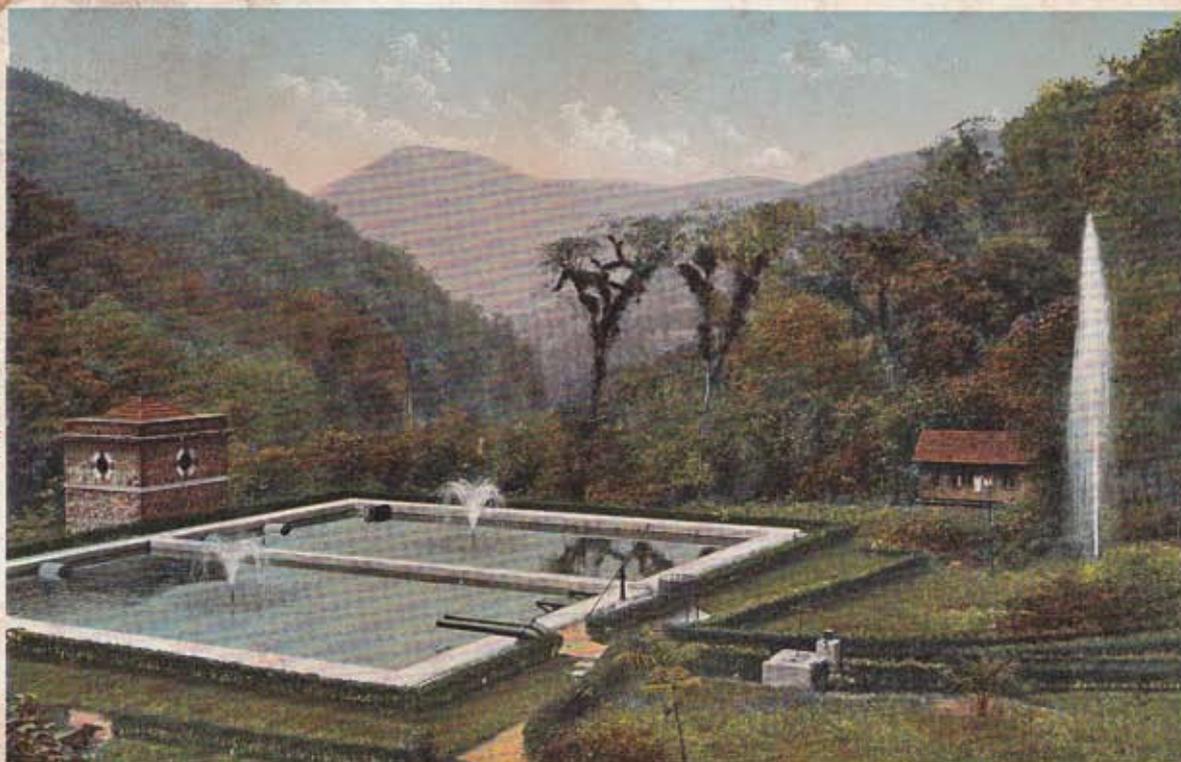
**No final do século XIX o grande segredo para ganhar dinheiro por aqui era ser tanoeiro. Para quem não conhece o ofício, tanoeiro é aquela pessoa que fabrica tonéis, pipas, barris. Sem água encanada, eles não davam conta de atender a necessidade da população de ter em casa recipientes próprios para armazenar um estoque**



Nestas duas páginas, imagens dos mananciais e dos sistemas de captação de água de Pilões, um lugar tão bonito que mereceu a atenção dos produtores de cartões postais do início do Século XX



# RIO DAS PEDRAS E PILÕES



SANTOS. Píliões rezervatorio.

## O REINO DAS ÁGUAS CLARAS

*Ansiosa em matar sua sede com águas límpidas, a população santista descobriu que precisava ir até a Serra do Mar para realizar seu desejo. Lá, nos rios das Pedras e Pilões o povo encontrou seu Reino das Águas Claras – que não tinha magia, como o de Monteiro Lobato, mas o poder mágico de transformar a vida da população*

# Quebra-quebra

As queixas chegaram à mídia e o jornal *Diário de Santos* registrava em suas páginas a insatisfação popular. O descaso da Companhia era o principal alvo.

Pelas ruas, as reclamações viravam protestos, atingindo os representantes da Câmara que tinham assinado o contrato de fornecimento de água e outros serviços com sr. H. Heyland, diretor da empresa responsável pelo atendimento. O povo reclamava, mas não recebia satisfações nem do sr. Heyland, nem da Câmara que aceitou a alteração no contrato mudando a forma de abastecimento.

A indignação crescia. Pelos cantos, nas esquinas, esperando por horas na fila as pessoas percebiam o sentimento comum e se aproximavam, unidas pela revolta.

À frente do movimento estavam Miguel Ferreira e Henrique Brugmann, que marcaram um encontro de protesto. Era dezembro, início de verão, e o calor tornava o povo ainda mais sedento e indignado. A reunião aconteceu no dia 23 de dezembro na Praça dos Andradas, na frente da então sede da Cia. City.

Os ânimos já exaltados ganharam novo impulso com as palavras dos dois 'cabeças' do movimento. Miguel chamava a população para uma desforra. Henrique, brincando, sugeriu que em vez de água, usassem

só cerveja – fosse para beber ou banhar-se.

Sem que os protestantes chegassem a um acordo, um novo encontro foi marcado para aquela mesma noite, no Largo da Coroação (que depois seria Largo da Misericórdia e hoje fica a Praça Mauá). Mais pessoas discursaram externando toda sua revolta com o conta gotas que saía das torneiras e chafarizes públicos. O último a falar foi Constantino de Mesquita, que com irritação e violência em suas palavras sugeriu que a população demonstrasse sua força em atos.

No meio da multidão alguém gritou "Quebra!" Era o que faltava para o povo revoltado pegar a lenha que se amontoava na frente de um estabeleci-

mento de secos e molhados e passar a quebrar os lampiões que viam pelo caminho, pelo centro da cidade.

Seguiam em procissão, quebrando aqui e ali pelas ruas. A polícia preferiu não se manifestar. Nem os bondinhos que passavam escaparam da revolta popular, sendo jogados ao mar. Os que não foram parar no mar, acabaram no fogo ateadado. Nos chafarizes, as torneiras foram quebradas, liberando o curso das águas.

Ainda não satisfeitas, as pessoas seguiram para o Boqueirão, onde morava o sr. Heyland - que já sabendo do que acontecia, tinha ido embora para a Fortaleza da Barra Grande.

O protesto surtiu efeito. A água voltou a jorrar abundante em Santos.



ILUSTRAÇÃO JOSÉ WASTH RODRIGUES

A situação crítica perdurou por anos, agravando as epidemias, especialmente a de febre amarela, que castigava a região nessa época.

Quem entrava em uma casa santista em 1897 encontrava espalhadas em todo lugar vasilhas com água para o uso das famílias – mas já não havia suficiente nem para o elementar necessário. Nas caixas de água, bombas eram colocadas para tentar aumentar a quantidade disponível, mas raramente se conseguia isso depois das 10 horas.

Tentando reverter essa situação, o governo fez alterações no contrato de abastecimento com a City. Uma das exigências era garantir 1.500 litros diários para cada prédio – mas isso só aconteceu de fato dois anos depois. Até lá, continuou faltando água. Banho, só a seco mesmo.

Por isso, mesmo sabendo o risco que as tinhas e vasilhas ofereciam para a proliferação de doenças, o governo permitia que o povo as usasse, mantendo nos pátios e quintais.

Com a melhora no fornecimento, já em 1901, os tanques foram substituindo esses recipientes que ofereciam riscos à saúde pública porque eram focos de mosquitos.

A água encanada garantia tanto conforto para a população que em 1907 virou comum instalar banheiras nas residências. Para quem até alguns anos antes dependia de percorrer enormes distâncias para tomar a parte que lhe cabia, mal dando para matar a sede, banheira era mesmo um luxo sem igual.

Chegando ao final da primeira década do século XX, Santos já somava 75 mil habitantes. E a cidade continuou se desenvolvendo até atingir 100 mil habitantes em 1919. O abastecimento de água seguiu acompanhando o ritmo.

Certa hora não bastava apenas pegar a água nos rios e fazer chegar nas casas. O povo precisava que a empresa fornecesse o que se chamou água potável. E a Cia. City instalou um sistema de purificação.

Esse serviço foi se aprimorando até chegar ao que temos hoje, com água clorada e tratada por processo químico.

Em 1953, a Cia. City foi substituída pelo Serviço de Abastecimento de Água de Santos e Cubatão (SASC), criado pelo Governo do Estado.

Para ampliar o atendimento da população que não parava de crescer, teve início em 1960 a construção da Estação de Tratamento de Água de Cubatão, que atende boa parte da Baixada Santista. O tratamento nesse local começou em 1963.

### **Longa viagem**

Atualmente a água que chega às nossas casas vem dos rios Cubatão e Pilões e da usina Henry Borden, através da Represa Billings. Reservatórios garantem o abastecimento.

Ao longo dos anos, os métodos de tratamento foram mudando, se aperfeiçoando para que a água chegue cada vez melhor. Mas a principal mudança nesse tempo foi mesmo a forma de ter acesso a água.

Antes era preciso atravessar grandes distâncias sob chuva ou sol, para saciar um pouco da sede. Agora, a água percorre quilômetros nas tubulações até escorrer em nossa torneira.

Já que o homem cansou de ir até a água, a água vem até o homem.

Houve mudança evidente também na quantidade oferecida, que precisou ser aumentada, ao longo dos anos, com reformas no sistema e ampliações para seguir o ritmo da cidade que não parou de crescer.

Hoje somos, pelo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 419.757 moradores de Santos. Haja água!



REPRODUÇÃO DO QUADRO DE DMITRI PODLOUJNY



POSTAL ACERVO JOSÉ CARLOS SILVARES

**O belíssimo quadro à óleo, feito pelo pintor Dmitri Podloujny sob encomenda deste Almanaque de Santos, que estampa a capa e a abertura desta matéria, é o retrato fiel do elegante chafariz que existia no início da rua Martim Afonso, como pode ser visto no postal dos anos 10, no alto**

REPRODUÇÃO PARCIAL DE QUADRO BENEDITO CALIXTO ACERVO ACS

**O chafariz que ficava na frente do portão principal do complexo da Santa Casa de Santos era feito de ferro fundido, como a maioria dos que foram construídos entre 1880 e 1910. Ao lado o chafariz num detalhe da tela de Calixto que pertence à ACS. Abaixo um cartão postal do início do Século XX**



POSTAL ACERVO LAIRE JOSÉ GIRAUD





# No tempo dos chafarizes

Os chafarizes estiveram presentes no cotidiano santista desde o início do século XIX. Com a chegada da água da Serra do Mar, entre 1871 e 1872, foram eles os primeiros a jorrar a água límpida tão acalentada pela população, muito antes de estar disponível nas residências. Em 1900 Santos dispunha de mais de 20 chafarizes espalhados pela cidade, feitos de estilos e materiais diferentes. Havia os de alvenaria, mais antigos, e os de ferro fundido, mais novos e elegantes. Com o avanço da canalização residencial, os chafarizes foram ficando supérfluos e acabaram desativados. Deixaram saudade e histórias marcantes, algumas muito engraçadas, na cidade que não parava de crescer.

FOTO ACERVO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTOS

*Havia também os chafarizes feitos em alvenaria, mais antigos. Outro detalhe, como pode-se notar na maioria dos equipamentos, era a existência de luminárias, para quem precisasse se abastecer nos finais de tarde e início da noite*



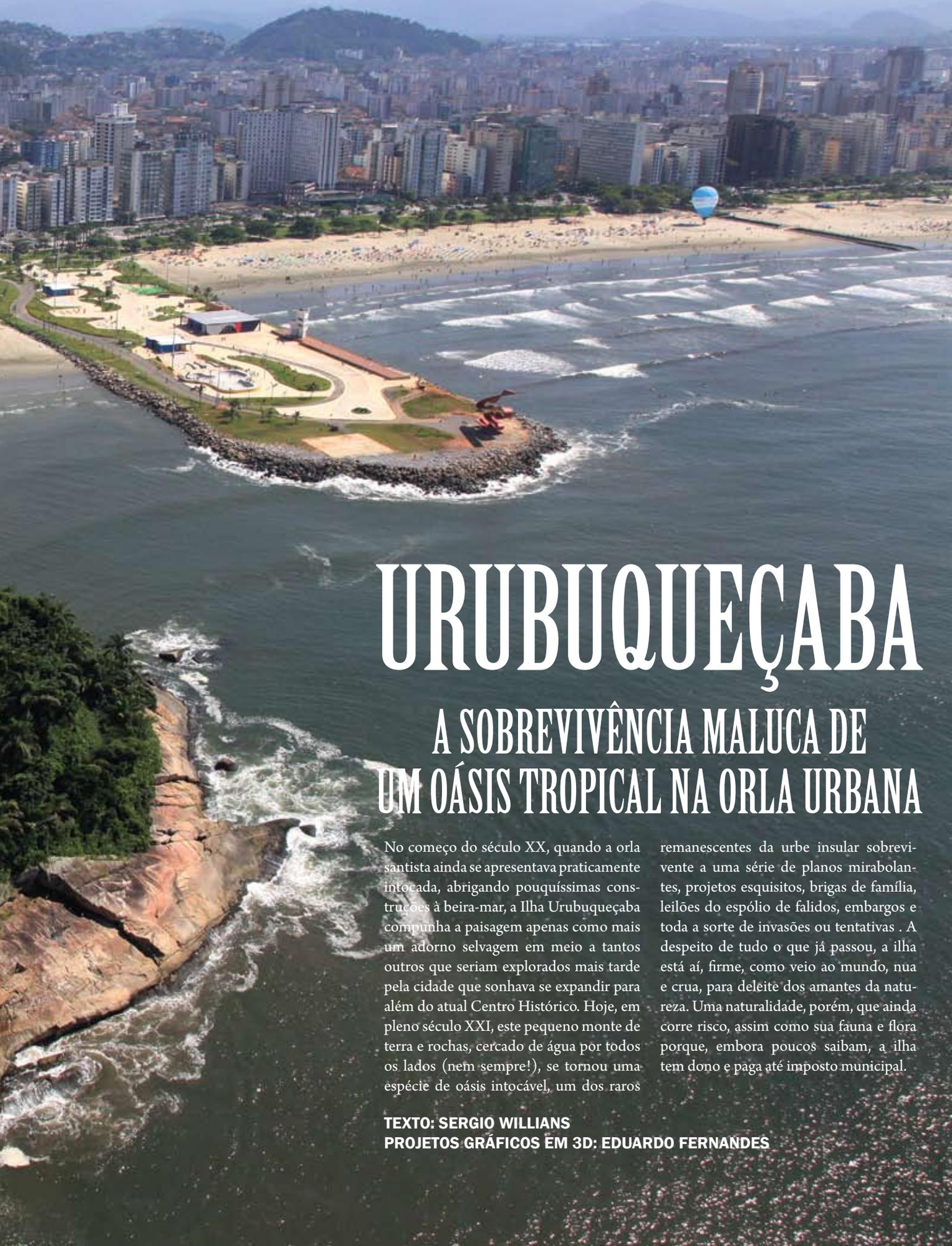
*Acima o curioso chafariz em forma de pirâmide que existia no Largo Tereza Cristina. O logradouro, por incrível que pareça, ainda existe, mas não é nem sombra do que fora no passado*



POSTAL ACERVO LAIRE JOSÉ GIRAUD



FOTO: SERGIO FUERTADO



# URUBUQUEÇAÇA

## A SOBREVIVÊNCIA MALUCA DE UM OÁSIS TROPICAL NA ORLA URBANA

No começo do século XX, quando a orla santista ainda se apresentava praticamente intocada, abrigando pouquíssimas construções à beira-mar, a Ilha Urubuqueçaba compunha a paisagem apenas como mais um adorno selvagem em meio a tantos outros que seriam explorados mais tarde pela cidade que sonhava se expandir para além do atual Centro Histórico. Hoje, em pleno século XXI, este pequeno monte de terra e rochas, cercado de água por todos os lados (nem sempre!), se tornou uma espécie de oásis intocável, um dos raros

remanescentes da urbe insular sobrevivente a uma série de planos mirabolantes, projetos esquisitos, brigas de família, leilões do espólio de falidos, embargos e toda a sorte de invasões ou tentativas. A despeito de tudo o que já passou, a ilha está aí, firme, como veio ao mundo, nua e crua, para deleite dos amantes da natureza. Uma naturalidade, porém, que ainda corre risco, assim como sua fauna e flora porque, embora poucos saibam, a ilha tem dono e paga até imposto municipal.

**TEXTO: SERGIO WILLIANS**

**PROJETOS GRÁFICOS EM 3D: EDUARDO FERNANDES**

Em 22 de janeiro de 1502, a frota expedicionária portuguesa capitaneada por Gonçalo Coelho singrava a costa atlântica brasileira na altura da Baía de Santos. Os lusitanos vinham, desde agosto do ano anterior, mapeando o litoral do seu novo território ultramarino, nominando todos os acidentes geográficos (ilhas, rios, baías, cabos, penínsulas) que pudessem servir de referência para expedições futuras. No *staff* da frota, era do cosmógrafo florentino, Américo Vespúcio, a missão de passar para o papel tudo o que a expedição relatava, transformando informações em mapas e textos. Também coube ao cosmógrafo a primazia de batizar, fazendo uso do calendário cristão, os principais pontos de referência daquele belo e selvagem litoral.

Quando as caravelas de Gonçalo Coelho postaram-se à frente da atual Baía de Santos naquela manhã de 22 de janeiro, julgando, na época, tratar-se da foz de um grande rio, Vespúcio não titubeou. Consultou o calendário cristão, puxou o papel onde desenhava o mapa da expedição e anotou: *Rio de San Vicente*. (22 de janeiro é o dia consagrado a São Vicente Mártir)

Mas, quais detalhes geográficos puderam enxergar Vespúcio e Gonçalo Coelho a partir da barra da Baía de Santos, além da própria “foz”? Certamente notaram algumas ilhas continentais, sendo a maior delas possivelmente confundida como um pedaço do continente. Alguns anos mais tarde, já reconhecida como uma ilha estuária, a mesma acabaria herdando o nome que fora dado ao rio (Ilha de São Vicente). Coladas em suas areias havia duas porções de rochas e terra, a maior localizada no canto esquerdo de quem vê da barra (Porchat), e uma outra, pequenina, quase um calombo coberto de pouca vegetação atlântica, situada próxima ao centro da ilha maior. Não dispensando a menor importância para aquele montinho, iguais a tantos outros vistos naquele imenso litoral, Vespúcio nem se deu ao trabalho de registrá-lo em seus relatórios. Talvez até pensasse que um dia aquela insignificante ilhazinha pudesse sumir.

Os anos, as décadas e os séculos se passaram e, hoje, mais de 500 após o

importante fato histórico, tivessem Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio a oportunidade de tornar a navegar por estas paragens, certamente ficariam admirados com a resistência daquele calombo diminuto a que outrora não dispensaram nenhuma audiência. E, num gesto de resgate, talvez até pudessem corrigir a atitude da subestimação e, como um verdadeiro baluarte dos tempos idos, concederiam-lhe o privilégio de um batismo cristão.

Mas assim não foi e a ilha manteve seu nome nativo: Urubuqueçaba, ou “Pouso dos Urubus”, na etimologia Tupi. Mais do que preservar seu nome ancestral, Urubuqueçaba se manteve intacta por um caldeirão de fatores, que incluiu, entre diversos itens, o fracasso de alguns projetos de ocupação, um deles mirabolantes, o de construir um sanatório em toda a sua extensão (veja adiante).

## NÃO ENTRE!

### PROPRIEDADE PARTICULAR

Urubuqueçaba já teve diversos donos, e até hoje a ilha é propriedade particular, embora seu acesso esteja livre, para deleite de aventureiros e desventurados de toda sorte. A vegetação é a mesma que vem ocupando sua superfície há milhares de anos, desde a época em que Urubuqueçaba era apenas mais um morro em meio à vasta planície que dominava a região (veja box na próxima página). Hoje, esta vegetação divide espaço com o

resultado de anos de falta de consciência ecológica. Num passeio pela ilha é possível encontrar lixo de toda espécie, desde garrafas de plástico, de vidro, latas de cerveja e refrigerante, sacos plásticos, muito papel e até preservativos usados. Apesar dos avisos colocados pelo Corpo de Bombeiros, que mantém um posto Salva-Vidas no José Menino, para que ninguém suba à ilha, o local é constantemente invadido por turistas, pescadores e desocupados. Os finais de semana são os mais complicados, segundo os salva-vidas que atuam no local, principalmente quando a maré está baixa. Nestas ocasiões, a ilha é facilmente acessada à pé, por conta da formação de um caminho natural de areia até a face norte de Urubuqueçaba.

Quem não gosta dessas horas são os verdadeiros proprietários do lugar: os urubus, que procuram fazer jus ao nome da ilha, tornando-a um santuário de reprodução da espécie.

## FLORA DA MATA ATLÂNTICA OU NÃO?

Segundo estudiosos da fauna da ilha Urubuqueçaba, o local apresenta uma fisionomia florestal com dominância de palmeiras (*Syagrus Romanzoffiana*) e embaúbas (*Cecropia Glazioui*). Há também diversas espécies de camboatã (*Cupania oblongifolia*), de palmeiras-indaiás (*Attalea dubia*), de embiriçus (*Pseudobombax*), de myrsines (*Myrsine sp*), de canelas



(*Nectandra*) e *Ficus* (*Ficus*), entre dezenas de outras. Há muitas bromélias, sóforas e camarás ao redor do costão rochoso, colorindo de amarelo, vermelho e lilás a intacta ilha desde os remotos tempos. Será? Esta questão é amplamente discutida nos meios acadêmicos que estudam a vegetação da ilha. De acordo com análises recentes, feitas na Universidade Santa Cecília, a fisionomia florestal de Urubuqueçaba sofreu algumas mutações desde os tempos da colonização. A tese mais aceita é de que a ilha possui uma vegetação secundária, que nada mais é do que uma vegetação resultante de processos naturais de sucessão (*morre uma árvore, nasce outra, que pode ser de outra espécie, no mesmo lugar*). Esse processo pode ter alterado totalmente ou parcialmente as características da cobertura vegetal da ilha, mas não desmerece a sua condição de sobrevivente à urbanização desenfreada da cidade.

O estudo mais recente realizado na ilha Urubuqueçaba sobre seus aspectos naturais foi um levantamento florístico que avaliou, especificamente, as magnoliophytas (*plantas espermatófitas cujas sementes são protegidas por uma estrutura denominada fruto. Também conhecida por antófito, faz parte do maior e mais moderno grupo de plantas do mundo, englobando cerca de 230 mil espécies*). Neste levantamento, foram identificadas 56 espécies distribuídas em 53 gêneros e 33 famílias. As magnoliophytas são a maior população da Urubuqueçaba.

**A Urubuqueçaba é um oásis de Mata Atlântica na orla de Santos e, pela facilidade de acesso, se tornou um imenso laboratório para os estudantes de botânica e biologia marinha que normalmente sobem à ilha para coletar amostras para exames (foto página anterior)**

**Jerivá e coquinho são dois nomes vulgares do *Syagrus Romanzoffiana*, uma palmeira nativa da Mata Atlântica no Brasil, a espécie mais abundante encontrada na Urubuqueçaba**



**Outra espécie de palmeira bastante comum na ilha é a Indaiá, presente em toda a costa da América do Sul e em Trinidad e Tobago (Caribe). Elas chegam, a crescer até 20 metros de altura**



**Pesquisadores da Unisantia fazem um trabalho constante de monitoramento das magnoliophytas na ilha, onde existem 56 espécies diferentes, como a *centrosema virgianum***



**Os embiriçus (*Pseudobombax*) também são figurinhas fáceis ao longo da ilha, principalmente nas proximidades dos entornos rochosos**



## ERA URUBUZÓICA

# Há 15 mil anos, Urubuqueçaba era apenas um morro



Com o mar 100 metros abaixo do nível atual, a ilha Urubuqueçaba (ponto vermelho) seria apenas mais uma elevação em terra firme, um outeiro.

A ilha Urubuqueçaba é constituída por rochas do período geológico Pré-Cambriano (mais de 600 milhões de anos), fazendo parte do que os cientistas chamam de “*embasamento cristalino*”. São rochas magmáticas e metamórficas que, quando entraram em contato com a atmosfera e hidrosfera, há milhões de anos, desenvolveram um lento processo de decomposição/desintegração, o que deu origem à camada de solo.

As rochas da ilha possuem algumas fraturas, que permitem a infiltração de água, acelerando ainda mais os processos de decomposição e desintegração. Desta forma, a camada de solo, ao recobrir-se de material rochoso, acabou conferindo um visual arredondado ao topo da elevação.

A formação da ilha está diretamente associada ao levantamento da Serra do Mar e se relacionou ao momento da abertura do Oceano Atlântico, quando a placa sul-americana sofreu seu movimento para oeste (e ainda sofre, de maneira imperceptível). Essa série de tensões normalmente geram basculamento de blocos, sendo que alguns sobem enquanto outros descem.

A Serra do Mar passou, então, a sofrer processos intempérico-erosivos que,

conjugados com movimentos verticais do nível marinho, provocaram o aparecimento do desenho atual do litoral na Baixada Santista.

A ilha Urubuqueçaba, ao longo do tempo geológico, com as subidas e descidas do nível marinho, já fez parte integrante da área continental (há cerca de 15.000 anos atrás, o mar estava 110 metros abaixo do nível atual). Nesta ocasião, a flora e fauna encontradas na região dominaram a elevação que hoje é chamada de ilha. No entanto, a Urubuqueça desta época, nada mais era do que um morrinho (uma espécie de Outeiro), no meio de uma planície. Quando o mar avançou por conta de movimentos das placas continentais, o morrinho acabou se tornando uma pequena ilha continental, ou um *tombolo* (depósito de material arenoso que permite o acesso durante as marés baixas). Este depósito é formado pela refração das ondas que ocorre na porção voltada para as águas mais profundas da baía de Santos.

Com a perspectiva de uma elevação do nível marinho relacionada ao fenômeno de aquecimento global, a tendência para o futuro, é que a ilha fique mais isolada dos terrenos emersos adjacentes. E quando este momento chegar, Urubuqueçaba será mais ilha do que nunca.





# PROPRIEDADE PARTICULAR, DESDE 1760

*Foram tantos os donos e os projetos mirabolantes apresentados para a ilha, que foi um verdadeiro milagre ela ainda estar incólume em pleno Século XXI*

A hoje chamada Zona Leste de Santos, que compreende todos os bairros e localidades da Vila Mathias até o José Menino e de lá até a Ponta da Praia, já pertenceu, por escritura, a uma só pessoa, o capitão Francisco Cardoso de Menezes e Souza que, em 1760, adquiriu a gigantesca gleba num leilão público, compra esta, aliás, que o tornou o maior latifundiário da história santista. Em meio às suas posses, compostas por pequenos morros, rios, várzeas, charcos e praias, havia uma pequena ilha, a Urubuqueçaba, aquele mesmo calombo coberto de vegetação atlântica que, em 1502, Américo Vespúcio e Gonçalo Coelho, assim como tantos outros ao longo dos séculos não dispensaram a menor importância. Francisco também não. Filho do então capitão-mor Luis Cardoso de Menezes e Souza, ele não era muito afeito a investir em suas terras. Por outro lado, era um exímio produtor de herdeiros. Apesar de aleijado de ambas as mãos, foi pai doze vezes, todos com dona Ana Maria das Neves, filha

de Gaspar da Rocha Pereira, um dos juizes de fora de Santos. Quando Francisco faleceu, no ano de 1799, aos 76 anos de idade, dona Ana e parte de sua prole resolveu passar as terras à frente, dividindo-as em lotes. A gleba onde estava a Urubuqueçaba, que ia da Conselheiro Nébias até a divisa com São Vicente, foi adquirida por José Honório Bueno, um homem grande e forte que, ironicamente, era chamado de “José Menino” pelos amigos gozadores. No entanto, Honório gostou tanto da alcunha, que acabou batizando com seu apelido o sítio que dominava a banda leste das antigas terras do capitão Francisco Souza.

José Menino vivia numa “casa velha, coberta de palha, rodeada de laranjeiras, limoeiros e limeiras”. Assim descreveu o historiador santista Costa e Silva Sobrinho, a respeito do sitiante, que também criava gado da raça vacum e vendia leite na cidade. Tranquilão, demorou a casar, e quando o fez, arrumou a maior arenga com a própria família. A

moça, Gertrudes Maria Madalena, não reputava de boa fama, o que obrigou José Menino a casar-se às escondidas, em 1817, na Igreja da Penha, em São Paulo. O casamento, porém, e para deleite dos contrários, não durou muito. Em 1827, Gertrudes e Honório se separaram e cada um foi tocar sua vida. A mulher, contudo, não saiu de mãos abanando do relacionamento e levou consigo a posse da Ilha Urubuqueçaba, entre outros pedaços de chão. Porém, em 1844, por ironia do destino, Gertrudes veio a falecer e as áreas obtidas na separação voltariam, em 1853, ao dono original, José Menino, que já havia se casado novamente, com uma mulher cinquenta anos mais nova do que ele.

Depois de curtir bastante a vida, José Honório faleceu, aos 88 anos de idade, deixando suas propriedades para os três filhos do segundo matrimônio, que estavam cheios de dívidas, principalmente com taxas públicas. Por isso, as terras foram dadas a inventário e leiloadas, em 1855. Arremataram-

nas os senhores Manuel Lourenço da Rocha e Joaquim Gaspar Ladeira. A ilha acabou ficando sob a posse do primeiro, que mal pode comemorar a aquisição, já que, algum tempo depois, foi declarado falido na cidade de Santos e teve seus bens arrecadados. Em 24 de abril de 1888, o empresário do ramo portuário, Rodolfo Wanschaffe, adquiriu a massa falida de Manuel Rocha e, com ela, a posse da ilha Urubuqueçaba. Wanschaffe, que explorava uma ponte de embarque defronte ao Largo 11 de Junho (atual Praça Azevedo Júnior - na direção da Bolsa do Café), foi o mentor da primeira ideia mirabolante para a ilha. Queria ele construir duas pontes no local: uma para embarque de passageiros e outra ligando a ilha com a praia. Apesar de bem intencionado, o plano encontrou inúmeras dificuldades de natureza jurídica, o que levou Wanschaffe a desistir do projeto. Desanimado com a situação, resolveu vender a ilha, juntamente com uma chácara que tinha nas proximidades da Conselheiro Nébias com a praia, em 7 de janeiro de 1891, para o ilustre santista Júlio Conceição, o último presidente da Câmara de Santos no período imperial (1889).

O jovem político, também comerciante do café, industrial e grande proprietário de terras produtivas, preocupado com a situação de Santos em relação às epidemias, em especial da tuberculose, resolveu oferecer à municipalidade um projeto para a construção, na ilha, de um sanatório para o tratamento de tuberculosos, mas o projeto, que chegou a ser desenhado, também não vingou (veja adiante).

A empresa que Júlio Conceição criou para administrar suas terras quebrou ainda no final do século XIX e toda a sua massa falida foi adquirida pela “Economizadora Santista”. Em 1922 a propriedade foi novamente negociada, desta vez para o empresário

Armando Arruda Pereira que, por sua vez, vendeu-a para José

Avelino da Silva, em 1927.

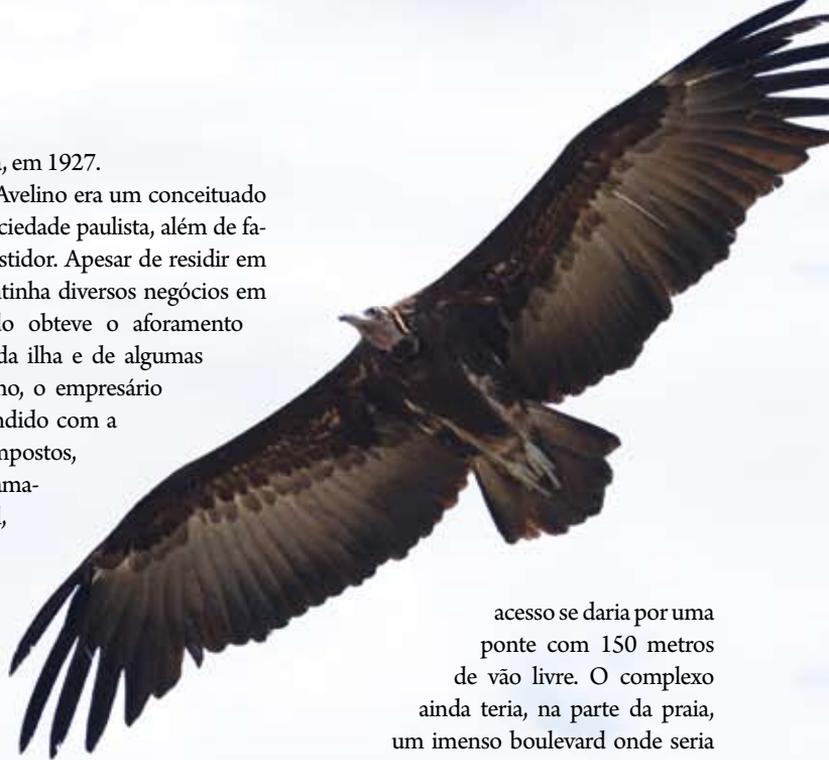
José Avelino era um conceituado elemento da sociedade paulista, além de fazendeiro e investidor. Apesar de residir em São Paulo, mantinha diversos negócios em Santos. Quando obteve o aforamento (posse plena) da ilha e de algumas áreas do entorno, o empresário pediu e foi atendido com a isenção de impostos, por parte da Câmara Municipal, desde que investisse em obras de embelezamento e manutenção daquele trecho de praia.

E foi o que fez, ou melhor, tentou fazer. No início da década de 1940, José Avelino apresentou à sociedade santista um projeto pra lá de ousado. Um imenso complexo balneário que, fosse feito, daria um aspecto de primeiro mundo à praia do José Menino (veja matéria adiante). As obras estavam estimadas em Cr\$ 250 milhões (de Cruzeiros), algo em torno hoje de R\$ 300 milhões (Reais).

Porém, mais uma vez, o projeto não decolou. José Avelino faleceu e seus herdeiros, sem interesse pelas propriedades de Santos, negociaram a ilha com o empresário Claudio Peres Castanho Doneux.

Da mesma forma que seu antecessor, Doneux, experiente profissional do setor de construção, também colocou à mesa um megaprojeto para a ocupação da Urubuqueçaba. Porém, sua proposta incluía tão somente a ilha, já que os terrenos da faixa de praia do José Menino já começavam a ser ocupados pelos prédios que até hoje lá estão.

O projeto de Doneux, executado nos anos 60, fazia da ilha Urubuqueçaba uma base para a sustentação de seis edifícios, com mais de 15 andares cada um. Era um verdadeiro condomínio sobre as ondas. No centro da ilha haveria ainda um hotel. O



acesso se daria por uma ponte com 150 metros de vão livre. O complexo ainda teria, na parte da praia, um imenso boulevard onde seria construída uma concha acústica ultramoderna, para mais de 7 mil pessoas e outros equipamentos de lazer, dentro de uma praça arborizada (veja adiante).

Apesar deste projeto, também, naufragar, Doneux manteve a ilha no seu patrimônio pessoal, situação sustentada até os dias de hoje. O empresário santista faleceu nos anos 70. Embora não seja dito de forma oficial, o que se especula na cidade é que a ilha pode voltar a ser alvo de outros projetos de ocupação. Se darão certo, ninguém sabe, mas até hoje ninguém conseguiu despejar os urubus de sua morada e a natureza segue viva na orla santista.

**Veja, nas próximas páginas, os três projetos polêmicos em que a ilha quase embarcou e os prováveis títulos de reportagens que poderíamos publicar hoje, caso um deles tivesse dado certo!**

# URUBUQUELOUCO

## UM SANATÓRIO NA ORLA DE SANTOS

Se o projeto do quinto proprietário da Ilha Urubuqueçaba, o comendador Júlio Conceição, tivesse dado certo, esta talvez fosse, hoje em dia, a manchete mais apropriada para a reportagem. E olha que isso não é brincadeira, muito menos loucura. Pensando bem, loucura, era sim, mas não da nossa parte.

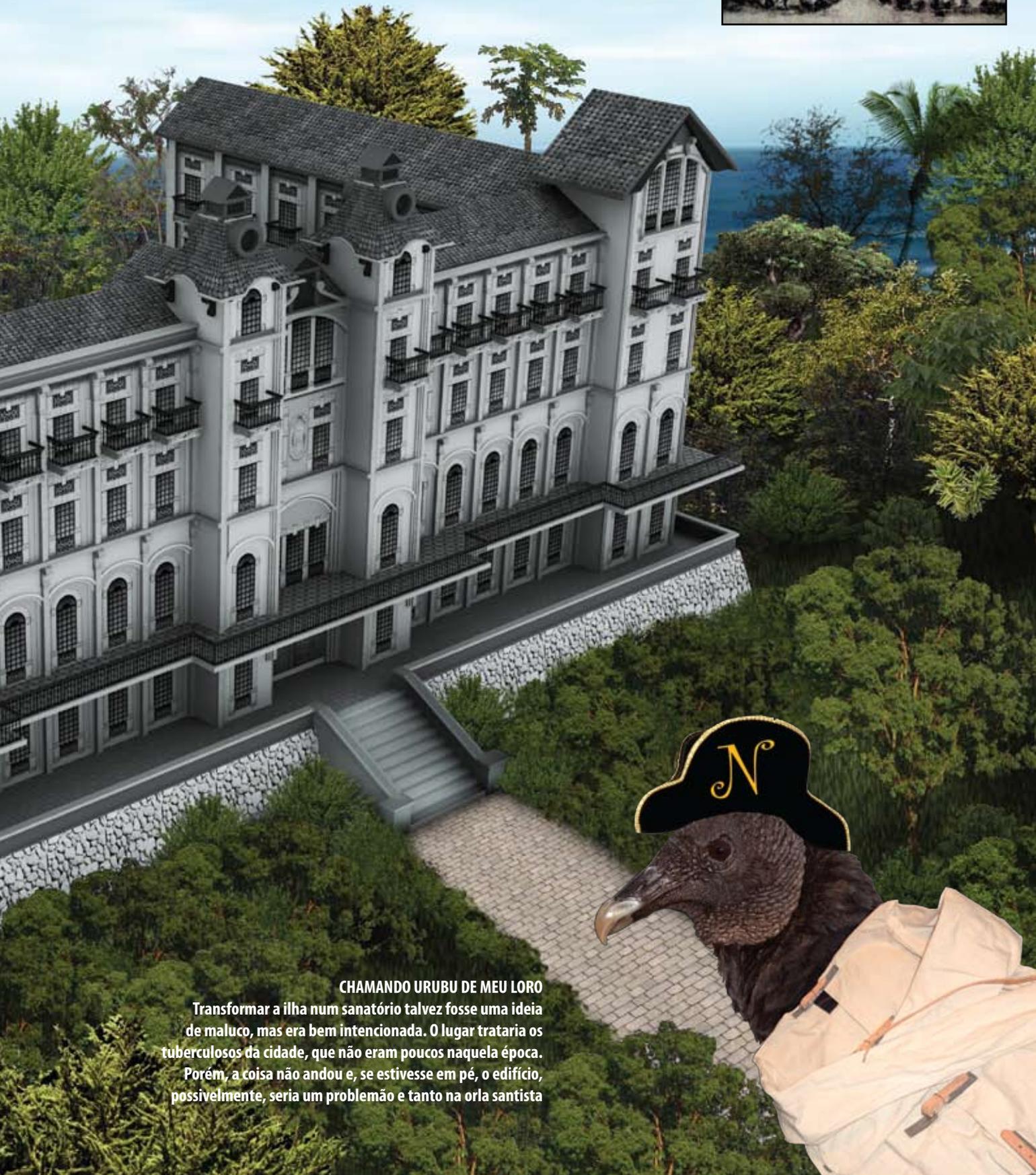
Embora o termo sanatório esteja popularmente associado a espaços hospitalares que tratam, essencialmente, de casos psiquiátricos (de gente com um parafuso a menos na cabeça!), eles atendiam mais comumente, desde a segunda metade do século XIX, as vítimas da tuberculose. A moléstia ceifava, ano a ano, dezenas, centenas de vidas por aqui e pelo mundo afora. Era a mais implacável das doenças. Assim, os santistas, desesperados, procuravam alternativas de local para a construção de um hospital que pudesse isolar os doentes da cidade, tirando-os do atendimento público comum e do convívio com os familiares, já que a tuberculose foi considerada contagiosa em 1880.

Nesta busca por este lugar e uma edificação que atendesse às necessidades da cidade, Júlio Conceição resolveu patrocinar a construção de um sanatório na ilha que acabara de comprar de um empresário do porto. O local era ideal, longe da cidade, na região do antigo sítio do José Menino. Já estava tudo planejado e até projeto arquitetônico foi elaborado. Um verdadeiro monumento estético e humanitário. O sanatório ia ser tocado pelo seu amigo, o médico Cláudio de Souza.

O empreendimento era parte do capital de Júlio Conceição na Companhia Parque Balneário de Santos (*a mesma que, mais tarde, construiria o famoso hotel no Gonzaga*). No entanto, a empresa quebraria logo depois e sua massa falida seria comprada por outros empresários. Desta forma, o sanatório pretendido por Júlio Conceição não saiu do papel e os urubus respiraram aliviados. Afinal, mesmo não sendo para loucos, um prédio daquele, com o passar do tempo, poderia deixar um legado negativo, como uma das maiores loucuras já feitas em Santos, na ilha que poderia se chamar de Urubuquelouco!



Projeção gráfica  
baseada no projeto  
original da Companhia  
Parque Balneário de  
Santos, de 1891



#### CHAMANDO URUBU DE MEU LORO

Transformar a ilha num sanatório talvez fosse uma ideia de maluco, mas era bem intencionada. O lugar trataria os tuberculosos da cidade, que não eram poucos naquela época. Porém, a coisa não andou e, se estivesse em pé, o edifício, possivelmente, seria um problemão e tanto na orla santista



ARTE GRÁFICA: EDUARDO FERNANDES

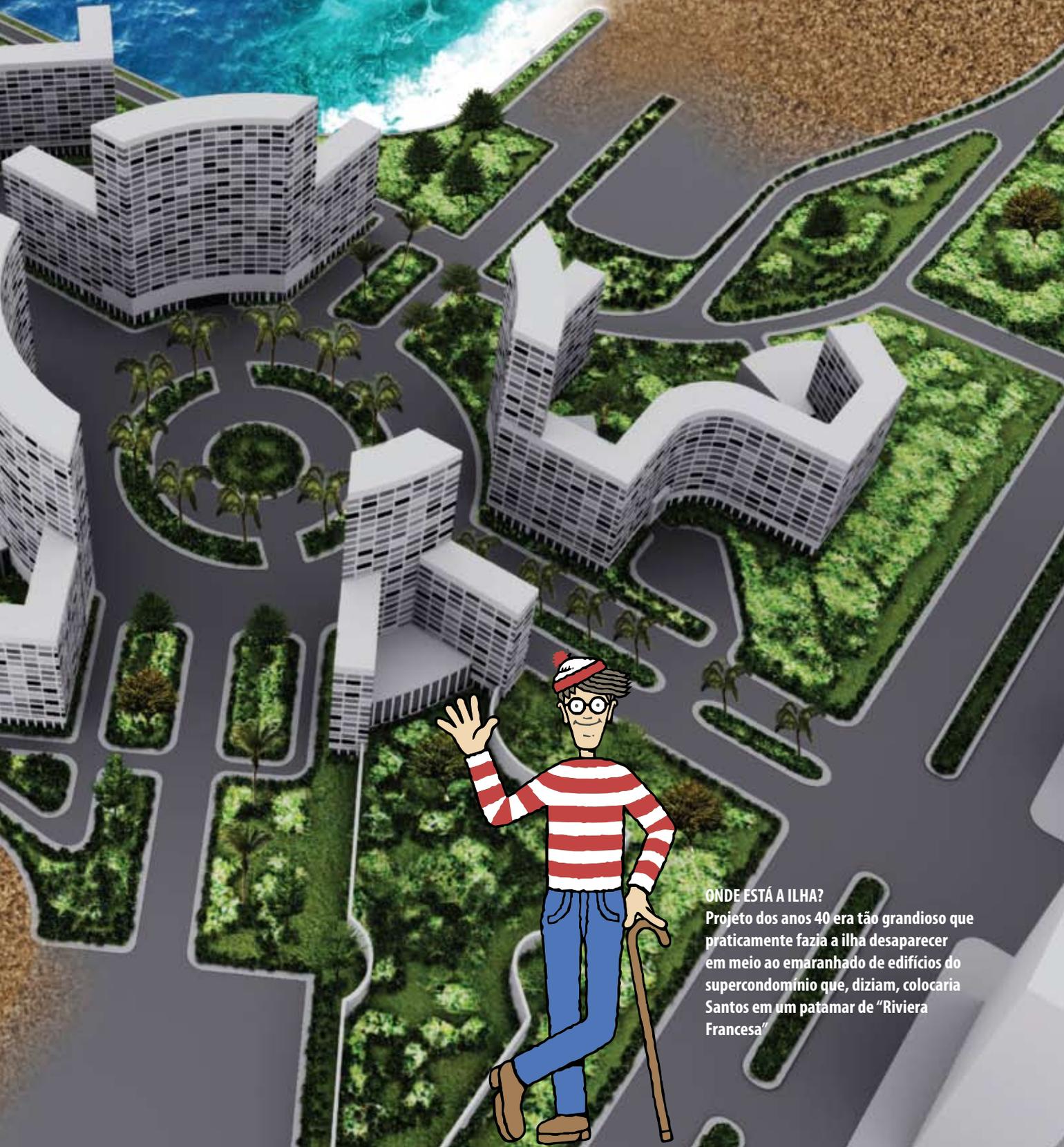
Em 1944, quando a ilha pertencia ao empresário Joaquim Avelino da Silva, um projeto de ocupação ousado foi apresentado à sociedade santista. A Urubuqueçaba faria parte de um imenso boulevard que avançaria sobre o mar, desde a Avenida Presidente Wilson (vale lembrar que ainda não existiam os prédios da faixa de areia do José Menino). O plano previa até a construção de uma pequena marina para barcos. Na época, a revista santista “Flama” chegou a divulgar, em sua edição de janeiro/44, alguns detalhes do projeto. De acordo com a reportagem, seria aberta, entre a ilha Urubuqueçaba e a Praia Itararé, uma ampla avenida com oitenta metros de largura (três vezes mais larga que a Avenida Ana Costa), ajardinada e inteiramente livre de qualquer edificação. A subida ao alto da ilha seria feita por uma estrada de rodagem, que daria voltas em torno do morro. Havia também a previsão de um elevador instalado no final da avenida principal, para acesso de visitantes ao alto da Urubuqueçaba.

O imenso boulevard abrigaria nada menos do que 17 edifícios, todos com mais de 15 andares. Este seria certamente o maior projeto condominial da história de Santos, se tivesse logrado êxito. A expectativa de investimentos girava em torno de 250 milhões de cruzeiros.

Os santistas ficaram entusiasmados com o projeto divulgado pela imprensa. Os mais animados eram os foreiros dos terrenos entre a praia e a Avenida Presidente Wilson, local onde ficava também os hotéis Internacional do José Menino e Boa Vista. A probabilidade era de que todo bairro se valorizasse com o empreendimento. Áreas verdes não faltariam, incluindo-se uma enorme praça rotatória, na entrada do complexo. A ilha definitivamente deixaria de existir, tornando-se apenas uma espécie de suporte para os mirantes de concreto. Urubuqueçaba passaria a ser apenas uma imagem do passado, e sua beleza natural cairia no esquecimento.

# URUBUQUE ONDE?

## UM BOULEVARD QUE ENGOLE A ILHA



### ONDE ESTÁ A ILHA?

Projeto dos anos 40 era tão grandioso que praticamente fazia a ilha desaparecer em meio ao emaranhado de edifícios do supercondomínio que, diziam, colocaria Santos em um patamar de "Riviera Francesa"



**AGRADANDO A FAMÍLIA**  
*George, vamos comprar este belo  
apartamento em Santos?  
As crianças vão adorar!*

**Projeto dos anos 60 transformaria a  
paisagem do José Menino em algo  
futurista. Destaque para a imensa  
“Concha Acústica”, para 7 mil pessoas.**

# URUBUQUEJETSONS

## PROJETO FUTURISTA NA ORLA SANTISTA

Quem assistiu os Jetsons, famoso cartum dos anos 60 produzido pela Hanna-Barbera, vai entender a comparação deste projeto futurista com a megalópole espacial onde moravam Jorge, Elroy, o cão Astro e cia. Apresentado à sociedade santista em 1968, o plano de ocupação, oferecido pelo então proprietário da Urubuqueçaba, o construtor Cláudio Pires Castanho Doneux, previa a transformação do local numa mini-ilha Porchat, só que com tons bem mais avançados.

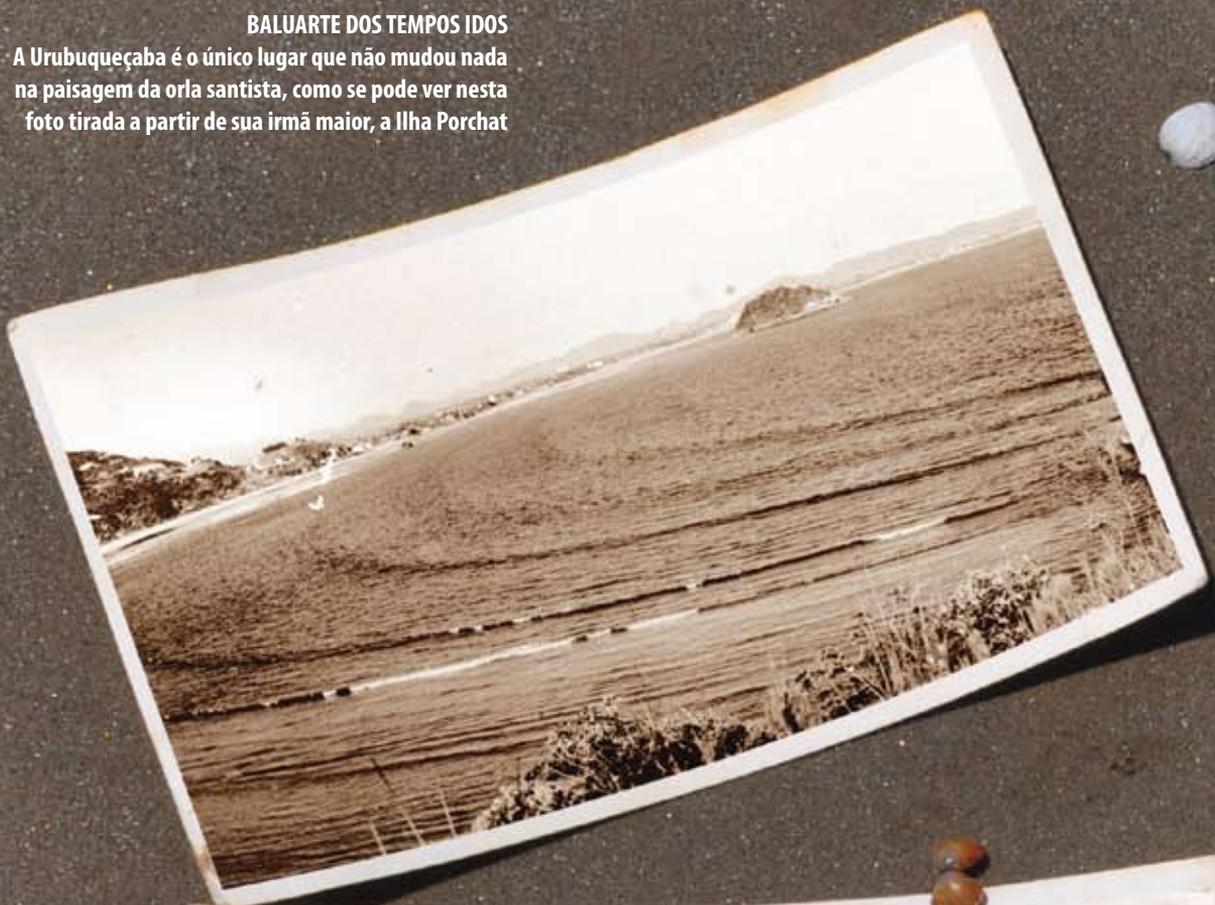
O projeto em si previa a construção de um hotel, na própria ilha, que deveria funcionar com um “Convention Hall”, de acordo com os arquitetos Arnaldo Conceição Paiva e Otacílio Rodrigues Lima, responsáveis pela planta. A ideia era de que o equipamento fosse palco de congressos e convenções, o que impulsionaria o comércio de toda a

cidade. Além do hotel, a proposta contemplava uma ponte com 150 metros de vão livre e uma praça dotada de concha acústica ultramoderna, capaz de abrigar até 7 mil pessoas. Para finalizar, havia a previsão da construção de um museu com linhas arquitetônicas à la “Niemeyer”. O complexo seria completado com várias áreas verdes e de lazer.

Embora menos modesto que o plano proposto nos anos 40, este projeto era igualmente custoso. Contudo, Doneux esperava contar com o auxílio do Governo Federal que, em 1966, havia criado a Embratur e, com ela, dispositivos de incentivo ao investimento turístico. O empresário santista poderia captar recursos com a iniciativa privada que, por sua vez, deduziria parte dos valores investidos do Imposto de Renda (*uma espécie de Lei Rouanet da época, voltada ao segmento turístico*).



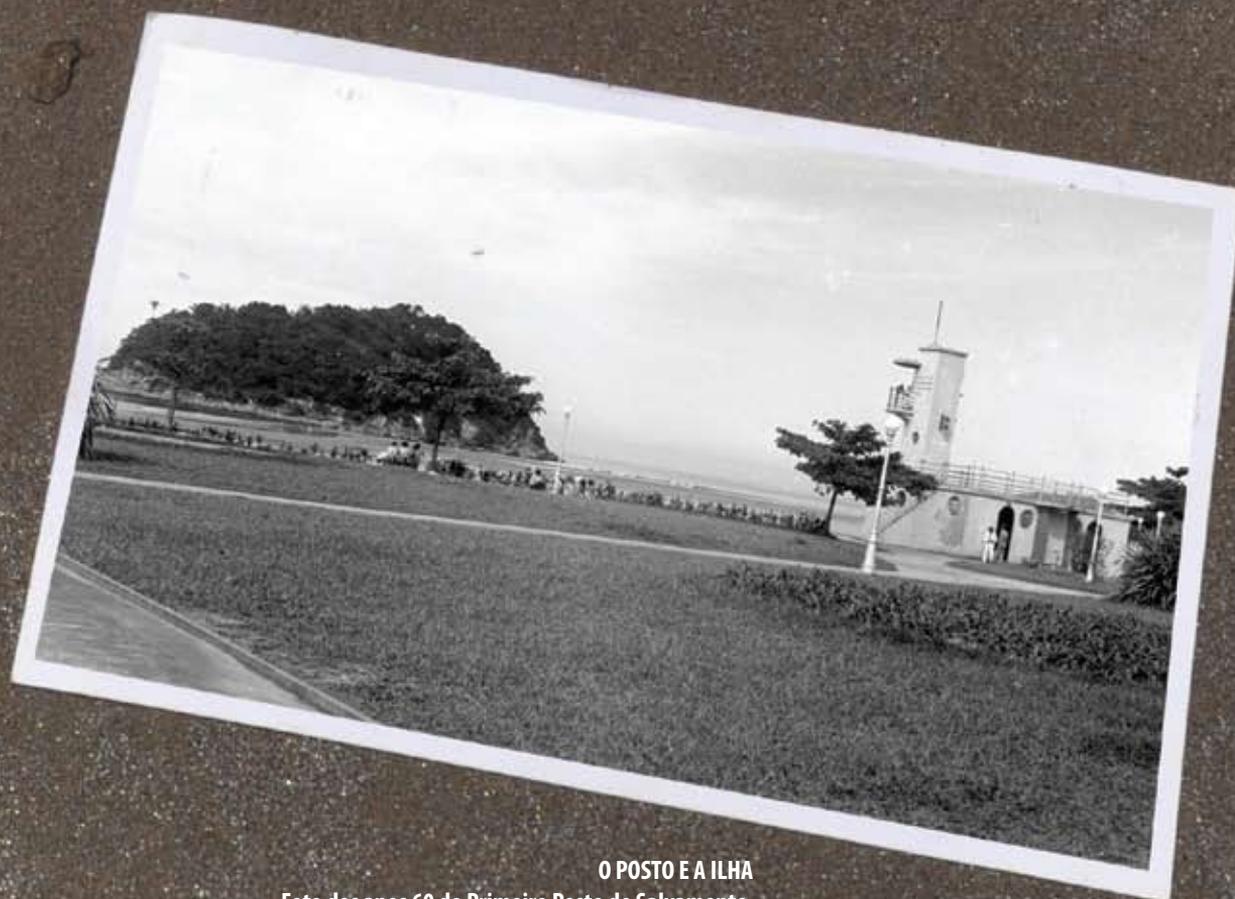
**BALUARTE DOS TEMPOS IDOS**  
A Urubuqueçaba é o único lugar que não mudou nada na paisagem da orla santista, como se pode ver nesta foto tirada a partir de sua irmã maior, a Ilha Porchat



**TESTEMUNHA DE ACONTECIMENTOS INCRÍVEIS**  
Em uma das raras fotografias de dirigíveis sobrevoando a cidade de Santos, esta, tirada do alto do Morro de Santa Terezinha, mostra a ilha testemunhando um tempo que não volta mais

## O PONTO SOLITÁRIO, AINDA ILHA

Ao contrário da ilha Porchat, que sucumbiu ao processo imobiliário e deixou de ser ilha, Urubuqueçaba se manteve virgem e banhada pelo mar em todas as suas faces



## O POSTO E A ILHA

Foto dos anos 60 do Primeiro Posto de Salvamento, guardião da ilha até os dias de hoje

SHUTTERSTOCK

# GLÓRIA E DECADÊNCIA DO PRIMEIRO ESPORTE SANTISTA



## OS PIONEIROS

A tela de Calixto, intitulada *Regata de 1889*, mostra uma competição entre o Nacional e o Internacional, as duas equipes rivais da cidade, que mais tarde se fundiram para formar o primeiro clube, o Regatas Santista, em 1893

# REMO

Textos e Pesquisa:  
Ronaldo Vaio e Sergio Willians



*"A navegação mercante do continente brasileiro era provida de grande número de ligeiras embarcações, tripuladas por colonos e indígenas, que nelas se arrojavam pela sua grande costa marítima, em busca de comércio de cabotagem, já existente, entre as capitais de então. Esses frágeis lenhos entregavam-se muitas vezes ao divertimento de fazerem entre si carreiras, de que muito apreciava a gente maruja"* (Padre Antonio Vieira, século 17)

Pouco mais de dois séculos foram necessários para que o Brasil testemunhasse a transformação daquelas divertidas "carreiras" marítimas, disputadas entre indígenas e colonos, num

**VOVÔ DO REMO**  
**O Clube de Regatas Santista até hoje briga para ser reconhecido como o mais antigo do Brasil, embora não consiga provar nos documentos. Pelo menos é o vovô dos clubes de remo do estado de São Paulo**

esporte organizado. Para tanto, Santos ocupou um papel de enorme destaque na gênese do remo como prática esportiva no País. Os santistas produziram tamanha quantidade de fatos que, se tivéssemos apenas que narrar a trajetória centenária do Clube de Regatas Vasco da Gama (12/02/1911), o caçula das agremiações de remo da cidade, já teríamos muita coisa para contar.

Registros cronológicos apontam que na reta final do século XIX, imigrantes portugueses, ingleses e alemães, cheios de entusiasmo, atiravam-se ao longo do canal do Valongo com barcos trazidos da Europa e lá promoviam empolgantes "rachas" náuticos. Tais eventos fizeram do remo o primeiro esporte praticado em terras santistas (ou, melhor dizendo, em águas santistas...), antecipando, em muito, a prática de outras atividades como, por exemplo, o futebol, que só conquistaria adeptos por aqui a partir da primeira década do século XX.

A atividade recreativa marinha, então, logo se transfor-

mou em prática costumada, fazendo com que os primeiros remadores procurassem, naturalmente, se reunir em associações organizadas, movimento que se tornou tendência em todo o País.

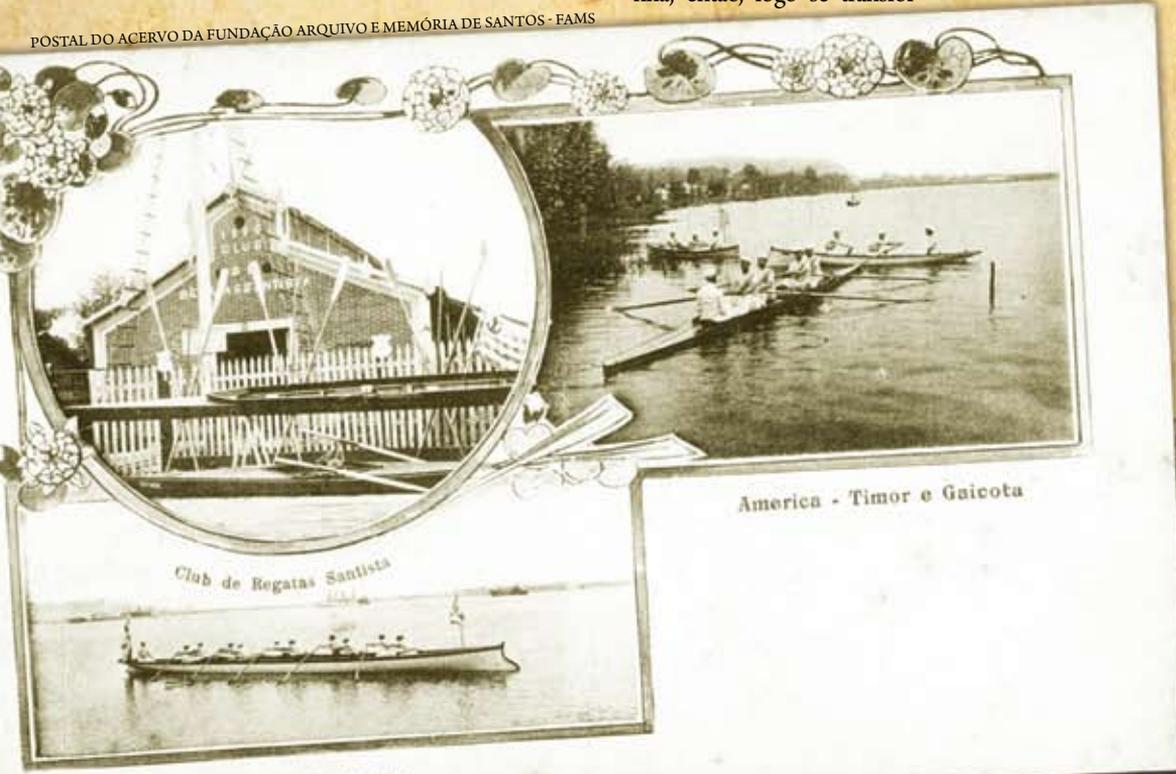
### O primeiro do Brasil

Além da disputa nas águas, os santistas competem há décadas contra um tradicional rival gaúcho, pelo reconhecimento do título de berço do remo nacional. O que se sustenta é que Santos teria abrigado as primeiras agremiações de remo do País, informação veementemente contestada pelos remadores de Porto Alegre, que juram de pés juntos (ou seriam remos juntos?) ser o Guaíba o clube mais antigo do País.

Para entender a questão, explicamos: No dia 30 de abril de 1893, era fundado aqui o Clube de Regatas Santista, resultante da fusão de duas outras agremiações: o Internacional e o Nacional. História idêntica teve o

Guaíba-Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, fruto da junção de outros dois clubes locais. A diferença é que, enquanto na ata de fundação da agremiação gaúcha estão apontados os anos de surgimento dos clubes que se fundiram - 1892 e 1888 -, a agremiação santista não faz nenhuma referência sobre

POSTAL DO ACERVO DA FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS - FAMS



seus antecessores, ou seja, não registrou em ata a data de criação nem do Nacional, tampouco do Internacional. Esta displicência documental acabou oferecendo algumas braçadas de vantagem aos gaúchos, mas a raia ainda não é considerada perdida pelos santistas e muita discussão há de ser colocada na mesa. Quem tiver provas, que se apresente aos holofotes...

### **Ponta da Praia: O paraíso dos remadores**

Em 1898, uma dissidência entre membros do C.R. Santista foi determinante para a criação de uma nova agremiação na cidade, o Clube Internacional de Regatas, que adotou não só o nome, mas as cores do antigo Inter, um dos clubes originais da fusão que deram origem ao “azulão” (Santista). O vermelhinho (Inter) logo definiu sua situação estatutária e sua primeira casa, um barracão-estaleiro desapropriado pela Companhia Docas de Santos, localizado num espaço da cidade pouco explorado, mas que começava a ser apontado como um verdadeiro paraíso para a prática do remo: a Ponta da Praia. O velho imóvel, contudo, não atendia as necessidades da agremiação no que se refere à guarda dos barcos. Assim, os primeiros dirigentes do clube resolveram comprar um terreno ao lado do Forte do Itapema para ali construir seu barracão e garagem de barcos, nas proximidades do seu grande desafeto: o “azulão”.

A Ponta da Praia logo atrairia

#### **“BORA” PRO OUTRO LADO!**

**O Internacional de Regatas, segundo clube da cidade, foi o primeiro a se instalar no paraíso dos remadores santistas: a Ponta da Praia**

as atenções de outros remadores da cidade e seus clubes, como o Saldanha da Gama, fundado em 1903. Antes de se mudar para lá, os saldanhistas ocuparam outros espaços no Centro de Santos, sendo a primeiro deles um imóvel emprestado pela Naumann Gepp e Co. Ltd. defronte ao armazém 8 da antiga Companhia Docas de Santos. O local, um quebra-galho, acabou se transformando em tudo (sede social, estaleiro, garagem), mas acabou pequeno para abrigar os barcos que a diretoria havia comprado em Oxford (Inglaterra). Assim, atraídos pelas notícias da Ponta da Praia, não pensaram duas vezes e compraram o terreno que, em 1923, daria lugar à sede definitiva do clube.

O canto da sereia acabou atraindo os outros dois clubes da cidade

POSTAL DO ACERVO DA FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS - FAMS



para a Ponta da Praia. O caçula Vasco da Gama, fundado em 1911, depois de passar uma boa temporada na Ilha Barnabé, onde mantinha sua garagem, se mudaria para o Paraíso dos remadores em 1925, ficando lado a lado com o Saldanha.

#### **O primeiro foi o último**

Curiosamente, foi o clube pioneiro o último a fazer as malas e atravessar o canal, para instalar-se ao lado dos seus rivais. O C.R. Santista se mudaria para a Ponta da Praia no ano de 1943. E, como um autêntico turrão, só o fez porque foi obrigado. Com a necessidade da ampliação da Base Aérea, o Santista não teve escolha a não ser fazer as malas, pois a área do clube seria expropriada.

# apogeu

Consolidadas as quatro maiores agremiações da cidade, Santos viveu o auge do esporte náutico entre os anos 10 e 40, marcados na história como as “Décadas de Ouro” do remo santista. Não havia pra ninguém no cenário bandeirante e no campo nacional os clubes “caçaras” davam um show de agilidade, conquistando títulos por todas as partes. As agremiações da capital paulista eram as vítimas preferidas de personagens como Odair Faber, José Ferreira, Dino Romiti e Edgard Perdigão, homens que acabaram se tornando verdadeiras lendas do esporte. Nesta época mágica, o C.R. Vasco da Gama se tornaria tricampeão brasileiro (1921, 1922 e 1924) pelas mãos de José Ferreira, o maior remador do clube e um dos maiores da história de Santos (veja reportagem adiante). No mesmo período, os vascaínos venciam outras provas de vulto, como o Torneio Washington Luiz, em 1923, e o Torneio da Associação Protetora dos Homens do Mar, nos anos de 1925 e 1928. Mas o Vasco não era o único a beliscar títulos Brasil afora. O Saldanha da Gama, por exemplo, venceu, em três anos consecutivos, a clássica competição promovida pela Marinha Mercante Brasileira (1922, 1923 e 1924), considerada uma das mais duras do País.

Do outro lado do canal, o vovô do remo, o CR Santista, não fazia braço mole e abocanhou nada menos do que 20 títulos oficiais durante a época dourada, entre campeonatos paulistas, um brasileiro (1934) e a disputadíssima Taça Câmara Municipal de Santos. Esta prova, aliás, era o orgulho da cidade, pois dava ao vencedor um troféu de prata maciço, o mais belo entre os troféus disputados no Brasil. Ao lado da prova da Associação Protetora dos Homens do Mar, a Taça Câmara Municipal retratava o momento fantástico do remo local. A despeito de ser uma competição teoricamente exclusiva para os clubes santistas, a prova acabava atraindo as principais agremiações paulistanas (Corinthians,



ÁLBUM DAS COLÔNIAS PORTUGUESAS NO BRASIL - ACERVO SHCS

## COLÔNIA LUSITANA FORTE

### O Clube de Regatas Vasco da Gama tinha um plantel esportivo invejável, principalmente no remo

Espéria e Tietê) e do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco e Botafogo).

Os tempos de glória do remo em Santos fizeram com que a cidade se tornasse sede das duas organizações pioneiras do esporte no Estado de São Paulo: a União Paulista das Sociedades de Remo, fundada em 1904 e dissolvida um ano depois; e a Federação Paulista das Sociedades do Remo, criada em 1907. A consequência disso foi a transformação das águas santistas (principalmente do Valongo) em palco de treino da nata dos remadores paulistas.

Se hoje são os clubes de futebol que levam suas torcidas organizadas aos quatro cantos do Brasil, naquela época eram os clubes de remo que arrastavam multidões (veja crônica adiante).

Um fato interessante aconteceu no dia 20 de novembro de 1921, data de um dos maiores eventos de remo da história de Santos. A cidade recebeu diversos comboios

de trens vindos do Rio de Janeiro, repletos de entusiasmados torcedores cariocas que desejavam ver seus ídolos esportivos enfrentar os paulistas na casa inimiga. Depois de um dia inteiro de embates homéricos, os cariocas acabaram voltando para casa frustrados e de cara amarrada. Das quatro mais importantes provas do dia, os remadores da capital federal só venceram a Luiz Alves de Carvalho, com o Vasco da Gama (do Rio). Todas as outras foram vencidas pelos clubes de Santos. As agremiações da capital, então, nem cheiro da linha de chegada sentiram.

Era assim. Em uma época que bastava uma poça d'água para alguém sair remando – como hoje, chutam-se até tampinhas de garrafa pelas ruas, a título de futebol – os clubes de Santos figuravam na elite do remo no País. Contudo, a partir dos anos 40, os tempos de glória do remo santista começaram a se apagar, tal qual a luz das estrelas, que se extingue lentamente.

# e queda

Se os clubes de regatas foram os responsáveis diretos pela organização e pelo respeito que o remo santista conquistou, ironicamente, também foram os verdugos do esporte na cidade. Nos anos 70, os últimos que ainda reservaram algum brilho à cidade, apenas o Vasco e o Santista continuaram sua atuação no remo, e de forma cada vez mais precária.

“A diversidade de modalidades fez com que o remo ficasse de lado. Também houve um apoio maior ao lado social nos clubes”, analisa Joel Braz de Oliveira, que competiu pelo Santista nos anos 70.

Um dos esportes que tomaram o espaço do remo nas agremiações foi o hóquei, modalidade, aliás, em que o CR Santista chegou a ser bicampeão brasileiro, em 1972 e 1974, além de pentacampeão paulista. A avaliação dos administradores de então era bastante simples, executada na ponta do lápis: um par de patins ou uma bola de futebol saíam muito mais barato do que, por exemplo, a compra de um single-skiff (barco de competição de dois remos, individual), que custava em média o equivalente a R\$ 10 mil. Mesmo as modernas, feitas de kevlar, fibra sintética de aramida, não saem por menos de R\$ 6 mil. Além disso, atrás de uma bola correm dezenas ao mesmo tempo; já no maior barco de remo, o oito com timoneiro, só cabem 9 pessoas por vez.

Ao mesmo tempo, os clubes de regatas se tornavam cada vez mais “sociais”. Grandes bailes, jantares dançantes e shows tornavam-se um fim em si mesmos – ao invés de uma possível fonte de renda para patrocinar as modalidades. Com isso, cada vez mais os esportes serviam apenas como finalidade social ou de lazer, deixan-

do de lado seu caráter competitivo.

Ilustra bem a situação já agonizante do remo na década de 70 o desabafo de Agostinho Guisande Peres, técnico do Santista, a um jornal, em 1975. A entrevista aconteceu logo após o clube ter ficado em último lugar na 4ª Regata Oficial da Temporada, disputada na raia da Universidade de São Paulo (USP), na Capital.

“Corremos com barcos que não eram nossos e estamos tendo problemas de condução. Vamos ver se arranjamos em breve um caminhão ou uma carreta para transportar nossas embarcações. Os barcos, geralmente emprestados, são de segunda categoria. Já começamos a perder de início”.

Ou seja, um clube que nascera motivado pelas competições de remo, não tinha mais como transportar os seus barcos aos locais de prova. Isso sem contar que os barcos do Santista já eram obsoletos na década de 70. “Já tinham pelo menos 20 anos naquela época”, relembra José Luiz Faria, que treinou no clube entre 1973 e 1975.

Assim, na Regata Azulão, organizada em comemoração aos 102 anos do Santista, os mesmos ioles a 4 (barcos mais largos, para 4 pessoas) de cedro dos anos 70 destoavam dos modernos barcos de fi-

bra do Clube Espéria, por exemplo. Aliás, essa regata específica foi dominada pela agremiação da Capital. Aos donos da festa, coube apenas dois penúltimos lugares. Até que não foi tão mal, para um clube que, à época, só possuía 15 alunos em sua escolinha de remo - que já tivera mais de 100.

Por fim, a situação atual desses mesmos barcos do Santista, que já cruzaram décadas, traduz o triste retrato do remo em Santos. Largados ao relento, em um canto do terreno onde está sendo reerguido o Clube de Regatas Vasco da Gama, os barcos vão apodrecendo dia a dia, devagarinho. Como acontece com a própria memória, se não for cultivada.

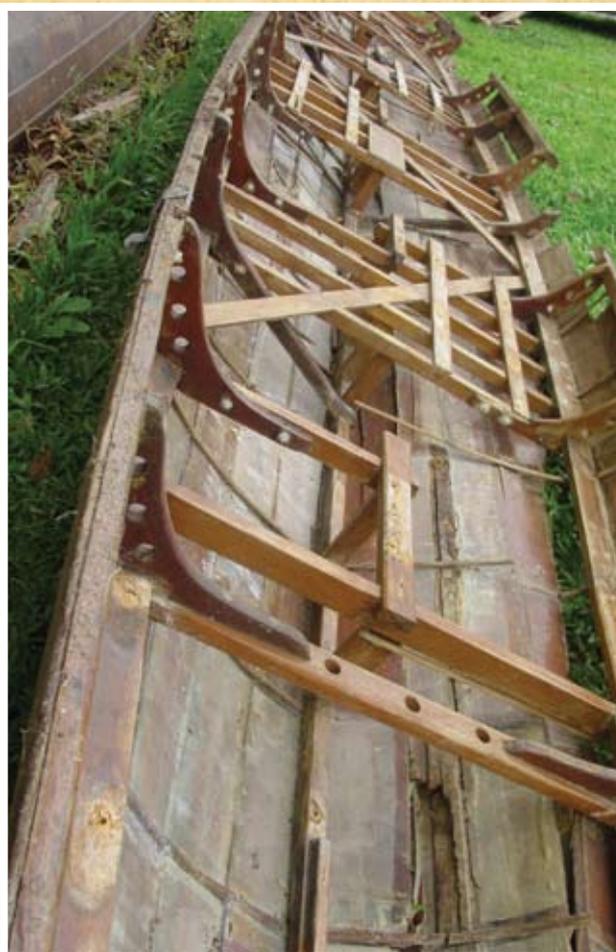


FOTO: SERGIO WILLIANS

## O CÚMULO DO DESCASO

**A história do remo santista está apodrecendo nos fundos dos clubes. Barcos centenários são abandonados como se fossem lixo**

## PONTO DE ENCONTROS E RACHAS

No auge do remo em Santos, o cais do Valongo era salpicado de embarcações, muitas vinham de trem desde São Paulo, com dezenas remadores dos clubes da capital

ACERVO HISTÓRICO DO CLUBE ESPÉRIA - SÃO PAULO





foto: Acervo Clube Espéria de São Paulo

# O primeiro grande campeão

No início do século XX era o remo o “Esporte das Multidões”, em todo o País. As principais provas se davam na capital do Brasil, o Rio de Janeiro. E eram os cariocas da Guanabara os grandes da época, integrantes de agremiações como o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Grupo de Regatas Gragoatá, o Clube de Regatas Botafogo, entre outros. Era algo praticamente impossível vencê-los e, via de regra, os cariocas “tiravam sarro” dos paulistas e gaúchos, os introdutores do remo no País.

As provas do Campeonato Brasileiro eram tão importantes, que os campos de futebol da cidade maravilhosa ficavam vazios quando havia competição na Enseada de Botafogo. Multidões se aglomeravam para assistir o embate dos maiores remadores do Brasil e à coroação do grande campeão, carioca normalmente. O prêmio geralmente era entregue pelas mãos do presidente da República em pessoa.

Apesar de gaúchos, paulistas e catarinenses tentarem com toda as suas forças aparecer nas fotos dos grandes heróis do esporte náutico, dificilmente isso acontecia. Teve um período que só dava carioca em 1º, 2º, 3º, 4º e 5º lugares. A imprensa guanabarina fazia, costumeiramente, troça dos forasteiros: “Alguém saberá dizer se os paulistas estiveram

na raia do brasileiro?...”

Mas naquele ano de 1921 as coisas não dariam tão certo para os orgulhosos cariocas, que já tinham como certa a vitória, mais uma vez, dos remadores da casa. Seria mais um novo “pega” íntimo, em família, entre os guanabarininos Carlito Rocha, Abrão Saliture, Arnaldo Voight e Claudionor Provenzano, os “craques” do remo àquela época. Porém, entre os meros figurantes havia alguém que prometia botar água no chope, ou melhor, água no barco dos cariocas.

Depois de muita expectativa e festa, a tão esperada largada para a principal prova do dia foi dada. O povo gritava extasiado os nomes dos ídolos, que não mediam esforços para vencer a raia botafoguense. Estavam os heróis tão concentrados uns nos outros, que nem se deram conta de que um barco estranho tomava-lhes a dianteira, lépido como uma gaivota durante um rasante sobre a água do mar. Os guanabarininos testemunharam, incrédulos, o barco intruso se igualar aos grandes, à altura dos 1.700 metros. E mais incrédulos ainda quando viram o mesmo intruso deixar para trás os favoritos nos dez metros restantes, ganhando a prova por bico de proa.

A multidão, atônita, indagava-se sobre quem poderia estar no barco campeão. Teriam o Voight, o Saliture ou Provenzano corrido em outra embarcação que não a deles? Não, não haviam, tanto que no pavilhão dos juízes todos os presentes viram ser içada - pela 1ª vez em 19 anos - a flâmula de S. Paulo. Descrentes da autêntica “zebra” (ainda não existia a loteria, hein!), só depois de algum tempo é que,

então, verificaram no programa o nome do barco: *Canaanor*.

E quando a Canaanor rumou para o varandim e seu condutor heróico a receber das mãos do presidente da República, Epitácio Pessoa, a coroa de louros, foi que as sirenas das lanchas, das enormes barcas de Niterói, fundeadas no local, misturaram-se aos aplausos e aos gritos traduzentes do entusiasmo que aquele inesperado triunfo provocara. O herói paulista tinha nome. Era José Ferreira, do C.R. Vasco da Gama, de Santos.

Da noite para o dia, José Ferreira virou herói. Quando a delegação chegou à Estação do Valongo, dois dias depois, o campeão foi carregado em triunfo pela multidão, até a Associação Comercial de Santos, que servia de sede da Federação Paulista das Sociedades do Remo.

Antes disso, porém, assim que se soube da façanha de José Ferreira, vários dignitários da cidade se reuniram no Café Paulista, sob a égide do proprietário então, Francisco Augusto Real. O motivo? Fazer uma “vaquinha” para presentear o remador-herói com uma medalha de ouro.

E bem que José Ferreira merecia. Para espantar qualquer argumento maledicente do tipo, “foi sorte...”, no ano seguinte, em 1922, sagrou-se bicampeão brasileiro. De novo, os cariocas, as vítimas prediletas, foram superados.

Acabou por aí? Nada disso. O remador escreveu de vez o nome no panteão do esporte em 1924, ao amealhar o terceiro título brasileiro, colocando, assim, mais um tijolinho na muralha do respeito ao remo santista de então.



**José Ferreira**  
Tricampeão Brasileiro Remador

**REMO**  
**AS REGATAS DE HONTEM, NO RIO**  
**JOSÉ FERREIRA LEVANTA, PELA TERCEIRA VEZ,**  
**O TITULO DE “CAMPEÃO BRASILEIRO”**  
**Os demais resultados da competição**

RIO, 20. Na enseada de Botafogo, realizaram-se hontem as grandes regatas promovidas pelo Club Internacional de Regatas e patrocinadas

Gama, tempo, 4m,32”; em 2.º. Osvaldo, do Boqueirão, tempo, 4m,24;

11.º pareo — Almirante Alexandrino de Alencar — Escaleres de 12

**José Ferreira foi maior até que a lenda Edgar Perdigão. De coadjuvante na primeira prova, em 1921, para o estrelato em 1924, quando ganhou o tri nas águas da Guanabara**

## O último grande campeão

É quase sempre a mesma história. Como muitos de sua geração, o último campeão do primeiro clube de regatas de Santos, o Santista, começou no remo porque um amigo praticante o convidou. “Fui lá num sábado, comecei a pegar gosto, o corpo ficou legal... é, mas hoje o corpo tá ruim”, brinca Luiz Ernesto Engelbrecht Zantut. Aos 47 anos, engenheiro, trabalhando na Prefeitura de São Vicente, o remo ficou a algumas braçadas para trás, na vida. “Remo só de vez em quando, já não tenho o mesmo pique. Se for para remar errado, prefiro não remar”.

Mas Zantut já remou muito certo. Em 1979, foi campeão paulista júnior, na categoria skiff. No mesmo ano, foi um dos integrantes da equipe que chegou à final do Campeonato Brasileiro, na 4 com timoneiro. “A gente era muito simples. O remo vivia pela boa vontade do Agostinho, o nosso técnico”, diz, referindo-se a Agostinho Guisande Peres, o técnico do Santista na época. Apaixonado pelo remo, uma das proezas de Agostinho era passar pelo trajeto presumido dos alunos em direção ao treino, no Santista. Era madrugada e os que estavam a pé eram recolhidos na carroceria da pick-up C-10 do técnico, que acondicionava até 30 garotos sonolentos.

Já sobre suas proezas, Zantut é modesto. Diz que guarda tudo no coração; em gavetas, não guarda nada; na memó-

ria, muito pouco. Do Campeonato Paulista que conquistou, por exemplo, lembrou apenas que estava tranquilo, bem treinado, e que a concorrência não era muito forte. Quanto à concorrência, pouco se sabe; mas que estava bem treinado, um indicio eram as 2 ou 3 horas que passava na água, mais a hora e meia de ginástica e corrida a que se prestava. Todo dia. “Sempre sabia se iria ganhar ou perder. Você sabe. Não tinha dúvida nenhuma”, limita-se a comentar.



FOTO: SERGIO WILLIANS

O esporte a que se dedicou, viu-o praticamente morrer em Santos. Uma pista para isso, a seu ver, poderia ser a pouca possibilidade de patrocínio, pelas próprias características da modalidade. Afinal, onde colocar o nome do patrocinador, de modo que seja visível pelo público a algumas dezenas de metros de distância? “O remo olímpico não existe, não dá visibilidade. A vela, por exemplo, aparece mais”, compara. Em seguida, retorna por alguns segundos ao distante 1979. “Foi o último grande ano”, resigna-se.

**PENDURANDO AS CHUTEI...  
MELHOR DIZENDO, OS REMOS**  
Zantut levantou a copa paulista em 1979, o último gesto santista de uma trajetória marcada por muitas taças

Depois dele, o esporte encalhou numa seca de conquistas. E aí vieram a ressaca de problemas





### ECOS DE UM PASSADO DE GLÓRIAS

A revista santista A Fita costumava publicar, na década de 1910, reportagens sobre as regatas que aconteciam no Valongo e na Bocaina. Nesta sequência, vê-se o público de damas e cavalheiros nas arquibancadas; logo abaixo a guarnição do yole "Marina", do Clube de Regatas Santista, vencedor do campeonato do Estado de São Paulo e em seguida a guarnição da canoa "Santista", da mesma agremiação, vencedora do 2º páreo do dia.

# Um sonho possível

*Saudosistas e apaixonados pelo esporte náutico sonham em fazer reviver a prática do remo em águas santistas*

Nos anos 70, quando era adolescente e saía de madrugada para treinar remo, Jorge Batalha cansou de ouvir pela rua, 'vai trabalhar, vagabundo'. Mal sabiam os incautos que, passados quase 40 anos, e, claro, com a vida devidamente assentada, Batalha trabalharia também pelo ressurgimento do remo.

Há 3 anos, foi um dos idealizadores, e é o primeiro presidente, da ONG REMAR, cujo objetivo é resgatar o esporte na região, através de ações sociais. "Queremos complementar as ações do Estado no esporte e, com a ONG, é mais fácil ter acesso aos órgãos públicos", crê.

Oficialmente, a entidade existe no papel apenas desde o ano passado, mas já tem quase 100 membros, a maioria ex-remadores. O grupo, entusiasmado, é uma usina de ideias. A começar pelo próprio nome da ONG: REMAR significa, letra por letra, Remo e Meio Ambiente Responsável.

Dentre os planos que pululam para 2011, o mais afeito à concretização talvez seja o de instalar uma barraca de praia, aberta ao público, onde serão ministradas aulas de remo gratuitas. O sonho é de que a barraca fique postada em frente

ao Aquário, onde o acesso ao mar é mais fácil. "O presidente da Confederação Brasileira de Remo (CBR) quer doar barcos, mas nós precisamos primeiro ter o início das atividades", pondera Batalha.

Outra ideia é desenvolver um projeto de construção de barcos, por crianças de comunidades carentes do Litoral Sul e Vale do Ribeira, a partir de fibra de bananeira. Ao mesmo tempo, as crianças teriam uma ocupação, aprenderiam a remar e ainda ganhariam algum dinheiro com a venda dos barcos.

Mas, por enquanto, as ideias estão apenas dando volteios na cachola dos membros da REMAR. Solto por aí, somente o espírito do esporte, que os ex-remadores fazem questão de cultivar. São histórias, por exemplo, como a do carro parado bem na saída de barcos do Santista. Os remadores, precisando sair com o barco, não tiveram dúvida: levantaram o carro e o mudaram de posição.

Ou da prova na Raia da USP. Batalha era o técnico da equipe do Vasco. Começou a gritar, queria que o pupilo acelerasse e ganhasse a prova. Empolgou-se e começou a xingar-lo, sem perceber uma senhora na arquibancada, assistindo a tudo, nervosa. O pupilo ficou em terceiro lugar.

Dias depois, a senhora foi procurar Batalha no clube. Era a mãe do garoto. "Ela foi me agradecer todo o FDP que eu tinha xingado. Disse que, depois que ele começou a treinar, arrumava a cama e lavava a louça. O remo é isso: descontração e disciplina", sorri.

Para saber mais da ONG REMAR basta acessar: [www.remar-ong.org](http://www.remar-ong.org).



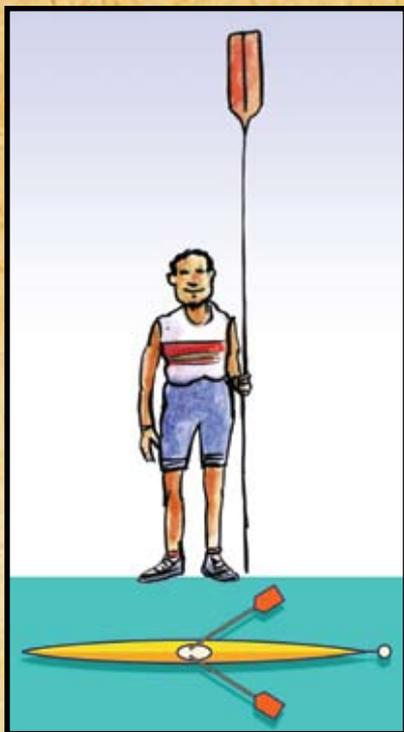
## A TURMA DO REMAR

**Lutando para tornar Santos uma praça esportiva para o remo, como no passado**



# As categorias do remo

arte: Osvaldo Da Costa



## **SINGLE SKIFF (1X)**

**PESO: 14 Kg.**

**COMPRIMENTO: 8,20m**

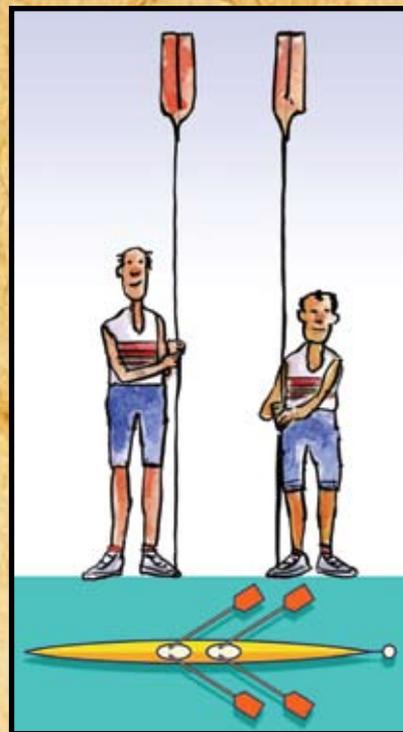
Conduzido por um só remador. Nos campeonatos, é a categoria principal e seus atletas, no passado, geralmente se tornavam heróis do esporte. Foi nesta categoria que José Ferreira, do Vasco, se consagrou

## **DOUBLE SKIFF (2X)**

**PESO: 27 Kg.**

**COMPRIMENTO: 10,40m**

Conduzido por dois remadores, com duplo remo, ou seja, cada um opera com dois remos. A exemplo do single skiff, o double também enchia de orgulho os amantes do esporte



## **DOIS SEM TIMONEIRO (2-)**

**PESO: 27 Kg.**

**COMPRIMENTO: 10,40m**

Conduzido por dois remadores, porém, com um remo de cada lado. Exige bastante sincronismo. Caso contrário, o barco não progride de maneira adequada. É uma das provas mais difíceis do remo

## **DOIS COM TIMONEIRO (2+)**

**PESO: 32 Kg.**

**COMPRIMENTO: 10,40m**

Conduzido por dois remadores, com um remo para cada. Esta categoria traz um timoneiro, sujeito responsável pelo comando da guarnição e que, através do equilíbrio, guia o leme (podendo ficar na proa do barco ou deitado na ré), e também que dá o ritmo das braçadas, com seu megafone



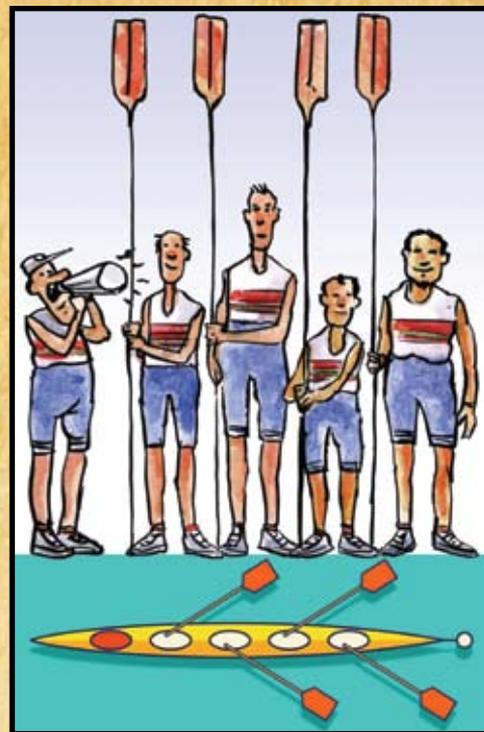


**FOUR SKIFF (4X)**

**PESO: 52 Kg.**

**COMPRIMENTO: 13,40m**

A fórmula 1 do remo. As provas eram disputadíssimas e os remadores desta categoria estavam entre os mais fortes. A direção rumo do four-skiff é dada pelo leme, conectado a um dos pés de um dos remadores



**QUATRO COM TIMONEIRO (4+)**

**PESO: 51kg.**

**COMPRIMENTO: 13,70m**

Se com dois a concentração era grande, imagine com quatro. O timoneiro, muitas vezes, irritava os atletas no meio do percurso



**QUATRO SEM TIMONEIRO (4-)**

**PESO: 50kg.**

**COMPRIMENTO: 13,40m**

Era a prova que exigia a maior destreza dos atletas. Sem o timoneiro para orientar, era necessário estar bem treinado para não cometer erros. Clubes colocavam os mais concentrados nestas categoria

**OITO COM TIMONEIRO (8+)**

**PESO: 96kg.**

**COMPRIMENTO: 19,90m**

Se o single skiff era a prova preferida do povão, o oito com timoneiro era a preferida dos clubes, pois carregava boa parte das equipes num só barco. Ganhar esta prova era ponto de honra para as agremiações



# no tempo das regatas...

Naquele bonito dia de domingo, uma multidão se dirigiu para o cais fronteiro da Alfândega. Os solarengos bondinhos de tração animal, tendo a taboleta “Regatas” e com uma bandeirinha brasileira no alto, lado direito, e outra em lugar correspondente no lado de trás, como nos dias de festa nacional, seguiam por um prolongamento da linha, logo que chegavam à Praça da República até próximo aos trilhos das Docas, junto ao antigo Café Marreiros.

Bandas de músicas postadas em palanques cheios de festões e galhardetes, lançavam nos ares os seus acordes sonoros e alegres. O povo postado em toda a longa orla do cais e invadindo os navios atracados, esperava o início do grande prélio. Ao largo, lanchas e rebocadores, embandeirados em arco, cheios de gente, traziam até o paredão o seu vozerio alegre, especialmente as vozes argentinas das moças que, em grande número lá se encontravam e que constituíam, sempre, a nota mais atrativa das regatas, no entender dos mais apaixonados pelas moças.

Em volta dessas embarcações maiores, os catraeiros, com seus botes chalangas e escaleres, todos forrados de colchas rendadas ou tapeçaria vistosa, com remadas vagarosas faziam trafegar as suas embarcações cheias de gente satisfeita e entusiasta, emprestando à cena um maior brilho e alegria. No cais, as arquibancadas cobertas com toldos de garridas cores, acomodavam um grande número de senhoras e senhoritas, especialmente pessoas das famílias dos clubes santistas e paulistanos.

A nota culminante da regata era a luta entre o Saldanha e o Internacional, velhos rivais, cheios de cavalheirismos e igualdade de valor, embora não se desprezasse a capacidade combativa do Santista e dos clubes da

Paulicéia.

Iniciou-se o prélio e a cada vitória, estrugiam no ar os foguetes, rompia com mais entusiasmo a música, ouviam-se os aplausos e os clássicos e vibrantes “aleguás” dos associados de cada clube, enquanto os vapores surdos no porto apitavam ensurdecidamente.

Mas o espetáculo máximo da tarde aproximava-se. Um nervosismo enchia toda a assistência. Quem venceria? Saldanha ou Internacional?

E o Santista, que treinara ocultamente, despistando os “corujas”? E o Espéria, de quem rumorejavam coisas... E o Tietê, que dia a dia mais se empunha?

Finalmente os campeões se enfileiravam na raia, para dali a alguns minutos, ao tiro do velho canhão, fazerem saltar os seus barcos a quatro, numa saída eletrizante. O povo, por todo lado, fremia de entusiasmo.

Um mundo de gente tinha os olhos voltados para os lados do Valongo, de onde avançaram em vigorosas remadas os barcos disputantes do grande páreo. Uns gritavam que tal clube vinha na dianteira, para dali a instantes anunciar que outro passara à frente. Os munidos de binóculos trepavam nos lugares mais altos e transmitiam o que viam ao longe, dando notícias que a uns enchia de transbordante alegria e a outros deixava frios, pálidos, desconcertados...

Saldanha na frente, gritavam com entusiasmo incontido os saldanhistas, empoleirados em todos os lugares, o que era seguido de “urras”, vivas e aplausos. Mas logo os “vermelhinhos” dominavam o tumulto com seus vivas e palmas estrepitosas, pois o Internacional passara o Saldanha. Os “vermelhinhos”, os “papagaios” e outros enchiam o cais, lanchas, rebocadores, escaleres e vapores, incentivavam os seus à vitória, com a conti-

nuação ensurcedora de aplausos, vivas, gritos, cânticos e sempre os “aleguás” num transbordamento de entusiasmo justificado.

Mas a torcida saldanhista voltava a dominar a situação, ao ver o Saldanha recuperar o lugar na beira do lote.

Nova barulhada e, de repente, voltam os “vermelhinhos” a se fazerem ouvir, pois ficara para trás o Saldanha. Uma loucura se apossou de todos, cada qual querendo, com os seus gritos, contribuir para a vitória da embarcação de seu clube.

Os outros barcos avançavam acoessando os dianteiros, e os aficionados destes ficavam sempre na esperança de que um acidente ao menos provocasse uma inesperada mudança entre os disputantes da prova.

Um remo quebrado, uma forqueta partida, um abalroamento, qualquer coisa, às vezes, modificava o panorama da luta. Faltando 500 metros para a chegada, novamente o tricolor passara à frente, e o Internacional confirmou a sua posição. Um bolo eletrizante.

Os músicos se apossaram dos instrumentos para o instante final. Na rua, junto ao edifício da velha Alfândega, enorme girândola de foguetes de possantes bombas já estava com os encarregados a fazê-las explodir. De charuto aceso, em fumadas apressadas, avivando a brasa, só esperavam o diretor de seu clube dizer: ganhamos!

Aumenta a gritaria, cresce o entusiasmo e os postados junto à grade do cais suportam sem protesto ser esmagados pela multidão comprimida para melhor ver a disputa. Às vezes ouve-se grande alarido e gritos aflitos, quando alguém empurrado, cai ná-gua...

Outros com os pés fincados nos trilhos da borda do cais, resistem de uma forma incrível à avalanche.

Mas somente os mais próximos se preocupam com o perigo a que estão sujeitos. A atenção é para o finalzinho da chegada.

A gritaria chega ao auge e o Saldanha em última arrancada vence por “bico de proa”. Ouve-se, então, os ensurdecidores apitos dos vapores, os vivas da multidão em delírio, a marcha triunfante da música, o foguetório explodindo e a terra estremeando com o rebentar de 21 tiros de alto calibre.

Já à noitinha, ao terminar os 18 páreos, uma multidão compacta dirige-se para a Praça Antônio Telles, onde num sobrado, na secretaria do clube, tremulava a bandeira vitoriosa.

O entusiasmo, naquele dia, maior que nas competições anteriores, não tinha limites, e o povo subindo à sede, arrancou o mastro e a bandeira, levando ambos os troféus para a praça.

A multidão acercou-se da bandeira empunhada por um saldanhista e, em seguida, desfilou pelas ruas com a banda de música à frente, em visita aos jornais, cantando a toada vibrante, que a todos contaminava de transbordante alegria.

**Artigo publicado originalmente na Revista Saldanha, de julho de 1970 (autor desconhecido). Retrata fielmente um dia festivo de provas náuticas no Valongo. Pelas informações contidas no texto, reputa-se ser o cenário de Santos por volta de 1910, quando já existia a Praça Antonio Telles (1908) e não fazia menção ao Vasco da Gama de Santos (criado em 1911)**





140 ANOS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS

# UMA SENHORA ENTIDADE

298



**É** mérito para poucos atravessar 140 anos mantendo a respeitabilidade conquistada pela Associação Comercial de Santos, entidade que ajudou decisivamente na construção da cidade e suas modernidades. Nascida sob a égide do progresso, a ACS influenciou e contribuiu para o avanço da educação, das artes, do transporte, do porto, da vida social e, é claro, das relações comerciais santistas com o resto do País e do mundo. Sua força simbólica é tão intensa que a entidade possui o Livro de Visitas mais badalado da cidade, com a assinatura de personagens históricos que vão de D. Pedro II, Olavo Bilac, Washington Luiz, Juscelino Kubitschek, Ruy Barbosa a nomes atuais como os de Geraldo Alckmin, José Serra, e a presidenta Dilma Rousseff.

Nestes 140 anos de existência a ACS mantém-se com o mesmo espírito empreendedor, conduzindo as aspirações santistas pelo progresso e pelo futuro promissor, atuando de maneira firme com o pensamento à frente, mas sem esquecer-se de um passado repleto de conquistas e muitas lutas árduas.

Calcula-se que cada fardo contém, mais ou menos,  
182 kilos de juta suã bruta. Matando-se 3% para  
a perda no fabrico, tem-se a quantidade de hilos de tela  
que se temos que 182 kilos

Ora, como cada fardo contém, mais ou menos,  
487 grammos de juta suã bruta, produzirão 177  
sacos (177) kilos de hilos de tela  
de 1500 fardos de 182 kilos cada um, produzirão 325  
grammos de juta suã bruta, e cada sacco produzirá  
100 de hilos de tela pesada de 11% na juta  
suã bruta. Logo cada sacco produzirá 100 de  
hilos de tela pesada de 11% na juta suã bruta.

60 52

compreendendo o pago o equivalente de 42 fardos, respecti-  
vamente."

De se, pois, que se uma grande approximação nos  
calculos das duas formulas, pelo que se tem por certos se  
certos como a de pesos se tem de verdade. Isto evidencia  
que não ha possibilidade de erro de mais de 20%.  
Logo, no assumpto em questão de ser de sacos.  
O presidente da que a comissão se achou sup-  
lucada; isto, para, com a vista de  
tanto. O fardo e o peso de 100 grammos de juta suã  
cuja. Para se verificar se esse commu-  
ni ao Rio. A comissão de Hilos de Tela  
de se seria composta dos Sr. Eduardo Monteiro  
R. Murray e Sr. Thadeu Moreira unidos a uma  
de 2000 sacos de juta suã bruta e a  
ca, mediante documento com o nome de  
de o do estado de para a venda de  
ca. Consultada a comissão de Hilos de Tela  
ella accetou um projecto de 100 de  
cual, a falta de uma associação de  
miante que a Associação de Hilos de Tela  
de certificados de venda de juta  
eraes, em que tas de venda  
diante os presentes e a vista  
de 100 de juta suã bruta e a  
ques de fardos de 182 kilos  
f. C. e G. Costa (C. I.)  
por sacco. A comissão  
parece e sobre a  
tipicada de juta  
suyolada no

**E**m 1846, o Brasil vivia um borbulhante clima de euforia, estimulado, principalmente, pelas perspectivas de crescimento apresentadas por um novo ciclo econômico nacional, advindo da riqueza nacional emergente: o café. A cidade de Santos, notabilizada como a principal porta de saída de produtos paulistas, do açúcar ao tabaco, para o resto do mundo, começava a dar seus primeiros passos rumo ao maior planejamento de expansão já visto. Para isso, era extremamente necessário buscar uma organização que conduzisse esse crescimento, um ente administrativo que fosse, preferencialmente, conduzido por empresários influentes, geradores das maiores oportunidades e comércio locais.

Destes movimentos iniciais surgiram as idéias pioneiras para a criação de uma associação que organizasse as regras para o bom andamento dos trabalhos no município, que desejava se manter entre os mais importantes e influentes do Brasil. No entanto, esses primeiros movimentos não lograram êxito. As idéias ainda precisavam ser amadurecidas.

Quatro anos mais tarde os santistas voltaram à carga e tentaram tirar do papel a ideia de criar o órgão interlocutor que pudesse tramitar tanto junto aos mais importantes fazendeiros do interior, quanto entre os agentes do governo, fossem eles da esfera do Governo Imperial, da província paulista e até junto à intendência municipal. No entanto, mais uma vez, as coisas não saíram como se desejou, muito em função da cidade ser incipente, não dispor de recursos para enfrentar o enorme desafio, que era investir em modernização. Santos, à época, ainda era totalmente dependente do Governo do Império para funcionar para valer.

Porém, a cidade carregava um trunfo na manga: O porto. Mesmo precário em instalações, seus atracadouros venceram as desconfianças gerais, pelo fato de estarem estrategicamente muito bem posicionados. Assim, foi o porto santista quem garantir a sobrevivência da ideia. Na metade do Século XIX ele já era referência dentro e fora do País.

A força do café sacudia o Brasil de norte a sul e os trens traziam a modernidade necessária para alavancar ainda mais o transporte do "ouro verde" do interior para o litoral e seus portos. Foi essa corrente que trouxe à Santos a São Paulo Rai-

lway, a estrada de ferro dos ingleses responsável, em 1867, por colocar a cidade, de uma vez por todas, no mapa do desenvolvimento nacional.

Naquele mesmo ano o clima de expectativas transbordara, como transbordavam os grãos de café dos armazéns para os vapores atracados no porto santista. A via férrea foi ampliada e acelerou, consideravelmente, a capacidade de escoamento de toda a produção agrícola das fazendas do interior.

O ritmo alucinante das exportações, via Porto de Santos, transformou a cidade. A população duplicava a olhos vistos. De 1843 para 1885, Santos saltou de 3.500 para 15.600 habitantes. Em 1870, o porto santista era o responsável pela exportação de 80% da produção de café nacional. O dinheiro corria solto e gerava centenas de empregos. Mais do que nunca, havia a necessidade de organização. Caso contrário, o comércio descontrolado poderia tornar a economia local num verdadeiro caos.

O "ouro verde" virou a moeda forte do mercado, impulsionando a economia local e o comércio exterior. O Brasil, mais do que em qualquer outra época histórica, se tornou um dos focos de atenção do comércio internacional.

### **Crescimento desenfreado**

O clima de euforia também trouxe na bagagem uma intensa atividade cultural. Idéias inovadoras fervilhavam por todos os cantos e contemplavam questões voltadas ao abolicionismo. O Teatro Guarany, inaugurado em 1888, primeiro grande palco da cidade, se tornou local de calorosas manifestações pela soltura dos escravos. Seria também lugar do primeiro encontro entre o atuante Comendador Vergueiro e o pintor Benedicto Calixto - cujo relacionamento veremos à frente.

Contudo, na rasteira do progresso vieram os problemas. A ocupação desenfreada da cidade, sobretudo das encostas dos morros, sem estrutura e saneamento básico, acenavam com um véu tenebroso. Os que aqui aportavam em busca de dinheiro fácil acabavam obrigados a viver nestas encostas e em submoradias, como os cortiços. Resultado: Com as epidemias que assolaram a cidade a partir da segunda metade do século XIX, esses aventureiros e suas famílias morriam aos montes, vitimados por doenças



**A primeira bandeira de luta da ACS foi a modernização do Porto de Santos, totalmente inapropriado para o volume de café que já chegava à cidade a partir da inauguração da estrada de ferro, em 1867. Era urgente a substituição dos velhos trapiches por berços atracáveis modernos**

como tuberculose e peste bubônica. O “porto da esperança” acabou transformado, para muitos, em “porto da morte”.

O contrabando de cargas era atividade corriqueira. Havia muitos mosquitos, mau cheiro, febre amarela e outras doenças de fácil transmissão que matavam inúmeras pessoas a cada dia.

Essas mazelas só seriam sanadas anos mais tarde, graças à duas das mais importantes intervenções urbanas de Santos: a construção do porto organizado, a partir de 1891, obra dos empresários Cândido Gaffrée e Eduardo Guinle e o Saneamento de Santos que, com o projeto dos canais de Saturnino de Brito, foi responsável pelo fim definitivo das doenças. Ou, como muitos historiadores gostam de falar, o renascimento de Santos.

Voltando aos anos finais da década de 1860, Santos viveu um período de forte movimentação de cargas, por causa dos trens. A consequência negativa disso foi o surgimento de um imenso gargalo na logística de embarque dos produtos nos vapores, jamais vista anteriormente. *(Hoje podemos dizer que estamos vivendo uma nova era de gargalo)*

Decididos a dar um ponto final no clima de desorganização prenunciada, depois

de duas tentativas frustradas, deu-se, em 1870, o primeiro e definitivo passo para a criação da Associação Comercial de Santos. Afinal, era preciso criar um organismo forte e representativo, que fosse reconhecido pelo Governo Imperial e legitimaria a posição de Santos, como praça privilegiada para ditar as regras do negócio. Era isso que todos por aqui queriam.

A espera foi tanta e tão sofrida, que a primeira reunião informal da primeira Associação Comercial aconteceu praticamente na noite de Natal, constituindo-se como um autêntico presente natalino, encerrando longa espera e expectativas. Foi em 22 de dezembro de 1870 que os comerciantes da praça santista fundariam oficialmente a Associação Comercial de Santos e definiriam seus propósitos iniciais.

Porém, antes de descerrar as cortinas do ano original, no dia 31 de dezembro acontecia a 1ª reunião oficial do grupo de pioneiros, em sua maioria composta por empresários do ramo de café. Eufóricos, brindaram o ano que vinha pela frente e já começaram a pensar no local adequado para abrigar a sede da recém-criada instituição.

**O primeiro Presidente  
Comendador Nicolau Vergueiro  
(1870 a 1878)**

Os registros das primeiras reuniões, embora amarelados, permanecem intactos até hoje e dão conta das providências iniciais garantidas pelos empresários da época. A principal delas determinou a escolha de uma mesa diretora, o que, porém, não ocorreu na primeira sessão, mas nas seguintes, quando foram empossados “provisoriamente” os senhores Nicolau Vergueiro, presidente, e demais membros: Inácio Wallace da Gama Côcrane, Gustavo Backheuser, William T. Wright, Carlos Wagner e José de Azurem Costa. Essa diretoria “tampão”, contudo, conduziu a ACS por quatro anos.

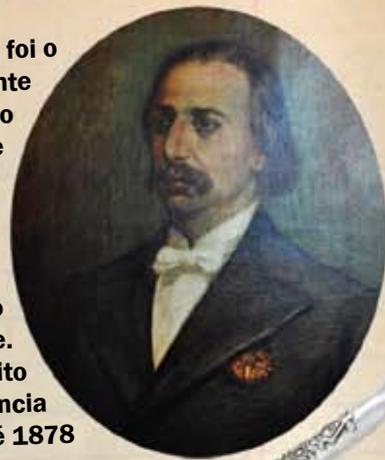
A questão foi que, assim que formada, a primeira diretoria assumiu a tarefa de organizar um Fundo Social para bancar as despesas e elaborar o primeiro estatuto. Ocorre que, com a morosidade burocrática latente do período imperial, a entidade só teria sua aprovação, com devida autorização de funcionamento pelo Império do Brasil, em 29 de março de 1874. A mesma foi assinada pela Princesa Imperial Regente, Isabel, que representava o Imperador Dom Pedro II, seu pai.

Desta feita, foi somente em 14 de outubro de 1874 que a Associação Comercial pôde empossar, de fato, sua primeira mesa diretora, com a posse, agora oficial, do comendador Vergueiro à frente da entidade, cargo que acabou exercendo até 1878. O pleito histórico ocorreu em uma das salas existentes no sobrado da Rua da Praia n.º 38, de propriedade do presidente Comendador Nicolau Vergueiro. Ao final da eleição, empolgado, o empresário ofereceu todo o prédio à Associação que ajudara a fundar. Ali ela deveria se manter em funcionamento regular até a construção da sede própria. A sede própria, aliás, prometia ser um capítulo à parte na história da ACS.

**Influência por todos os poros**

Após anos de entraves burocráticos e frustrações acumuladas, a ACS alçava vôo para o estrelato e se tornaria tão influente, tão importante e tão indispensável que, em determinado momento histórico, ocorrido em 1891, chegou até a conduzir os rumos do município de Santos, no mais amplo sentido da palavra. Naque-

**Vergueiro foi o  
primeiro presidente  
da Associação  
Comercial de  
Santos, ficando  
no cargo de 1870,  
como provisório,  
até 1874, quando  
foi empossado  
oficialmente.  
Depois foi reeleito  
para a presidência  
até 1878**

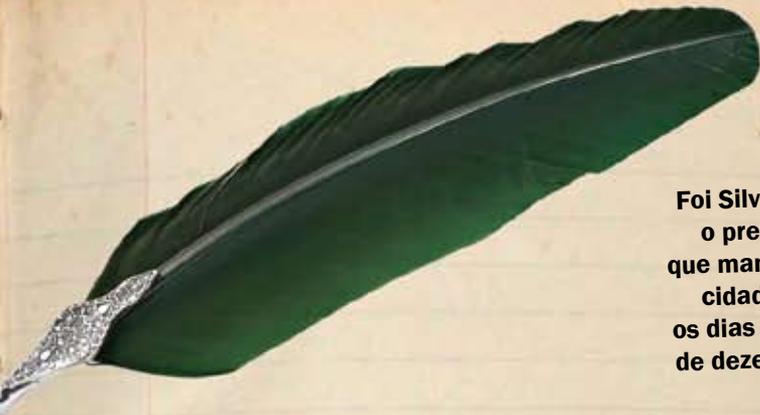


le ano o povo santista, cansado dos desmandos do presidente general Deodoro da Fonseca e do governador da Província de São Paulo por ele nomeado, Américo Brasiliense, foi às ruas exigir não só a deposição de ambos, mas também do intendente e dos vereadores de Santos. Para o lugar destes últimos, a população só confiava nos homens da Associação Comercial. E assim foi.

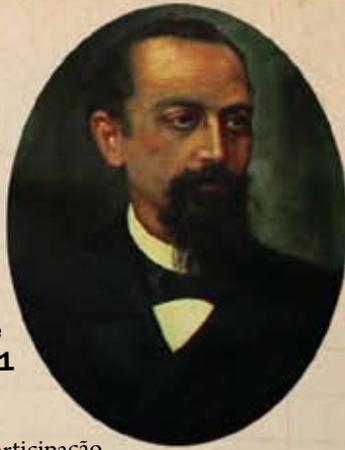
O município foi entregue à diretoria da Associação Comercial, que se encarregou de conduzi-lo até “que o novo presidente do Estado resolva a tal respeito as atribuições da atual Intendência, cuja competência fica terminada”. A ACS ficou no poder de 14 a 30 de dezembro daquele ano, quando assumiram a nova Intendência os drs. João Galeão Carvalhal e Lino Cassiano Jardim e a Câmara Municipal os srs. Francisco Cruz, Antônio Augusto Bastos, Antônio José Malheiros Júnior, Raimundo Gonçalves Corvelo e Teófilo de Arruda Mendes. Pelo espaço de 15 dias, portanto, a Associação Comercial de Santos administrou o Município, assegurando-lhe tranquilidade social e ordem pública.

O poder de fogo da ACS era realmente intenso, principalmente porque era a entidade que administrava o movimento do ouro verde na cidade, antes do surgimento da Bolsa do Café. Muitas personalidades, em passagem pela cidade, faziam questão de reverenciar a Associação Comercial, o que tornou o Livro de Ouro que a entidade mantém até hoje, um dos mais ricos em termos de assinaturas notórias. (veja quadro adiante).

Outra forte influência da ACS foi na formação do Porto Organizado de Santos. A entidade, que representava os interesses de expor-



**Foi Silva Telles  
o presidente  
que mandou na  
cidade entre  
os dias 14 e 30  
de dezembro de  
1891**



tadores e importadores, foi a que exerceu maior pressão para que fossem contratadas empresas com gabarito para dar outra cara ao já defasado cais santista.

E não havia outra coisa a fazer. À beira-mar, as mercadorias se amontoavam, da praça da Alfândega ao Valongo, em pátios de terra, improvisados, sem estrutura adequada, sem condições de higiene, sofrendo as consequências de permanecerem ao relento, particularmente nos meses de Verão, quando as chuvas aumentavam. A alta da maré atingia as sacas de café, comprometendo a qualidade e até apodrecendo o grão.

A Associação Comercial de Santos tomou frente às reivindicações junto às autoridades da Corte e da Província, como pode se ver em ofício enviado pela entidade: *“Verdadeira anarquia reina em quase todos os serviços de Santos: os armazéns da alfândega, as pontes, os armazéns particulares, as praças e ruas públicas acham-se empilhadas de mercadorias, a maior parte sujeita às intempéries e ao roubo.... A gatunagem tem tomado súbito impulso: quadrilhas para tal fim organizadas dão caça às mercadorias assim abandonadas e a polícia sente-se impotente para dominar essa nova indústria, porque nem de força pública dispõe”*.

A pressão surtiu efeito em 19 de outubro de 1886, quando o então Ministério de Viação e Obras Públicas publicou edital reabrindo a concorrência para as obras. Finalmente, em 12 de julho de 1888 é que foi celebrado o contrato de construção do Porto, assinado pela Princesa Isabel e referendado pelo ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o paulista Antônio da Silva Prado. Quatro anos depois, em 2 de fevereiro de 1892, com muita festa na cidade é que foi entregue ao tráfego o primeiro trecho de cais, com 260 metros, compreendido entre a rua nova aberta junto ao Arsenal da Marinha e a Alfândega, com a atracação do navio inglês Nasmyth, de Liverpool. Santos ganhou naquele momento o primeiro Porto Organizado do

País. De participação tão decisiva neste processo, o ex-presidente da ACS, o gaúcho Francisco de Paula Ribeiro (Chico de Paula), acabou se tornando o primeiro superintendente da nova Companhia Docas de Santos, cargo em que se manteve até 1902.

A atuação da ACS, ao longo de sua trajetória, registrou fatos tão marcantes na história de Santos, que praticamente todas as conquistas ao longo das primeiras décadas do Século XX se deram com a participação direta ou indireta da instituição, seja para o desenvolvimento social, cultural, político ou financeiro de Santos.

Não podemos reputar como coincidências, mas o fato é que após a fundação da ACS muitas e importantes iniciativas foram tomadas em benefício da população e do desenvolvimento da cidade, como na elaboração dos Códigos de Obras para o município. Antes da Associação Comercial, por exemplo, não existiam ou não funcionavam a contento os serviços de esgoto e coleta de lixo, iluminação pública, água para consumo domiciliar, ruas pavimentadas, ou pelo menos capazes de prover o escoamento de águas pluviais. Não existiam bancos, transporte coletivo e tampouco um cais organizado. A entidade foi decisiva em todas as etapas destes processos de desenvolvimento, fosse diretamente responsável, ou saindo na foto com mérito de causa.

**A ACS influenciava em  
todos os setores do  
desenvolvimento da  
cidade. A iluminação  
pública, existente desde  
1810 teve uma melhora  
significativa após a  
atuação da entidade**



SHUTTERSTOCK

# CURIOSIDADES

**Banco do Brasil – A primeira agência do Banco do Brasil funcionou na sede da Associação Comercial de Santos**



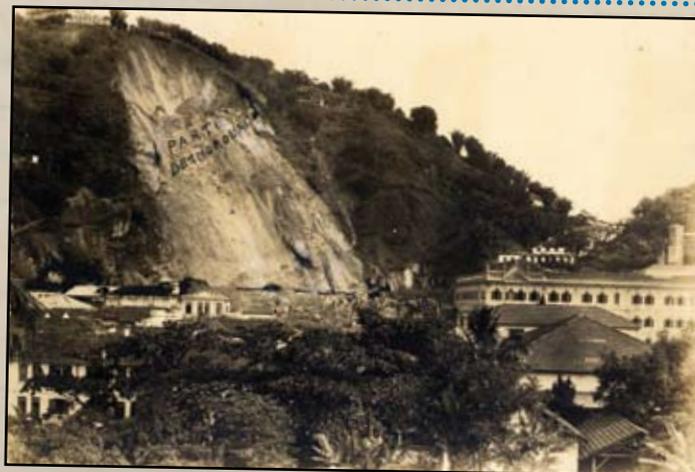
DIVULGAÇÃO

ACERVO ACS



Um destaque no acervo da ACS, dentre os tesouros protegidos e emoldurados pelas paredes do prédio da Rua XV de Novembro, é a tela “Forças da Pátria”, de 1913, do pintor Carlos Oswald, um dos responsáveis pelo desenho final da estátua do Cristo Redentor, famosa no mundo inteiro

ACERVO EDUARDO COELHO

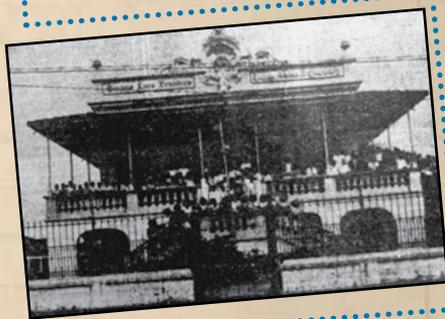


**Santa Casa – A ACS foi uma das maiores beneméritas da Santa Casa de Santos. O episódio mais importante ocorreu em março de 1928, quando houve a queda de parte e sérios prejuízos do Monte Serrat. Muitas vítimas foram deixadas e foram causados ao hospital. A Associação Comercial mobilizou-se de imediato, patrocinando a arrecadação de recursos na praça, através de uma comissão especialmente nomeada**

# Da



**Educação** - A instituição investiu no primeiro estabelecimento de ensino secundário de origem santista, o hoje extinto Ginásio Luso-Brasileiro, formador de vários intelectuais e inúmeras personalidades no cenário nacional. A Faculdade Católica de Direito de Santos, que deu origem à Sociedade Visconde de São Leopoldo, também teve sua estrutura econômica patrocinada pela ACS. Nos dias atuais, a Câmara Setorial de Instituições de Ensino reúne reitorias e representantes das principais universidades e instituições de ensino da Baixada Santista



A TRIBUNA, EM 28 DE NOVENBERO DE 1946



A Guarda Noturna de Santos foi fundada pela Associação Comercial, quando colocou um serviço de vigilância para cuidar da segurança da região próxima à sua sede

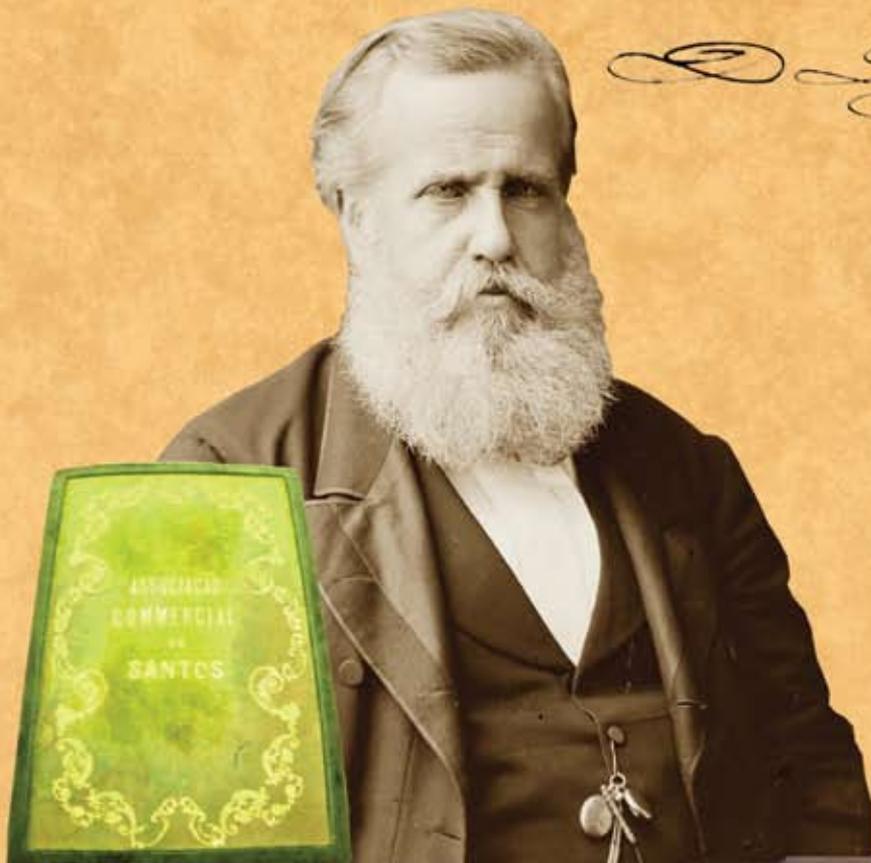
**Titanic** - Para se ter uma ideia de como, já naquela época, podíamos considerar os homens do comércio cidadãos "globalizados", seres com genuínas relações internacionais, no Livro de Atas que contempla o ano de 1912, há o registro de telegrama enviado ao governo britânico dando as condolências, por ocasião do naufrágio da embarcação Titanic, em nome da diretoria



ARQUIVO MILVINA DEAN

# CADERNINHO DE AUTÓGRAFOS

Várias personalidades históricas deixaram sua assinatura no Livro de Ouro da Associação Comercial, mostrando o quanto era importante visitar a instituição santista, que até hoje é promotora de grandes debates políticos e sobre desenvolvimento



**D. Pedro 2º** – Em 30 de agosto de 1875, o Imperador Dom Pedro II visitaria a cidade. Em sua homenagem, a Associação Comercial abriu o Livro de Ouro para assinaturas. Curioso é que, ao contrário do que aprendemos na escola, ou vemos publicado em jornais da época ou na literatura, o monarca assinava o 2º com numeral ordinal. O Imperador ainda passaria outras duas vezes pela ACS. Em 30 de setembro de 1878, veio acompanhado pela Imperatriz Theresa Christina e grande comitiva, composta por membros da nobreza imperial. Depois, retornaria em 13 de novembro de 1886

**Outros nomes:**

Olavo Bilac (1911); Júlio Prestes (1927); Epitácio Pessoa (1934); Gaspar Dutra (1949); Prestes Maia (1950); Carlos Lacerda (1964), entre outros.

*Juscelino Kubitschek*

**JK e Jânio - Juscelino**

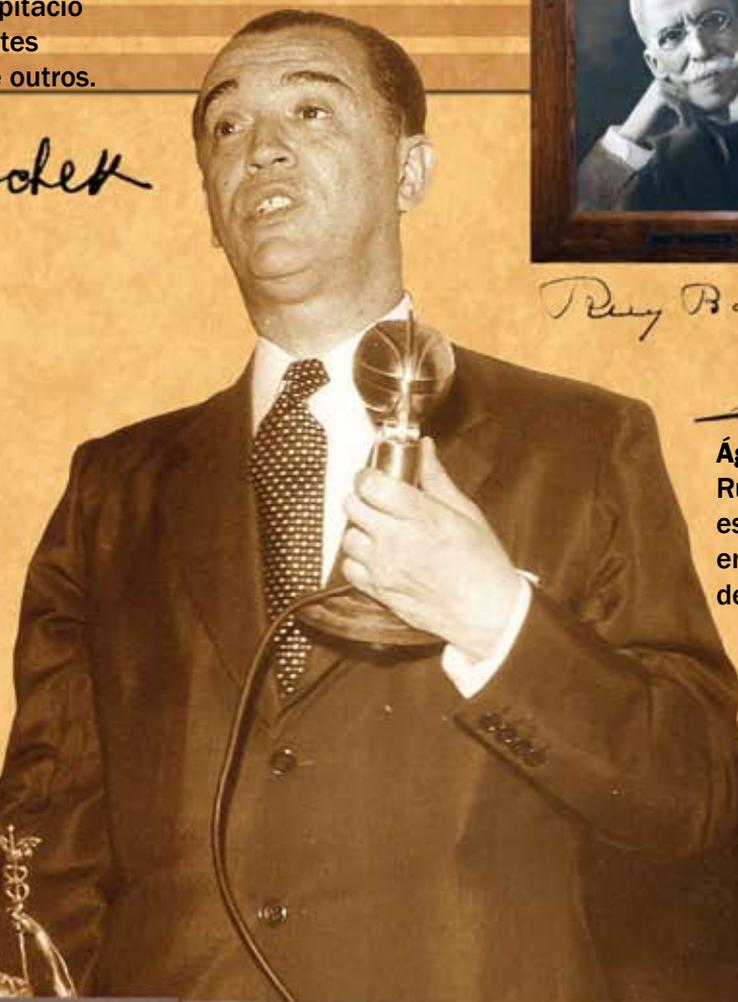
Kubitschek viria a Santos em duas ocasiões, em 1957, em companhia do governador de São Paulo, Jânio Quadros, e em 1963. O homem que mandou construir Brasília respeitava a cidade de Santos, para ele uma das mais importantes do País

*J. Quadros*



*Rui Barbosa*

Água de Haia  
Rui Barbosa  
esteve aqui  
em 22/12  
de 1890



# A sede

Apesar da grande demanda de esforços, a Associação Comercial souou muito para ver em pé sua tão sonhada sede própria, concluída no ano de 1924, após viver uma longa e complicada novela.

Durante o processo de construção aconteceram incêndios, embargos e paralisações por conta da falta de recursos. Apesar de tantos percalços, os membros da ACS não desistiram.

O início do final feliz foi 1920, na gestão de Antonio da Silva Azevedo Júnior (1915 e 1920 a 1924). Cansado de tantas trapalhadas, ele determinou que a construção ficaria a cargo da Companhia Construtora de Santos, a mesma que era responsável por outras obras de vulto na cidade e dona de um time de arquitetos arrojados. No portfólio da empresa, edificações majestosas como o prédio da Bolsa Oficial de Café, o edifício do Teatro Cassino Parque Balneário, o prédio da Companhia Frigorífica, o monumento e Panteão dos Andradas, entre outros.

A cerimônia de assentamento do marco fundamental foi concorrida. No dia 21 de agosto de 1921, estiveram presentes várias personalidades, incluindo o então presidente

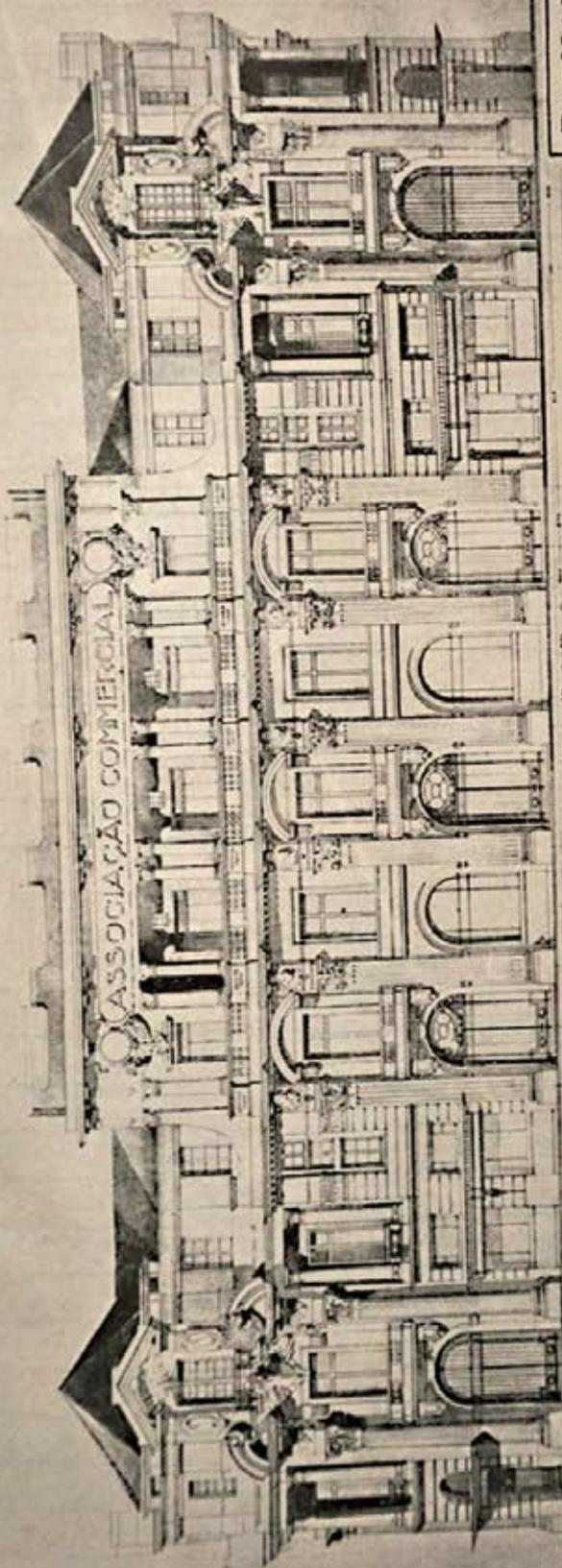
da República, Epitácio Pessoa; o presidente do Estado, Washington Luís Pereira de Sousa e o prefeito de Santos, cel. Joaquim Montenegro; além de diversos membros do Legislativo Federal, Estadual e Municipal, do Corpo Consular, entre outros.

Depois de um período conturbado, as obras acabaram concluídas em 1924, na administração de José Martiniano Rodrigues Alves (1923 a 1924).

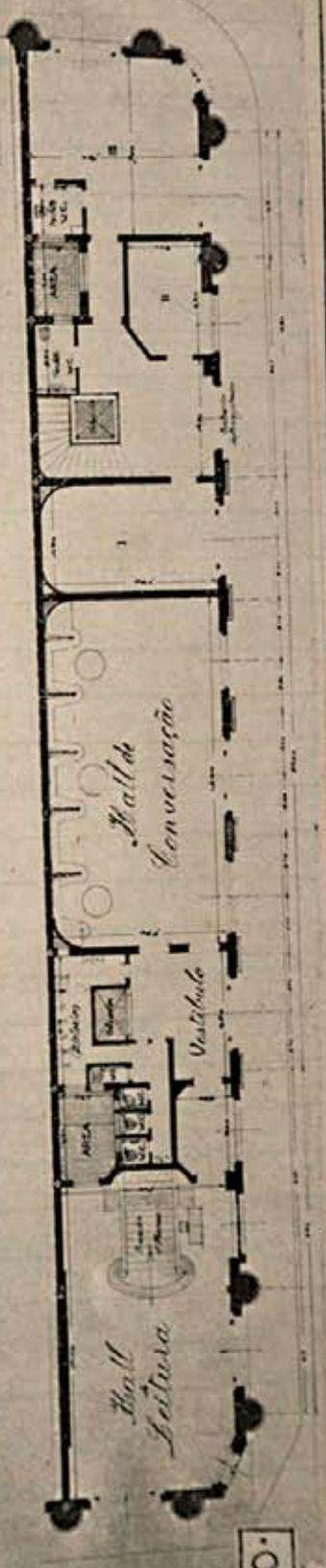
No prédio, erguido à Rua XV de Novembro, nº 135, com maior extensão voltada para a Rua Riachuelo, funcionaram inicialmente o Montepio Comercial e a Caixa Beneficente dos Auxiliares do Comércio Cafeeiro de Santos. O lote para construção da tão sonhada sede própria havia sido adquirido em 1883, após um incêndio ter destruído o prédio existente anterior.

Do ponto de vista arquitetônico, acompanhando as construções mais significativas daqueles anos, a sede da ACS obedeceu ao estilo eclético, com forte influência barroca. As fachadas, mantidas em excelente estado de conservação, apresentam riquezas nos detalhes, com suas sacadas, grandes janelas e portas balcão, com vista para o porto de Santos.





• FACHADA • PRINCIPAL •



• Z do CHÃO •

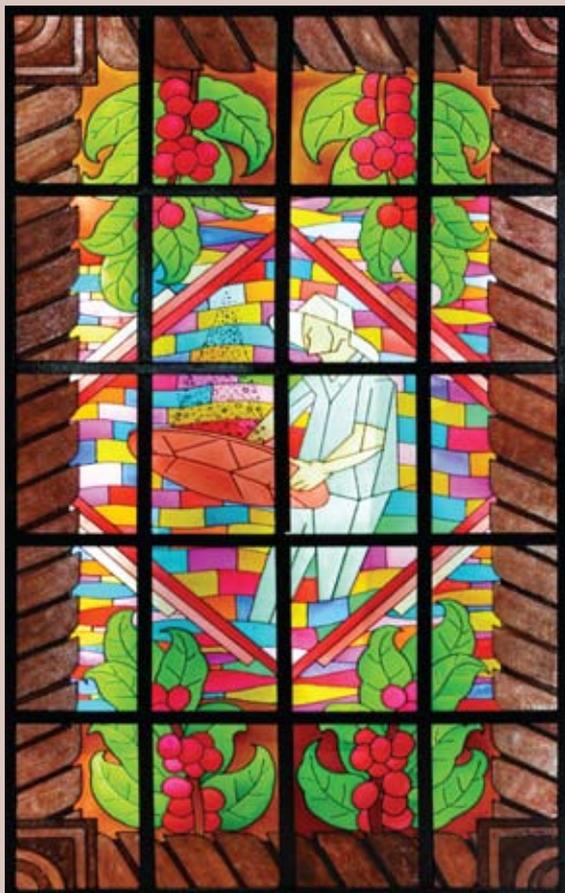
• Projecto do novo edificio da Associação Commercial de Santos •



**Obra engessada** - A Associação Comercial de Santos souu bastante para concluir as obras que dariam forma à sua sede definitiva, na Rua XV de Novembro. Só após contratar a Cia Construtora de Santos, responsável por projetos como o da Bolsa do Café, é que as coisas andaram



**Cartão Postal**– A sede da ACS é um dos mais belos edifícios do Centro Histórico de Santos, um cartão postal que denota a importância da entidade, tida como uma das mais bem estruturadas do País. Definitivamente, uma senhora de 140 anos enxutíssima!



# A relação com o café

Por ter sido fundada por legítimos barões do Café, a Associação Comercial de Santos, embora represente e tenha representado vários segmentos de outras *commodities* nacionais, mantém uma estreita relação histórica com o “ouro verde”. Na época de fundação da ACS, a cidade de Santos abrigava cerca de 50 armazéns de café, num tempo em que praticamente tudo na economia santista girava em torno do produto. Mesmo o tempo passando, as marcas do café ficaram indelévels na essência da Associação, notadamente visível em detalhes de suas instalações, como nos vitrais que adornam o teto da Sala de Classificação (páginas ao lado) e na calçada do entorno da sede (foto abaixo). Além disso, o prédio abriga equipamentos antigos diversos como torradores, moedores, balanças, sem falar no mobiliário original do período mais pujante do café. Todos esses elementos não permitem negar a forte influência do mercado cafeeiro na existência da ACS, desde a elaboração dos ideais estatutários, passando pela construção do imponente e centenário prédio até os dias de hoje.

## Café ainda faz parte do dia a dia

Com a credibilidade e a tradição de quem sempre dominou o mercado, a ACS ainda é responsável pela certificação e emissão de laudos de qualidade de café, sendo uma das entidades mais procuradas pelo mercado internacional. Em 1989, a Associação Comercial de Santos lançou um curso de classificação e degustação de café para aprimorar os padrões dos profissionais do setor. Ministrado até hoje, o painel tem reconhecimento internacional e já formou alunos de todos os continentes. Atualmente, o público japonês é o maior interessado, chegando em turmas exclusivas nos meses de julho, ocupando todas as vagas da edição anual.



# DEMOGRAFIA

# Ainda não bate

Na verdade, a marca está bem longe de ser alcançada, se avaliarmos o comportamento da evolução populacional dos últimos anos. Há três décadas que a cidade estancou na casa dos 415 a 420 mil, com a ressalva de que este último número ainda não

foi atingido. Os dados finais de 2010 apontaram uma população de 419.757 pessoas. O interessante deste censo é que Santos se tornou destaque nacional por ser a cidade com o maior número de mulheres em proporção aos homens. Foram contabilizadas 227.701

pessoas do sexo feminino, contra 192.056 do sexo masculino (54,2% a 45,8%).

A cidade de Santos tem sua população contada desde 1765. O primeiro censo foi executado por ordem do governador de São Paulo, o capitão-general d. Luís António

1765	1772	1790	1801	1814	1822	1843	1854	1872	1885	1890	1900
1.625	2.081	3.145	3.446	5.128	4.781	3.500	7.855	9.171	15.605	13.012	50.389

QUADRO BENEDITO CALIXTO DO MUSEU DO MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



**BEIJA MÃO**  
Quando esteve em Santos, em 5 e 6 de setembro de 1822, o Príncipe Regente D. Pedro promoveu uma longa sessão de *beija-mão*, cerimônia em que os súditos, tanto nobres como as pessoas mais simples, e até escravos, beijavam-lhe a mão direita antes de fazer um pedido. Tivesse toda a população santista lhe beijado a mão, Pedro ficaria com câimbra e arrependido desta ideia de maluco.

**EPIDEMIAS CAUSAM BAIXAS**  
A principal causa do saldo negativo demográfico de Santos, de 1885 a 1890, foi a saúde pública. Diversas epidemias (de varíola, febre tifóide, febre amarela e peste bubônica), além da tuberculose, contribuíram para a queda populacional.



**VOCÊ SABE ONDE MORA O JOÃO CAOLHO?**  
A vila era tão pequena que provavelmente todos os habitantes se conheciam. Um mexerico devia correr mais rápido que rastilho de pólvora!



SHUTTERSTOCK



FOTO MILITÃO AUGUSTO DE AZEVEDO - ACERVO IMS

**MORA BEM OU MORA MAL?**  
O recenseamento imperial de 1872 foi o primeiro que fez um levantamento sobre o tipo de moradia dos santistas. A cidade contava com 1.160 edificações térreas, 229 prédios com dois pavimentos e apenas 18 com três andares, normalmente ocupados por hotéis ou casas de comércio.

# mos os 500 mil

de Sousa Botelho Mourão. De lá pra cá foram realizados mais de 25 trabalhos de contagem. O último censo santista enquanto vila foi no mesmo ano em que a Independência foi proclamada. D. Pedro I, antes de sair da vila santista para cumprir seu destino às margens

do Ipiranga, conviveu por dois dias com parte das 4.781 almas que viviam por aqui, a maior parte composta por escravos.

Depois que se tornou cidade, em 1839, Santos testemunhou alguns booms demográficos, como o de 1890 para 1900, quan-

do os santistas praticamente quadruplicaram. Também aconteceram casos de demografia negativa, principalmente nos períodos em que a cidade viveu terríveis epidemias.

Veja algumas curiosidades que os censos de Santos deixaram para a história.

1913	1917	1935	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2007	2010
88.967	95.365	142.059	165.568	203.562	266.785	345.456	416.677	417.052	417.975	418.288	419.757

ACERVO FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS - FAMS



## A CIDADE DA TERCEIRA IDADE

A popularização de Santos como estância balneária elevou a quantidade de moradores na cidade. Aposentados de várias regiões do Estado optaram por levar uma vida melhor perto das praias santistas.

## QUEM MANDA AQUI SÃO AS MULHERES

O último censo realizado em Santos (pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) mais uma vez mostrou que são as mulheres quem mandam nas estatísticas demográficas e, em muitos casos, na vida dos homens santistas.

O fato novo é que Santos foi apontada como a cidade mais feminina do Brasil! São 227 mil contra 190 mil (54,2% x 45,8%).

## CHEGADA DOS IMIGRANTES

A quantidade de imigrantes que chegava pelo Porto de Santos era absurda, desde a virada dos séculos XIX para o XX. Muitos acabavam ficando por aqui para aproveitar as oportunidades de trabalho que os negócios relacionados ao café proporcionavam. A cidade crescia a olhos vistos e sua população praticamente quadruplicou de 1890 a 1900. Nos anos seguintes a tendência continuou, chegando a cidade a ter no início da década de 40 onze vezes mais pessoas do que 50 anos antes.



ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO - SÃO PAULO



FOTO: SERGIO WILLIANS



## ÁGUA NÃO TEM GOSTO, CHEIRO OU COR. MAS TEM CUIDADO DE SOBRA.

Cuidar tão bem da água é o que faz a Sabesp ficar cada vez mais próxima de você. Foi assim que ela se tornou a maior companhia de água e saneamento das Américas e uma das maiores do mundo, atendendo mais de 26 milhões de clientes no Brasil e no exterior. Cuidando, tratando e respeitando a água. Com esse trabalho todos os dias, dá até para dizer: a gente respira água.

A GENTE RESPIRA ÁGUA.



sabesp



GOVERNO DO ESTADO  
**SÃO PAULO**  
CADA VEZ MELHOR